



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ - SC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

ANA CRISTINA AGNOLETTO

**DISCURSOS ANTIGLOBALISTAS DURANTE O PERÍODO DE TRANSIÇÃO PARA
O GOVERNO BOLSONARO (2018/2019)**

**CHAPECÓ
2020**

ANA CRISTINA AGNOLETTO

**DISCURSOS ANTIGLOBALISTAS DURANTE O PERÍODO DE TRANSIÇÃO PARA
O GOVERNO BOLSONARO (2018/2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, sob a orientação do Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira.

**CHAPECÓ
2020**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Agnoletto, Ana Cristina

Discursos antiglobalistas durante o período de transição para o governo Bolsonaro (2018/2019) / Ana Cristina Agnoletto. -- 2020.

126 f.:il.

Orientador: Doutor Eric Duarte Ferreira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, SC, 2020.

1. Análise de Discurso. 2. Antiglobalismo. 3. Globalismo. 4. Discurso Bolsonarista. 5. Discurso Político. I. Ferreira, Eric Duarte, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANA CRISTINA AGNOLETTO

**DISCURSOS ANTIGLOBALISTAS DURANTE O PERÍODO DE TRANSIÇÃO PARA
O GOVERNO BOLSONARO (2018/2019)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 31/08/2020.

Aprovado em: 31/08/2020


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira- UFFS
Presidente da banca / orientador



Prof. Dr. Fernando Vojniak- UFFS
Membro titular externo



Prof. Dr. Valdir Prigol – UFFS
Membro titular interno

Prof.^a Dr.^a Maria José Laiño – UFFS
Membro suplente

Chapecó-SC, agosto de 2020.

Dedico aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com muito carinho, aos que estiveram comigo nesta caminhada marcada por desafios e fartos aprendizados.

Aos meus pais, pelo suporte, pelo incentivo constante e pelo amor sem medida.

Ao Prof. Eric Duarte Ferreira, orientador desta pesquisa, pelos ensinamentos, pela paciência e pelo estímulo às leituras e às reflexões.

Aos professores da linha de pesquisa *Práticas Discursivas e Subjetividades*, do PPGEL, pelas aulas de Análise de Discurso, base para o desenvolvimento da minha escrita.

Aos professores membros da banca, Prof. Valdir Prigol e Prof. Fernando Vojniak, pelas valiosas contribuições para a pesquisa.

À Prof^a Angela Derlise Stübe, suplente da banca de qualificação, e à Prof^a Maria José Laiño, suplente da banca de defesa, por terem aceitado o convite para participar da arguição.

À colega e amiga Camila Regina Fontana, pelo apoio durante a qualificação e a defesa, pela escuta ativa e pela parceria nos momentos de angústia e de alegria.

Às colegas da turma do PPGEL, pelas rodas de conversa, pela motivação e pela troca de experiências. Um abraço especial a Suelen Benck, parceira de bolsa Fapesc.

Ao Prof. Marcelo Krug, pela motivação constante e por confiar na minha capacidade.

À UFFS, pela oportunidade de concretizar meu sonho de cursar Mestrado, e à secretaria e à coordenação do PPGEL, pelo suporte nos encaminhamentos da bolsa, do estágio e das demais questões necessárias ao cumprimento dos componentes curriculares.

À turma do 3º período de Letras da UFFS em 2019.1, pela atenção e pela dedicação à disciplina de Linguística Textual no período em que atuei como estagiária na turma.

À FAPESC, pelo fomento à pesquisa e pelo auxílio financeiro durante o período de um ano de curso.

À professora da Unochapecó, Márcia de Souza, pelo incentivo e pelos ensinamentos durante a graduação em Letras, e pelo auxílio no processo seletivo para o Mestrado.

À colega de profissão Daiana Dall Igna, pelas dicas preciosas para o processo seletivo do PPGEL, durante os curtos intervalos de aula quando atuávamos na EBM Jacob Gisi.

Ao administrativo e ao pedagógico da EEB Bom Pastor, pelo apoio e pela compreensão nos momentos mais decisivos da conclusão desta dissertação.

Ao Rafael, pelo amor e pela parceria em toda a trajetória do curso.

A Deus, pela vida, pela saúde, pelas conquistas e pela oportunidade para seguir a cada dia o meu caminho.

RESUMO

Na transição para o governo Bolsonaro no Brasil (2018/2019), verifica-se uma profusão de discursos contra uma suposta ordem globalizante vigente, frequentemente denominados de discursos “antiglobalistas”. Esta dissertação se insere no campo de estudos do discurso e, a partir de Michel Foucault e de outros autores, busca analisar a formação e o funcionamento desses discursos antiglobalistas, quando proferidos pelo Presidente e pelo Ministro das Relações Exteriores na esfera do debate público. Considerando esse contexto, a dissertação tem como *corpus* de análise os discursos da vitória e da posse do Presidente eleito em outubro de 2018, Jair Messias Bolsonaro, e também o discurso de posse do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Henrique Fraga Araújo. O recorte temporal investigativo, portanto, refere-se ao período de 28 de outubro de 2018 a 02 de janeiro de 2019, e, como problema de pesquisa, busca-se compreender como é formulada a crítica ao globalismo, este como ordem em que se considera estar associada a princípios da esquerda do espectro político brasileiro. Desse modo, a pesquisa tem como objetivos específicos: analisar efeitos de sentido produzidos pela relação antagônica entre globalização e globalismo na transição para o governo Bolsonaro (2018/2019); compreender como o antiglobalismo, enquanto objeto de discurso, constrói-se pelo deslocamento e pela ruptura com uma suposta ordem globalizante; discutir o lugar do globalismo na pós-modernidade, de acordo com os discursos da transição governamental. Esta dissertação está dividida em duas partes. Na primeira parte, denominada *O objeto e o entorno discursivo*, aborda-se a relação entre globalismo e globalização, o aparecimento do antiglobalismo na transição de governo, as referências estadunidenses e olavistas, os posicionamentos políticos antagônicos, a forma do liberalismo no governo Bolsonaro e críticas aos discursos antiglobalistas. Na segunda parte, intitulada *O olhar que interpreta*, analisam-se sequências discursivas selecionadas do *corpus*, com vistas à exposição de efeitos de sentido, e também se estabelecem relações com a retórica. Por fim, expõem-se algumas considerações sobre o modo como a discursividade antiglobalista bolsonarista apresenta alguns recursos persuasivos, categorizações, opiniões e crenças em prol da mobilização do enunciário contra o suposto globalismo e o seu viés ideológico.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Antiglobalismo. Globalismo. Discurso Bolsonarista. Discurso Político.

ABSTRACT

During the transition to Bolsonaro government in Brazil (2018/2019), there is a profusion of discourses against an alleged current globalizing order, often called “anti-globalist” discourses. This dissertation is situated in the discourse studies field and, from Michel Foucault and other authors, it seeks to analyze the formation and functioning of these anti-globalist speeches, when it is pronounced by the President and the Minister of Foreign Affairs in the sphere of public debate. In this context, this dissertation has as its *corpus* of analysis the victory and inauguration speeches of the President elected in October 2018, Jair Messias Bolsonaro, and also the inauguration speech of the Minister of Foreign Affairs, Ernesto Henrique Fraga Araújo. The investigative time clipping, therefore, refers to the period from October 28th, 2018 to January 2nd, 2019, and, as a research problem, we seek to understand how criticism of globalism is formulated, this as an order which is considered to be associated with principles of the left of the Brazilian political spectrum. Thus, the research has as specific objectives: to analyse effects of meaning obtained by the antagonistic relationship between globalization and globalism in the transition to the Bolsonaro government (2018/2019); to understand how anti-globalism, as an object of discourse, builds itself by the displacement and rupture with an alleged globalizing order; to discuss the place of globalism in postmodernity, according to the government transition speeches. This dissertation is divided into two parts. The first part, called *The object and the discursive surroundings*, approaches the relationship between globalism and globalization, the emergence of anti-globalism at the government transition, the American and Olavistas references, the antagonistic political positions, the form of liberalism in Bolsonaro government and criticisms to anti-globalist discourses. In the second part, entitled *The look that interprets*, selected discursive sequences from the *corpus* are analyzed, with the aim to expose the effects of meaning, and also relationships are established with rhetoric. Finally, some considerations about the way in which Bolsonarist anti-globalist discourse presents some persuasive resources, categorizations, opinions and beliefs in favor of the enunciatee's mobilization against the alleged globalism and its ideological bias are presented.

Keywords: Discourse Analysis. Anti-globalism. Globalism. Bolsonarista discourse. Political discourse.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Contexto de ocorrência do objeto de discurso: campo associado.....	36
Ilustração 2 - Conservadorismo e Progressismo: Edmund Burke X Thomas Paine.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sequências Discursivas: A fala oficial de Bolsonaro (Discursos I, II, III e IV).....	64
Quadro 2 - Sequências Discursivas: A fala oficial de Araújo (Discurso V).....	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD - Análise de Discurso

Brexit - British exit

EUA - Estados Unidos da América

FD - Formação Discursiva

FDAB - Formação Discursiva Antiglobalista Bolsonarista

FUNAG - Fundação Alexandre de Gusmão

IPRI - Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

MEC - Ministério da Educação

Mercosul - Mercado Comum do Sul

MRE - Ministério das Relações Exteriores

ONGs- Organizações não governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

PSL - Partido Social Liberal

PT - Partido dos Trabalhadores

SD - Sequência Discursiva 1 (2,3...)

UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
---------------------------	-----------

PRIMEIRA PARTE - O OBJETO E O ENTORNO DISCURSIVO

2 CAPÍTULO I: A FORMAÇÃO DO OBJETO DE DISCURSO	21
2.1 A CONSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO DISCURSIVA POR MICHEL FOUCAULT	26
2.2 O CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO E O GLOBALISMO	28
2.3 O APARECIMENTO DO ANTIGLOBALISMO NO GOVERNO BOLSONARO	33
2.3.1 O objeto discursivo e os discursos adjacentes	37
2.4 REDE DE MEMÓRIA DISCURSIVA BOLSONARISTA: REFERÊNCIAS ESTADUNIDENSES E OLAVISTAS	40
3 CAPÍTULO II: POSICIONAMENTOS ANTAGÔNICOS NO ESPECTRO POLÍTICO	46
3.1 A DIVISÃO POLÍTICA DIREITA/ESQUERDA E CONSERVADORISMO/ PROGRESSISMO	46
3.2 O LIBERALISMO NO POSICIONAMENTO CONSERVADOR DO GOVERNO BOLSONARO	54
3.3 GLOBALISMO COMO DISCURSO AGONÍSTICO	57

SEGUNDA PARTE - O OLHAR QUE INTERPRETA

4 CAPÍTULO III: O OBJETO À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO	61
4.1 A FORMAÇÃO DISCURSIVA ANTIGLOBALISTA BOLSONARISTA (FDAB)	62
4.2 ANTIGLOBALISMO NAS FALAS OFICIAIS: ANÁLISE DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS	62
4.2.1 “Nós” contra o globalismo: a fala de Bolsonaro	63
4.2.2 “Ele”, “Eu” e “Nós” sem medo: a fala de Araújo	76
4.2.3 Regularidade Interna: uma leitura do percurso analítico	84
5 CAPÍTULO IV: LINGUAGEM, POLÍTICA E ANTIGLOBALISMO	86
5.1 O DISCURSO PERSUASIVO	87
5.2 OS “ISMOS” DE OUTREM: MARXISMO CULTURAL, POPULISMO E NIILISMO	92
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100
ANEXO A	108
ANEXO B	111
ANEXO C	113
ANEXO D	115
ANEXO E	117

1 INTRODUÇÃO

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Michel Foucault

O processo eleitoral do ano de 2018 para a escolha do novo Presidente do Brasil foi marcado por debates entre partidos de diferentes posicionamentos políticos, da extrema direita à extrema esquerda, e por expectativas de mudanças para o cenário político brasileiro nos anos seguintes. Desde 2003, o Brasil estava sob o comando de representantes de um partido considerado mais alinhado ao movimento de esquerda, exceto no período em que Michel Temer, do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), assumiu a Presidência. Luiz Inácio Lula da Silva, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), governou o País por oito anos e, após, em 2010, foi eleita a petista Dilma Rousseff, sendo reeleita em 2014. Em 2016, porém, ocorreu o Impeachment da presidente e Michel Temer, vice-presidente da chapa de Dilma, assumiu o cargo até 2018, quando se realizaram novas eleições.

Nos anos do governo de Lula e de Dilma tramitaram no Congresso Nacional, no Senado e também em jornais, em revistas, na televisão e em outros veículos de comunicação, denúncias de corrupção e escândalos, como o desvio de recursos da Petrobras (ÁLVARES, 2018). Conforme Tatagiba, Trindade e Teixeira (2015, p. 198), desde 2007 são observados protestos no Brasil contra o PT e contra a corrupção “[...] a partir de um discurso que associa os governos petistas ao mau uso da máquina pública.”

Em 2018, Fernando Haddad, do PT, disputou a Presidência da República tendo como principal candidato de oposição Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), à época das eleições. Durante a campanha, Bolsonaro pouco participou de debates promovidos por veículos de comunicação. Gustavo Bebianno, presidente em exercício do PSL em agosto de 2018, afirmou ao portal de notícias *UOL* que os debates pouco acrescentariam à campanha de Bolsonaro, pois se organizavam por métodos antigos, como a exposição de ideias em tempo controlado. A *Folha de São Paulo* (2018) contabilizou na campanha de Bolsonaro o foco em transmissões em redes sociais, entrevistas à imprensa e outros atos de campanha, em detrimento de participações em debates. Assim, por um lado, observa-se uma substituição do método de campanha para conquistar os eleitores, do velho para o novo, quer dizer, do debate

costumeiramente transmitido pelo rádio e ou pela televisão para o foco em mídias digitais emergentes no contexto globalizado. Por outro lado, há uma lacuna representada pela falta de discussão do plano de governo com os demais candidatos à Presidência da República.

Bolsonaro, eleito em segundo turno, no dia 28 de outubro de 2018, tanto na campanha eleitoral quanto nos discursos da vitória e da posse no Congresso Nacional, destacou temas conservadores como a valorização da família, o respeito às religiões e o amor à pátria, além da necessidade de ações de combate à corrupção. Cabe salientar que, segundo Koerner e Shilling (2015), a corrupção tem sido utilizada como tema frequente em disputas políticas. Este é um dos pontos mencionados pelo Presidente eleito em seus discursos.

O antiglobalismo surgiu no contexto de transição de governo como discurso para o fortalecimento da soberania nacional. No mesmo percurso estratégico, o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Henrique Fraga Araújo, anunciado para o cargo em 14 de novembro de 2018, pelo Presidente eleito, foi nomeado para seguir os caminhos da política externa pretendida. A posse do Ministro ocorreu em 02 de janeiro de 2019. Em um dos discursos da vitória, em 28 de outubro de 2018, o Presidente eleito mencionou a necessidade de ter no Brasil um Ministro das Relações Exteriores que tivesse contato com o mundo todo sem prejudicar as empresas brasileiras.¹

Nesta dissertação, realiza-se uma leitura do objeto discursivo antiglobalismo para analisar efeitos de sentido de discursos proferidos pelo novo Presidente e também pelo Ministro nomeado para o Ministério das Relações Exteriores (MRE). Conforme publicação de Mello (2018), pela *Folha de São Paulo*, o Ministro das Relações Exteriores teria sido indicação de Olavo de Carvalho, após elogios do escritor conservador ao ensaio que Araújo escreveu para os Cadernos do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI), em 2017. Nesse ensaio, Araújo posiciona-se contra o globalismo. Também, segundo Mello (2018), a experiência de Araújo na embaixada do Brasil em Washington, nos Estados Unidos, entre 2010 e 2015, seria um ponto forte para a política externa pretendida por Bolsonaro, em alinhamento com o governo estadunidense.

Observamos que o aparecimento do antiglobalismo, no período da transição de governo, está situado num contexto favorável para a sua emergência, pois, as propostas de campanha eleitoral, num período como esse, começam a ser projetadas para implementação

¹ Informações contidas no terceiro discurso da vitória do Presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, em 28 de outubro de 2018, transmitido pela rede social *Facebook* (Anexo D).

no País pelos novos ocupantes dos cargos públicos, e a população aguarda por renovação política que melhore e ou transforme práticas em diversas áreas, como a economia. Michel Foucault (2013) salienta que falar sobre algum tema exige um momento propício, há um feixe de relações que se estabelecem de uma forma positiva (produtiva) para que o objeto discursivo venha à tona. Essas relações, indicadas pelo autor francês, não estão presentes no objeto ou definem a sua constituição, mas determinam o que lhe permite aparecer, situando-o e colocando-o na exterioridade.

O objeto discursivo antiglobalismo não foi criado na campanha eleitoral ou no período de transição do governo, emergiu como tema para as propostas de trabalho sobre política internacional num ambiente favorável para reflexão de diretrizes governamentais passadas e futuras. Conforme Velasco e Cruz, Kaysel e Cudas (2015, p. 8), em toda a América Latina “assistimos ao reagrupamento de forças no campo do conservadorismo, com a emergência de novas caras, a atualização do discurso e o emprego de estratégias e táticas novas”. Logo, a direita, representada por Bolsonaro, apresenta traços do que se poderia apontar, ainda que provisoriamente, como “nova direita”.²

Segundo David Harvey (2001), é comum na esfera política a construção de um imaginário sobre acontecimentos positivos que possam vir a se instaurar. Então, associando esta observação de Harvey à posse de Bolsonaro, que se apresentou nas eleições como candidato de oposição à esquerda de Lula e Dilma, considera-se que parte da população alimenta-se de uma atmosfera de possíveis mudanças na condução do governo brasileiro, sobre ações e programas voltados a diversos setores de desenvolvimento do País. E, neste cenário de movimentação política, as exposições públicas de cunho antiglobal ganham força ao promover a preservação da unidade nacional.

Posicionamentos contrários a certos resultados da globalização são observados, ou seja, de oposição à relação cada vez mais estreita entre nações, pois, pelos defensores do nacionalismo, esta vinculação faria com que a soberania e a identidade de cada país sejam abaladas. Uma relação agonística se estabelece pois, enquanto os discursos antiglobalistas fazem menção a consequências negativas quando se pensa em alguns aspectos do estreitamento global, alguns críticos, como Paulo Roberto de Almeida (2017), são descrentes

² A nomeação nova direita é provisória, pois ela apresenta contradições. Há muitas questões da velha direita na suposta nova direita, por exemplo: “[...] a nova direita na América Latina é uma postura política que conserva [...] o capitalismo como modelo econômico e preceitos morais tradicionais [...]” (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER, 2015, p. 121, grifo do autor).

quanto à própria existência do globalismo, um processo que culminaria num movimento diferente daquele da globalização, ou seja, as relações globais não trariam os malefícios que os antiglobalistas apontam.

Os discursos selecionados para o *corpus* manifestam o desejo de retomada da condição em que o Brasil estaria antes dos efeitos do globalismo, de restauração da pátria e de engrandecimento perante outras nações. Como poderá ser visto adiante, na análise, o globalismo estaria associado a uma unificação mundial que provocaria a destruição de valores tradicionais, embora o País deva se aproximar das nações mais desenvolvidas como os Estados Unidos para realizar acordos comerciais: “libertaremos o Brasil e o Itamaraty das relações internacionais com viés ideológico a que fomos submetidos nos últimos anos. O Brasil deixará de estar apartado das nações mais desenvolvidas [...]” (BOLSONARO, 2018c). Logo, é importante compreender o funcionamento dos discursos antiglobalistas e as filiações ideológicas envolvidas nos discursos oficiais. A estrutura desta pesquisa remete-se, com frequência, aos discursos oficiais do *corpus*.

O Presidente eleito profere nos discursos da vitória (2018) e da posse no Congresso Nacional (2019), que é preciso libertar o Brasil das relações com viés ideológico, marca linguística que se repete nos discursos oficiais. A defesa da liberdade é apresentada, nos discursos, como um princípio do governo Bolsonarista, pois, o Presidente conecta a falta de liberdade à submissão do País aos interesses alheios, anunciando que “o Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas” (BOLSONARO, 2019).

Há um indicativo de manutenção de relações internacionais ao ser defendida a abertura dos mercados e a competição, mas com a orientação de não haver um viés ideológico. Conforme Stephen Hicks (2011), um dos temas pós-modernos, em termos de debates acadêmicos e culturais, é o Coletivismo como ideologia em que “a vontade de cada indivíduo deixa de ser individual para tornar-se comum ou geral e colocar-se sob a condução dos representantes de todos” (HICKS, 2011, p. 120). Expressando-se como movimento de direita, o governo pretende libertar os indivíduos de um suposto coletivismo, de ideias socialistas e ou comunistas, e propiciar um liberalismo identificável como anti-ideológico para a população.

O Ministro das Relações Exteriores destaca, em seu discurso de posse, que vai lutar para reverter o globalismo e “devolver o Brasil aos brasileiros” (ARAÚJO, 2019a). Além disso, estabelece conexões com os discursos do Presidente eleito, que podemos relacionar

como uma rede de memória discursiva da transição de governo, como uma reafirmação, especialmente quando enfatiza: “[...] vamos também libertar a política externa brasileira, vamos libertar o Itamaraty, como o Presidente Bolsonaro prometeu que faríamos, em seu discurso de vitória.” (ARAÚJO, 2019a). O Ministro busca o reconhecimento das raízes heróicas brasileiras apontando que, a partir do novo governo, o Itamaraty regressará à pátria e, para isso, não se deve mergulhar “nessa piscina sem água que é a ordem global” (ARAÚJO, 2019a). No discurso, a proposição antiglobalista inclui transações comerciais sem agradar os supostos administradores da ordem global.

Há na crítica política, como a do jornalista Reinaldo Azevedo (2018), durante o período de transição, a identificação de inspiração antiglobalista oriunda do escritor Olavo de Carvalho, que prega a existência de uma aliança entre o globalismo e o “marxismo cultural”.³ Carvalho reside nos Estados Unidos, tem livros publicados e ministra alguns cursos que incluem política como tema.

Azevedo (2018) também observa nos discursos antiglobalistas menções à política estabelecida pelo Presidente Donald Trump nos Estados Unidos, também de defesa da cultura e da tradição nacional, além de reflexões acerca de uma possível decadência cultural do Ocidente.

Pelas exposições de Harvey (2001), quando se pensa o cenário da pós-modernidade, percebe-se que há pouco espaço para a continuidade de valores e crenças, pois há um turbilhão de mudanças que afetam o cotidiano dos sujeitos, o que é moderno está permeado pelo fugidio, fragmentário e pelo contingente, pela dificuldade de preservação e também por uma inclinação ao caos. Perante isso, observamos que o antiglobalismo busca promover uma oposição a esse cenário sem fixidez, porque pretende evitar questões de dissolução de fronteiras e também de hibrididade cultural. É como se o antiglobalismo quisesse evitar se contagiar por sintomas de uma pós-modernidade que ameaçaria a cultura, os laços familiares, a religião e as tradições nacionais, quer dizer, a estabilidade e a suposta unicidade de uma nação.

Diante do contexto apresentado, o objetivo geral desta dissertação é analisar a formação e o funcionamento dos discursos antiglobalistas, quando proferidos pelo Presidente e pelo Ministro das Relações Exteriores na esfera do debate público. Como problema de pesquisa, buscamos compreender como é formulada a crítica ao globalismo,

³ Este termo será explicitado posteriormente.

este como ordem em que se considera estar associada a princípios da esquerda do espectro político brasileiro. Além disso, a pesquisa tem como objetivos específicos: analisar efeitos de sentido produzidos pela relação antagônica entre globalização e globalismo na transição para o governo Bolsonaro (2018/2019); compreender como o antiglobalismo, enquanto objeto de discurso, se constrói pelo deslocamento e pela ruptura com uma suposta ordem globalizante; discutir o lugar do globalismo na pós-modernidade, de acordo com os discursos da transição governamental.

Para atender aos objetivos propostos, esta dissertação se constitui pela base teórico-metodológica da Análise de Discurso (AD). Como *corpus* de pesquisa, são analisados os discursos da vitória e da posse⁴ do Presidente eleito em outubro de 2018, Jair Messias Bolsonaro, e também o discurso da posse do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Henrique Fraga Araújo. O recorte temporal investigativo, portanto, refere-se ao período de 28 de outubro de 2018 a 02 de janeiro de 2019, e os discursos são coletados em material veiculado na internet.

A fim de atender ao propósito de compreensão da formulação dos discursos antiglobalistas pela análise das falas do Presidente e do Ministro das Relações Exteriores, as referências teóricas desta pesquisa contemplam os temas da formação e da emergência dos objetos de discurso e das formações discursivas nos estudos de Michel Foucault. Nesse ponto, ressaltamos que, para pesquisar sobre um objeto é necessário que não saibamos o que ele é, “a escrita da pesquisa deve ser como uma lanterna que ilumina, ponto a ponto e passo a passo, um fundo sem luz” (SEVERIANO, 2016, p. 268). Dessa forma, o sujeito pesquisador coloca-se numa posição de não saber e se desvencilhando de julgamentos, esse é o guia de estudo sobre o objeto discursivo.

Na presente dissertação é abordada a relação entre globalismo e globalização, o aparecimento do antiglobalismo na transição de governo, as referências estadunidenses e olavistas, os posicionamentos políticos antagônicos, a forma do liberalismo no governo Bolsonaro, algumas críticas aos discursos antiglobalistas e a relação entre linguagem, política e antiglobalismo com a observação de aspectos retóricos. São utilizadas matérias jornalísticas para observar como a crítica está recebendo e difundindo o antiglobalismo. Também são observados textos de blogs e de produções audiovisuais, circulados em arquivos digitais, nos quais se percebem reflexões e posicionamentos sobre o globalismo e o antiglobalismo.

⁴ Discurso durante a cerimônia da posse no Congresso Nacional

O estudo do *corpus* contempla a teoria de enunciação, logo, um movimento de observação da superfície do texto possibilita ampliar os resultados e as articulações de efeitos de sentido. Conforme Orlandi (2015), autora brasileira que opera dentro de uma chave pecheuxtiana de análise, no funcionamento da linguagem os sujeitos e os sentidos são afetados pela língua e pela história, trata-se da realização de um discurso que não é mera transmissão de informação, os sujeitos constituem-se e os sentidos são produzidos. Assim, as relações estabelecidas provocam efeitos variados, pois “discurso é efeito de sentidos entre locutores.” (ORLANDI, 2015, p. 20). Cabe frisar, portanto, que a língua não é apenas um código, os sujeitos significam-se no funcionamento desta.

Na materialidade discursiva dos discursos oficiais, alvos dessa pesquisa, são colhidas menções ao objeto escolhido como ponto de partida da análise, desse modo, é apresentado, *a priori* da análise, um entorno contextual sobre o antiglobalismo. Como Eco (2010, p. 21) aponta, “definir o objeto significa então definir as condições sob as quais podemos falar, com base em certas regras que estabelecemos ou que outros estabeleceram antes de nós.” Assim, pela perspectiva da Análise de Discurso e com o auxílio dos estudos de Foucault, estabelecemos regras de delimitação para um objeto discursivizado.

O texto dissertativo apresenta um movimento metodológico constante, quer dizer, a estrutura textual realiza um movimento de vai e vem caracterizado como pendular por Petri (2013). A autora assinala que na AD construímos um dispositivo analítico próprio ao material que analisamos, cada análise é singular e trabalhamos com o desconforto da incompletude e da contradição à espreita de uma reconfiguração e um movimento constante. O conjunto de noções básicas é o ponto de partida, mas “não há uma predeterminação que estabeleça onde tem início o movimento pendular que o analista de discurso realiza em seu trabalho, ele pode ou não ter início na teoria.” (PETRI, 2013, p. 42). A partida do movimento, às vezes, é o próprio contato com o objeto de análise. É no ir e vir, da teoria para a análise ou da análise para a teoria que o pêndulo estimula a produção de sentidos sobre o material analisado, conforme Petri (2013).

Compreendemos a importância desta pesquisa porque os discursos de transição de governo provocam novos rumos nas mais diversas áreas de desenvolvimento do País. O antiglobalismo pode provocar reordenamentos políticos internacionais que ressoam para além das relações com outras nações, assim, os posicionamentos em outras esferas públicas também serão observados. O Presidente eleito, em um dos discursos da vitória, indica que

junto ao Ministério da Educação (MEC) será deixado de lado “qualquer temática voltada para a ideologia [...]” (BOLSONARO, 2018a). Como nas relações exteriores, percebe-se a inclusão em outras áreas do governo do que é tratado como uma questão ideológica.

Durante o processo de investigação, o funcionamento dos discursos antiglobalistas pode conduzir a uma determinação para o sentido de ideologia, ou seja, a marca discursiva “sem viés ideológico” para as relações brasileiras com o mundo, pode indicar que ter o posicionamento antiglobal é ter uma postura supostamente anti-ideológica.

Para o trabalho de pesquisa, segundo Eco (2010, p. 10, grifo do autor), “[...] *quanto mais se restringe o campo, melhor e com mais segurança se trabalha*”. Salienta-se, portanto, que o recorte temporal selecionado para a análise é uma delimitação ou, como expressado por Foucault (2013) em *A arqueologia do saber*, estamos circunscrevendo uma região discursiva. No decorrer do trabalho são mencionados discursos pré e pós-transição para ampliar as análises. Este é um trabalho que não encerra as discussões sobre o antiglobalismo no governo, afinal, o discurso não se fecha, ele está aberto a outros olhares, outras perspectivas e também a outros recortes temporais e ou textuais. Assim como o pêndulo que está num movimento sem fim, “[...] tomamos o discurso que analisamos como algo que é de impossível demarcação de uma origem primeira e que nunca tem fim, já que sempre há o que compreender dele.” (PETRI, 2013, p. 44), visto que permanentemente haverá coisas a saber.

Destacamos que esta dissertação é parte constituinte do projeto guarda-chuva *O último Foucault: ética, Cristianismo e neoliberalismo*, coordenado pelo Professor Doutor Eric Duarte Ferreira e integrado à linha de pesquisa *Práticas Discursivas e Subjetividades*, do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó.

Dadas essas considerações iniciais, apresentamos a divisão desta pesquisa. A primeira parte compõe-se de dois capítulos com vistas a identificar e compreender a formação do objeto discursivo antiglobalismo. A segunda parte, composta também por dois capítulos, especifica os arranjos que permitem realizar a análise e produzir efeitos de sentido sobre o funcionamento do objeto discursivo.

Na primeira parte, o Capítulo I trata da formação do objeto de discurso observando o modo da sua emergência, as nuances contextuais, as relações com a globalização e as referências implicadas no encontro da memória discursiva com sua atualização na conjuntura antiglobalista brasileira. No Capítulo II abordam-se os posicionamentos antagônicos no

espectro político, a divisão histórica entre direita e esquerda, a manifestação do liberalismo no governo Bolsonaro e também apresentam-se críticas ao discurso antiglobalista brasileiro.

Na segunda parte, articula-se a noção de Formação Discursiva (FD) para delinear um conjunto de saberes acerca do antiglobalismo no período de transição de governo, no Capítulo III. Para isso, propõe-se a construção de dois quadros com sequências discursivas selecionadas a partir dos discursos oficiais, os quais permitem analisar os efeitos de sentido de forma mais aprofundada. Além disso, para amplificar as análises, no Capítulo III também são aplicadas noções da teoria da enunciação. E, por fim, no Capítulo IV aborda-se a relação linguagem, política e antiglobalismo, com a análise de aspectos retóricos observados no *corpus* e da discursividade dos “ismos” de outrem: marxismo cultural, populismo e niilismo.

2 CAPÍTULO I: A FORMAÇÃO DO OBJETO DE DISCURSO

Estamos historicamente consagrados à história, à paciente construção de discursos sobre os discursos, à tarefa de ouvir o que já foi dito

Michel Foucault

Em primeiro lugar, temos que no percurso da investigação científica, pela perspectiva de Michel Foucault, é preciso escapar a valores, suposições, crenças e pré-conceitos e compreender que há diferentes pontos de vista e posicionamentos no caminho investigativo. Dessa forma, Severiano (2016, p. 267, grifo do autor) esclarece que é preciso “*suspender as certezas, colocar-se numa posição de não-saber e exercitar a liberdade do pensamento [...]*”, pois, trata-se de examinar com zelo científico o objeto de pesquisa. O processo da formação do objeto antiglobalismo, nesta dissertação, é investigado com o auxílio de estudos discursivos contidos nas obras *A arqueologia do saber* e *O nascimento da clínica*, ambas de Foucault. Compreendemos que a política pode se ocupar de diversos objetos discursivos. Podem surgir objetos novos, alguns são suprimidos e outros reformulados, assim, o que está contido em *O nascimento da clínica* e em *A arqueologia do saber* auxilia, especialmente, no quesito formação de objetos.

No livro *A arqueologia do saber*, Foucault (2013) tem o olhar atento às regras de formação do objeto discursivo. O autor expõe que aquilo que se fala pode receber o *status* de objeto obtendo nomeação e descrição, porém, as superfícies do aparecimento, em diferentes espaços e tempos, não são as mesmas. A emergência do objeto, além de passar por instâncias de delimitação e por formas de especificação, tem como cerne um conjunto de relações empregadas no discurso que se imbricam e permitem o aparecimento. Então, passando por regras de diferenciação em relação a outros, a existência de um determinado objeto parte de condições oriundas de um feixe de relações. Assim,

[...] não são os objetos que permanecem constantes, nem o domínio que formam; nem mesmo seu ponto de emergência ou seu modo de caracterização; mas o estabelecimento de relação entre as superfícies em que podem aparecer, em que podem ser delimitados, analisados e especificados. (FOUCAULT, 2013, p. 57).

Seguindo esse raciocínio, para a descrição da formação do objeto é necessário realizar a identificação do relacionamento que caracteriza a prática discursiva, mas que não se define

observando o significado das palavras. Este é o ponto exposto por Foucault (2013) quando se trata do campo do saber, sem, no entanto, depreciar as análises que são feitas pelo nível lexical e semântico.

Retornando às considerações de Severiano (2016, p. 268), quanto à pesquisa com base foucaultiana, “a pesquisa elege seu objeto, mas não sabe o que é o seu objeto”. Portanto, colocamos-nos numa posição investigativa buscando as relações estabelecidas na delimitação do objeto de discurso, o antiglobalismo. É preciso realizar um movimento de manutenção da consistência discursiva, relacionar a regras, compreender as regularidades na sua dispersão, ficar no nível do próprio discurso, desfazer “[...] laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 59-60) e não tratar o discurso apenas como um conjunto de signos.

No livro *O nascimento da clínica*, Foucault (1977) trata das transformações no estatuto da medicina, da mudança de postura perante o que se deseja conhecer e do discurso racional que organiza e dá cientificidade ao que se fala. A ênfase, dada pelo autor, está no olhar, no ver que percorre, contorna e penetra para fazer emergir a clareza. Considerando que uma forma e uma singularidade faz com que as coisas recebam o *status* de objeto, o olhar desperta e dá objetividade possibilitando organizar uma linguagem racional. Ou seja, as palavras esperam na obscuridade, por meio de uma tomada de consciência, para vir à luz e pôr-se a falar. Conforme o autor, as coisas ditas permitem acesso a novos discursos e também à possibilidade de transformá-los, os discursos são mutáveis e o saber também é, ademais, é essencial estudar extraindo do discurso as condições de sua história e não opor um saber a outro, cada etapa do saber e cada diferenciação discursiva carrega seus efeitos e objetivos.

Com exemplos de enfermidades no corpo humano, o autor utiliza, para fins de configuração da doença, a experiência histórica, pois isto “reúne tudo o que, de fato ou de direito, cedo ou tarde, direta ou indiretamente, pode se dar ao olhar” (FOUCAULT, 1977, p. 4). Uma patologia, portanto, tem a justaposição de elementos históricos, por exemplo: os elementos do rubor, tumor, calor e dor estariam justapostos à inflamação local. Entre uma doença e outra, a distância entre elas é medida por suas semelhanças. Na esteira das comparações, as analogias estão associadas à definição das essências, quando as semelhanças são fortes, os sinais de parentesco são ultrapassados e ocorre um estreitamento.(FOUCAULT, 1977).

Pensando na questão da analogia em relação ao objeto da pesquisa, indicamos um parentesco do globalismo com um dos regimes políticos historicamente marcados, o imperialismo. Citando um exemplo, Napoleão Bonaparte, ícone na história mundial, implantou um projeto de imperialismo na Europa.

Havia, com o imperialismo, diversos motores, cada qual com sua força e alcance próprios: o motor francês, o motor inglês, o motor alemão, o motor português, o belga, o espanhol etc. que eram todos motores do capitalismo [...]. Hoje haveria um motor único que é, exatamente, a mencionada mais-valia universal. (SANTOS, 2012, p. 29)

O que Milton Santos (2012) indica, na citação acima, é uma relação de centralização do poder e suas transformações, com base capitalista. Chegamos a um ponto da história, pensando numa unificação de técnicas instalada a nível mundial, em que o imperialismo, na concepção globalista, pretenderia ser um motor único na história. A incessante busca pelo lucro continua, mas em outros moldes. Compreendemos que esta analogia com o imperialismo enriquece o olhar sobre o modo operante do objeto discursivo, além de fornecer memória discursiva no ponto de encontro com a atualidade.

Numa breve observação sobre as considerações de Olavo de Carvalho (2017), professor tido como inspirador de alguns temas do governo Bolsonaro, verificamos também a associação do processo gerado pela globalização à noção de imperialismo. Para Carvalho (2017), um império tem ambições globais assim como o movimento comunista. O escritor salienta que o imperialismo é um projeto de expansão e que todo globalismo seria um imperialismo.

Retornando à base foucaultiana sobre a observação do objeto e ao texto *O nascimento da clínica*, temos que o olhar do médico presta atenção também à invisibilidade. O reconhecimento, então, se dá na ordem das essências, o médico olha para o visível, mas pelo paciente, que oculta a visibilidade. É um olhar que espreita, que penetra, é qualitativo e de uma percepção apurada para decifrar doenças. Pela observação diacrítica, ou seja, pela distinção, o médico utiliza um método complexo de observação, por exemplo, em relação à questão epidêmica. Conforme Foucault, a epidemia tem uma individualidade histórica e, sendo tratada como fenômeno coletivo, é preciso descrever sua singularidade, o que há de acidental e imprevisto para que possa ser interpretada. Em suma, o médico realiza

interpretações e observa o que do histórico das práticas médicas pode ser depreendido para servir como apoio aos tratamentos de doenças atuais.

Anteriormente, o médico perguntava para o doente o que ele tinha. Com a transformação das práticas, o médico passa a questionar o paciente sobre onde se localiza a dor. Dessa forma, indica-se um deslocamento de método no ato médico, ou seja, no modo como o olhar percorre (FOUCAULT, 1977).

Em *O nascimento da clínica* apresenta-se também a transformação da instituição hospital. Assim como os métodos, o lugar hospital sofre uma reconfiguração devido à reestruturação dos saberes. Antes, era o local da morte e uma instituição de caridade. Agora, passa a ser um lugar para a cura, para o acolhimento dos doentes e para a classificação das doenças. Assim, nesse lugar, a doença encontra a residência de sua verdade e passa a ser vista por meio de um método racionalizado.

Por analogia, observando o conceito de objeto de discurso pelos estudos de Foucault, e com a postura de que podemos tratar de diversos temas com um exemplo significativo como o do nascimento da clínica, pode-se dizer que no MRE, um lugar institucionalizado do Estado, o globalismo seria combatido ao ter seus traços identificados e classificados pelo olhar antiglobalista. No lugar institucionalizado MRE, o globalismo pode perder seu caráter essencial e deixar de exercer o que é, portanto.

Conforme épocas e lugares, as enfermidades variam, alguns males são relativos à mudança de perspectiva de vida, à comodidade com a evolução dos meios de vida, excessos e prazeres que favorecem o aparecimento de algumas patologias (FOUCAULT, 1977). Jair Ferreira dos Santos (2004), em *O que é pós-moderno*, apresenta algumas considerações sobre o modo de vida na pós-modernidade. Segundo ele, a tecnociência oferece aos indivíduos muitas opções de compra, a sociedade é marcada pelo consumismo, ela seduz o indivíduo pela moral hedonista em que os valores estão no prazer de desfrutar bens e serviços. Segundo o autor, o pós-modernismo traria estilos de vida relacionados ao niilismo, à ausência de valores e de sentido para a vida, e assim “[...] o indivíduo se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo” (SANTOS, 2004, p. 10). Desse modo, o círculo da pós-modernidade, além de poder atingir o corpo físico, conforme as colocações de Foucault (1977), redefine conceitos, abala estruturas e promove novas visões sobre variadas situações, inclusive sobre as patologias.

O nascimento da clínica aponta para a ocorrência de novos objetos ao saber médico. Não há uma mudança na concepção ou no reconhecimento da doença, o que muda é a relação da doença com o olhar, que passa à instância da discursividade por meio da racionalidade. O olhar médico se ordena de modo diferente na modernização das práticas médicas, é um olhar que “[...] não está ligado pela rede estreita da estrutura (forma, disposição, número, grandeza), mas que pode e deve apreender as cores, as variações, as íntimas anomalias, mantendo-se sempre à **espreita do desviante**” (FOUCAULT, 1977, p. 101, grifo nosso). O desviante é o que podemos relacionar à dispersão na constituição das formações discursivas, já que é justamente na diferença que surge a luz do novo, item também abordado no livro *A arqueologia do saber*.

Retomando à questão das analogias, Foucault considera que, quando essas são aplicadas pelo olhar clínico para reconhecer signos e sintomas, consistem em relações que extravasam a mera semelhança de parentesco, logo, diz respeito a um funcionamento. Uma analogia fecunda, dita por Foucault (1977, p.114), “é uma relação com outras funções ou outras perturbações [...]”. Então, é estabelecida uma correlação entre o olhar e a linguagem, uma representação, conforme os estudos foucaultianos.

O nascimento da clínica interessa à nossa pesquisa, pois, trata de uma mudança no estatuto da medicina oferecendo possibilidades de observância das mudanças nos saberes. As transformações ocorridas envolvem linguagem e a emergência de novos saberes suscita novos conceitos, regras de conduções sociais e importantes transformações nos círculos dos saberes, pois, “entre as palavras e as coisas se estabeleceu uma nova aliança possibilitando ver e dizer (FOUCAULT, 1977, p. X).⁵ A obra de Foucault, em suma, trata do desenvolvimento da observação e dos métodos médicos, da evolução para abordar o objeto com o movimento de olhar para ele próprio. O destaque, que indicamos aqui, é para o novo espírito médico numa reorganização epistemológica da doença.

A abertura para a linguagem em um novo domínio pode oferecer uma percepção científica sobre o que “[...] tinha permanecido como o invisível visível - proibição e iminente segredo: o saber sobre o indivíduo” (FOUCAULT, 1977, p. 195). O olhar para os objetos é qualitativo, analítico, cauteloso, é cercado pela experiência, estabelece proximidades e retoma aspectos históricos para tratar de situações atuais.

⁵ A paginação do prefácio da obra é apresentada em números romanos.

Refletindo sobre o objeto desta pesquisa, o antiglobalismo, podemos depreender um desdobramento do objeto denominado globalização, em seu estatuto científico, historicamente marcado nas relações entre países e em concomitância com a prática do sistema capitalista, para o reconhecimento de um novo discurso. O olhar que percorre a globalização encontra uma configuração que passa do estado de invisibilidade para a visibilidade e que também passa a ser discursivizada.

Um objeto de discurso, como o antiglobalismo, passa pela clareza do olhar, pelas analogias, pelos estreitamentos com outras práticas e é enunciado. Independentemente de questionamentos quanto à existência da prática globalista, a discursividade parte de sujeitos historicamente constituídos de variadas experiências discursivas. As novas palavras associadas a novos saberes surgem pela descoberta do desviante. A nomenclatura e a descrição são partes fundamentais do estatuto científico que é conferido aos objetos. Cabe então, como analistas do discurso, conhecer a historicidade dos discursos no meio de uma pluralidade de acontecimentos.

Por fim, nesta seção, refletimos a importância da história, daquilo que já foi dito e da ruptura que modifica discursos, mas que não desaparece com os acontecimentos ou com o passado. E com um olhar, por um dispositivo analítico construído nesta pesquisa, considerando o exemplo da modernização da clínica com a consequente abertura a novos objetos de discurso, adentramos na compreensão do que é o antiglobalismo.

À primeira vista, há uma relação do globalismo e do antiglobalismo com a globalização que permite ser explorada por aspectos econômicos e culturais. Por este caminho, articula-se antiglobalismo e globalização na delimitação do objeto recorrendo-se à teorização sobre Formação Discursiva (FD).

2.1 A CONSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO DISCURSIVA POR MICHEL FOUCAULT

No movimento de pesquisa com Foucault (2013), observamos que em *A arqueologia do saber* o autor ilustra, com exemplos da área clínica, a constituição de formações discursivas, assim como foram utilizados exemplos na explanação anterior acerca da formação dos objetos. O autor reflete acerca das relações que podem ser descritas entre os enunciados para a formação de um conjunto. Há enunciados que são atribuídos a determinadas áreas e ou unidades, mas “como se pode dizer que a análise das doenças mentais

feita por Willis e pelos clínicos de Charcot pertencem à mesma ordem de discurso?” (FOUCAULT, 2013, p. 38).⁶ Para responder a esta questão e tantas outras quanto ao reconhecimento de laços entre os enunciados, o autor estabelece hipóteses para a formação discursiva que, nesta pesquisa, denominamos de possibilidades.

A primeira das possibilidades, articulada pelo autor, diz respeito ao conjunto de enunciados que se refere a um único e mesmo objeto:

[...] a doença mental foi constituída pelo conjunto do que foi dito no grupo de todos os enunciados que a nomeavam, recortavam, descreviam, explicavam, contavam seus desenvolvimentos, indicavam suas diversas correlações, julgavam-na e, eventualmente, emprestavam-lhe a palavra, articulando, em seu nome, discursos que deviam passar por seus. (FOUCAULT, 2013, p. 39).

Entretanto, conforme a visão do autor, o conjunto de enunciados pode não se relacionar com um único objeto de contornos definitivos e ideais. O objeto dos enunciados médicos não é o mesmo daquele que se delineia na área jurídica, porque não se trata do mesmo modo. Os objetos são diferenciados nas práticas, também recortados, manifestados em descrições e limitados. Um conjunto de enunciados passa por regras de transformação, em que devem ser consideradas as rupturas e as discontinuidades implicadas ao longo do tempo. É importante observar também que um novo objeto solicita, por consequência, novos conceitos e fundamentos (FOUCAULT, 2013).

A segunda possibilidade para a constituição da formação discursiva refere-se à forma e ao tipo de encadeamento. Nessa possibilidade, o autor cita a presença de um estilo, uma ocorrência constante na enunciação, uma mesma visão das coisas, até a mesma utilização de vocabulário e de metáforas. Adiante, a terceira possibilidade diz respeito à procura da unidade discursiva, não na coerência dos conceitos, mas no afastamento, na distância e talvez na incompatibilidade. Como quarta possibilidade apresentada está o agrupamento dos enunciados referindo-se à identidade e à persistência dos temas. Foucault (2013, p.44) supõe que “[...] uma certa temática seja capaz de ligar e de animar, [...] sua força interna e suas capacidades de sobrevivência, um conjunto de discursos”. Porém, em meio a essas quatro tentativas, considerando que um único tema pode conter mais de um tipo de discurso e remeter a mais de uma maneira de explicar, não seria adequado procurar individualizar um discurso, é pertinente buscá-lo na dispersão.

Foucault (2013) salienta que nas suas pesquisas se deparou com lacunas, diferenças,

⁶ Jean Martin Charcot (1825-1893) / Thomas Willis (1621-1675).

desvios, substituições e transformações devido às formulações heterogêneas. Detectar uma regularidade, “[...] uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas” (FOUCAULT, 2013, p. 46) permitiria verificar formas de repartição. Portanto,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciados, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) , diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...] (FOUCAULT, 2013, p 47, grifo do autor).

Acrescenta-se, pela discussão de Courtine (2016, p. 19) no artigo *Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso*, que o encerramento de uma formação discursiva é instável, ele não estabelece um limite separando o saber e “[...] se inscreve entre diversas FD como uma fronteira que se desloca em função das questões da luta ideológica”. Numa FD, dita “dominada” pelo autor, os elementos do exterior podem ser acolhidos, absorvidos, reconfigurados ou negados e ignorados; o domínio do saber de uma FD determina “ ‘o que pode e deve ser dito’ ” (p.22), ele está, por conseguinte, na aceitabilidade de um conjunto de formulações.

Mediante as observações apresentadas, destacamos a importância de proceder na pesquisa em AD com o estabelecimento de estratégias para definir regularidades. O procedimento analítico parte do entorno contextual do antiglobalismo capturado por sequências discursivas que serão dispostas em dois quadros sintéticos mais adiante.

2.2 O CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO E O GLOBALISMO

A globalização reorganiza a estrutura econômica mundial, em movimento constante e acelerado, e tem como suporte os recursos tecnológicos que atuam como facilitadores dos objetivos capitalistas. Afinal, a globalização pode ser positiva quando se pensa sobre a integração entre as nações, pois tudo que é local pode tornar-se nacional, regional e mundial, ampliando o acesso a bens e serviços. No entanto, há discursos contrários à ampliação das relações globais. Esses discursos apontam para efeitos negativos do processo da globalização e objetivam um freamento do que se denomina globalismo.

Fernando Henrique Cardoso (2008), sociólogo e ex-presidente do Brasil, ao se referir a movimentos de ordem global, eventos divisores de águas do século XX, reviravoltas, guerras e ascensões de potências mundiais, cita a economia e a política como processos que podem tramitar em discordância nos estados-nações, mas que são interconectados. Segundo o ex-presidente, a economia cresce com voluptuosidade e o capitalismo promove, especialmente, modificações das técnicas de produção, no entanto, há diversidade na relação entre o Estado e o capitalismo. Os Estados nacionais não estariam conseguindo controlar as sociedades locais.

Pensando na configuração de governo proposta no Brasil, observamos que Bolsonaro afirma que vai atuar pelo livre mercado na economia e entrar em contato com alguns países.⁷ Comparando com o exposto no texto do ex-presidente, o governo de Bolsonaro pretende expandir a economia, entretanto, os discursos parecem indicar uma configuração política de governo restrita aos interesses nacionais, de contornos mais fechados. Observamos nas falas do Presidente um forte posicionamento nacionalista quando profere: “o compromisso que assumimos com os brasileiros foi de fazer um governo decente, comprometido **exclusivamente** com o país” (BOLSONARO, 2018c, grifo nosso). Também, nota-se que em dois dos quatro discursos do Presidente, selecionados para esta pesquisa, um dos enunciados que marca o fechamento da fala do Presidente é a indicação de filiação religiosa do governo: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!” (BOLSONARO, 2018c, 2019).

O sociólogo Octavio Ianni, assim como Foucault (2013), concentra seus estudos com a premissa de que a história passa por descontinuidades, pois podem ocorrer movimentos surpreendentes, “toda duração se deixa atravessar por rupturas” (IANNI, 2001, p. 11). No livro *A era do globalismo* (2001), Ianni ilustra amplamente o contexto da globalização, descrevendo, dentre vários aspectos, as implicações sobre os povos, o trabalho, a cultura e a economia. Dois fenômenos seriam resultantes da prática globalizante, a integração e a fragmentação, caminhando lado a lado. Com a globalização desaparecem fronteiras, alteram-se significados e assim tudo se move, “a história entra em movimento, em escala monumental pondo em causa cartografias geopolíticas, blocos e alianças, polarizações ideológicas e interpretações científicas” (IANNI, 2001, p.12). Desse modo, os desdobramentos provocados pela globalização geram novos contornos, transformam alguns e suspendem outros.

Segundo o sociólogo, a globalização debilitaria movimentos nacionais, pois a

⁷ Informações contidas no discurso da posse do Presidente Bolsonaro, no Congresso Nacional (Anexo A).

expansão empresarial e a emergência das cidades globais afetam a força das nações reduzindo o poder das decisões nacionais. Cabe acrescentar que a organização econômica no mundo é representada por blocos regionais que integram países e visa atender às exigências do dinamismo global. O Brasil, por exemplo, é país integrante do Mercado Comum do Sul (Mercosul). Nesse contexto, segundo Ianni (2001, p. 91), “a soberania transforma-se em figura retórica”. Apontamos, por ora, que soberania é uma expressão presente no *corpus* desta pesquisa, e refletiremos, adiante, sobre os sentidos que permeiam esta colocação discursiva.

Stuart Hall (2006) indica que um dos efeitos do processo de globalização está no enfraquecimento das formas nacionais de identidade cultural. Por outro lado, identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado importantes. Em complemento a esta constatação, Ianni (2001) menciona a expansão, aliada à urbanização, das cidades globais como Nova Iorque, Paris, Hong Kong, Cidade do México e também São Paulo, como centros de referência, já que marcas de outros povos e culturas convivem num mesmo espaço promovendo uma espécie de sintetização de várias nações do mundo. Portanto, a emergência cultural regionalizada tem se sobressaído sobre as identificações nacionais.

Milton Santos (2012) apresenta uma crítica forte sobre os efeitos da globalização. Para ele, a globalização pode ser vista, em alguns aspectos, como uma fábula, porque faz-se crer que todos no mundo têm acesso a tudo, que as notícias realmente informariam todas as pessoas. Mas, “um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas.” (SANTOS, 2012, p. 19). Problemas sociais como o desemprego e a pobreza têm seus níveis elevados, o que torna a globalização, nas palavras do autor, uma fábrica de perversidades. Então, para construir um outro mundo, uma globalização mais humanizadora, as bases materiais deveriam servir a outros objetivos e fundamentos.

O avanço da ciência possibilitou um sistema de técnicas com presença planetária, que evoluiu em associação com as tecnologias da informação. Existe um progresso constante das técnicas, porém, “apenas se realizam, tornando-se história, com a intermediação da política, isto é, da política das empresas e da política dos Estados, conjunta ou separadamente” (SANTOS, 2012, p. 26). Somos capazes de saber o que se passa com o outro, de forma instantânea, contudo, Santos (2012) critica a ideia de aldeia global de Ianni (2001) e desaprova a questão da humanidade desterritorializada porque parte da população não estaria inserida nos avanços da globalização e sofre com a escassez.

Para ele, dinheiro e informação fornecem as bases de uma ideologia que legitima as ações e a adoção de um novo *ethos* para as relações sociais. O desdobramento dos processos de unificação mundial provoca a diminuição das funções do Estado, o que acarretaria um abalo da soberania enquanto se amplia o papel político das empresas na regulação da vida social. O autor assinala que as informações são manipuladas e impregnadas por ideologia a serviço das estratégias das grandes empresas, e objetos seriam expostos ao público como discurso ideológico para modelar comportamentos. Uma violência estrutural partiria da presença, em estado puro, do dinheiro, da competitividade e da potência permitindo a emergência de totalitarismos. Assim,

essa globalização tem de ser encarada a partir de dois processos paralelos. De um lado, dá-se a produção de uma materialidade, ou seja, das condições materiais que nos cercam e que são a base da produção econômica, dos transportes e das comunicações. De outro, há a produção de novas relações sociais entre países, classes e pessoas. (SANTOS, 2012, p. 65)

Seguindo a exposição, de modo geral, o processo global influencia a vida econômica, a cultura, as relações interpessoais, inclusive a subjetividade dos sujeitos. A fluidez dos elementos da informação e da finança aumenta na medida do avanço das técnicas, porém, esta fluidez aparece no imaginário como se fosse comum a todos, mas que, na verdade, poucos têm a possibilidade de utilizá-la. A condução da globalização, nos modos apresentados pelos especialistas, exige que os Estados sejam flexíveis e que a informação seja centralizada. As fronteiras são porosas e há o enfraquecimento e a mudança da natureza dos Estados. Estaríamos assistindo a uma política feita no mercado, um mercado global que existe como uma ideologia em que os comandantes são as próprias empresas, sobretudo as maiores, e “a própria lógica de sobrevivência da empresa global sugere que funcione sem nenhum altruísmo” (SANTOS, 2012, p. 67).

A globalização atual é muito menos um produto das ideias atualmente possíveis e, muito mais, o resultado de uma ideologia restritiva adrede estabelecida. [...]. A intelectualização da vida social, recentemente alcançada, vem acompanhada de uma forte ideologização. (SANTOS, 2012, p. 159)

Percebe-se que, mesmo não citando o termo globalismo, e fazendo uso de globalitarismo em seus escritos, com a junção globalização mais totalitarismo, o autor expõe o suposto comando da globalização por grandes empresas e a ideologização provocada pelas

técnicas e produtos deste processo a serviço de um pensamento unificador. Vemos esta exposição também nos discursos analisados nesta pesquisa, o globalismo identificado por um comando de burocratas, com poder centralizador, e com um apelo a refutar as formas da ideologia.

O Ministro Araújo mantém na internet um blog intitulado *Metapolítica 17: contra o globalismo*.⁸ Em um dos textos, observa-se que a ideologia carrega sentidos negativos, pois, exerceria um controle por meio da palavra:

Uma ideologia é um sistema de manipulação do pensamento e das ideias em função de um objetivo de poder [...]. A ideologia instaura uma cisão entre a realidade e os conceitos, arranca as ideias de seu enraizamento orgânico na realidade, e assim petrifica o pensamento para controlar as pessoas. (ARAÚJO, 2018).

No movimento globalização e globalismo, precisamos compreender quais os “desviantes” que fariam surgir o globalismo, a partir da globalização. Consideramos, então, as exposições anteriores, nesta seção, acerca da descontinuidade de processos históricos, do alcance da globalização e sua associação aos avanços tecnológicos, do pressuposto de enfraquecimento Estatal e da suposta ideologização de pensamento unificador e controlador, bem como as contribuições de Thorsten Polleit (2017), a seguir. Segundo o economista, a globalização econômica diz respeito à divisão mundial do trabalho, ou seja, um determinado produto seria o resultado dos esforços de diversos trabalhadores ao redor do mundo, cada país se especializa no que sabe melhor produzir. Além disso, ao aumentar a produtividade, o padrão de vida das pessoas melhora. Cientes ou não, as pessoas estão imersas na globalização, produzem e consomem bens e serviços que podem ser oriundos de qualquer parte do mundo. Com efeito, a globalização econômica não precisa da intervenção do governo, pois, ela promove o livre mercado. O globalismo seria o oposto, só existe por causa de políticos e burocratas, “o globalismo é um conceito *político*. Já a globalização é um conceito *econômico*” (POLLEIT, 2017, grifo do autor).

O globalismo é uma política internacionalista, implantada por burocratas, que vê o mundo inteiro como uma esfera propícia para sua influência política. O objetivo do globalismo é determinar, dirigir e controlar todas as relações entre os cidadãos de vários continentes por meio de intervenções e decretos autoritários. (POLLEIT, 2017)

Seguindo este contexto, o economista explica que para lidar com problemas mundiais

⁸ Disponível em: <https://www.metapoliticabrasil.com/>. Acesso em: 31 out. 2019.

as decisões requerem centralização. Logo, a manutenção do estado-nação estaria fadada ao fracasso, cedendo lugar a um poder transnacional. Se o globalismo é autoritário a globalização promoveria a liberdade. Portanto, na visão dele, são movimentos diferentes e demarcados pela área econômica e pela área política.

Pelas considerações de Ianni (2001), o globalismo é uma configuração global movediça, um resultado de processos sintetizados no conceito de globalização que surge aos poucos, é um cenário organizado pelas corporações transnacionais e pelas organizações multilaterais, entidades que polarizam as relações e as estruturas de dominação política e de apropriação econômica. Em suma, “o globalismo pode muito bem ser, simultaneamente, condição e consequência da ruptura histórica que se revela abertamente no fim do século XX, anunciando o XXI” (IANNI, 2001, p. 211).

Podemos observar que Ianni, em 2001, reconhece o acontecimento globalismo como ruptura, como um novo discurso, e como extensão do processo de globalização, mas se lermos as considerações de Santos (2012) ou mesmo de Polleit (2017), que são mais recentes, percebemos que o teor é mais crítico e situado, pois estes apresentam maior discursividade acerca do globalismo, fornecendo contornos e características mais específicas e distintivas. Com o passar dos anos e com o apoio das ferramentas tecnológicas, a globalização cresceu em extensão e o globalismo é reconhecido, com mais ênfase, em sua funcionalidade.

2.3 O APARECIMENTO DO ANTIGLOBALISMO NO GOVERNO BOLSONARO

Seguindo o raciocínio de que o objeto de discurso aparece a partir de um feixe de relações articuladas, conforme exposto anteriormente pelos estudos de Foucault (2013), é necessário identificar algumas dessas relações na emergência do antiglobalismo, sem, no entanto, desconsiderar que na emergência do objeto se atravessam outros discursos.

Cardoso (2008) tem o ponto de vista de que em cada período da história encontramos pontos de rupturas, mas cada época pode guardar vinculação com experiências anteriores. Em cada período é preciso conhecer a especificidade, as ideologias e os sonhos que movem as pessoas. Considerando esta observação, trazemos à cena o questionamento sobre o que conduz o movimento antiglobalista e quais as circunstâncias e arranjos do período de transição de governo em questão. Ianni (2001) afirma que não é possível escapar à globalização, nenhum movimento nacional fica ileso, resta adaptar-se e identificar as

possíveis ameaças.

O antiglobalismo aparece ao grande público na transição de governo, primeiramente, no discurso do Presidente eleito, e, logo depois, na fala do Ministro das Relações Exteriores. Matérias jornalísticas, veiculadas na mídia, passaram a apresentar o tema do globalismo, com ênfase, a partir da candidatura e da posterior eleição de Bolsonaro. Pelos títulos jornalísticos, como: “O que, afinal, é ‘globalismo’, termo usado com frequência pelo governo Bolsonaro?”⁹ e “O que é ‘globalismo’, termo usado pelo novo chanceler brasileiro e por Trump?”¹⁰, é possível perceber a atmosfera de inquietamento sobre tal discurso. É importante, desse modo, observar a emergência do objeto em tom de novidade no debate público brasileiro mais amplo.

Segundo o portal de notícias *GaúchaZH*, de janeiro de 2019, em cinco Ministérios do governo Bolsonaro, Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Educação, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Ministério da Agricultura e Ministério do Meio Ambiente, apareceram críticas ao globalismo nos primeiros dias de governo, especialmente no que se refere à associação do globalismo à suposta ideologia marxista. Ainda, segundo o portal, a política externa proposta indica alianças com governos também conservadores, como os Estados Unidos, e na área da educação, certos ensinamentos estariam supostamente prejudicando o desenvolvimento dos alunos.

Em junho de 2019, o MRE e a Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) organizaram um seminário denominado *Globalismo*. Percebemos o desenrolar dos discursos da transição, durante a vigência do governo, com uma constante importância atribuída a este tema. Segundo Filipe Garcia Martins Pereira (2019), Assessor da atual Presidência da República e um dos conferencistas do seminário, o globalismo suscita uma série de questões, no entanto, não há consenso sobre a existência ou não deste fenômeno, logo, é lançada a pergunta: partiria apenas de um movimento retórico de governos mais nacionalistas, talvez de uma teoria da conspiração, entendida como especulação política sobre uma coordenação para avanço de uma finalidade? Para ele, o globalismo é um fenômeno político observável e deve

⁹ LOPES, Rodrigo. O que, afinal, é "globalismo", termo usado com frequência pelo governo Bolsonaro?: Palavra que aparece em discursos do presidente brasileiro já vinha sendo empregada por Donald Trump nos Estados Unidos. Ambos a associam ao que chamam de “marxismo cultural”. *GaúchaZH*, [S.L.], 11 jan. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2019/01/o-que-afinal-e-globalismo-termo-usado-com-frequencia-pelo-governo-bolsonaro-cjqs1i98g00hd01ukmxm6woks.html>. Acesso em: 05 out. 2019.

¹⁰ GRAGNANI, Juliana. O que é 'globalismo', termo usado pelo novo chanceler brasileiro e por Trump?. *BBC News Brasil*, Londres, 03 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46786314>. Acesso em: 05 out. 2019.

ser combatido.

O globalismo é a tentativa de instrumentalização político-ideológica da globalização, com a finalidade de promover uma transferência do eixo do poder decisório das nações para um corpo difuso de burocratas cosmopolitas e apátridas que respondem não às comunidades nacionais (de eleitores), mas a um restrito conjunto de agentes de influência com acesso privilegiado a esses burocratas [...] (PEREIRA, 2019).

Os burocratas cosmopolitas seriam anônimos e inacessíveis para a população. Para Pereira (2019), há muitas variáveis no mundo difíceis de serem controladas, o globalismo é uma tentativa de controle, um método de domínio político, do exercício do poder, impregnado de ambições totalizantes desejando um mundo sem nações, conforme suscitaria a teoria marxista. Segundo o Assessor, ao longo da história houve regimes políticos com ideologia, como o nazifascismo, supostamente similares ao fenômeno globalista de hoje. Logo, trataria-se de regimes políticos em torno de um ideal, como o desejo de uma sociedade sem classe. O grande embate no século XXI, na visão de Pereira, é entre nacionalistas e globalistas. Os nacionalistas produzem forças de ruptura contra o “instrumento de corrosão das tradições morais [...]” (PEREIRA, 2019), em que tudo na vida parece ser politizado. O fenômeno do *Brexit* (British exit), na Inglaterra, atualmente, seria um exemplo de força nacional para impedir o avanço do eixo de poder não nacionalista.

Foucault (2013, p. 31) atesta que “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo da sua instância”. Assim, acolhe-se o momento do discurso antiglobalista em uma irrupção de acontecimento.

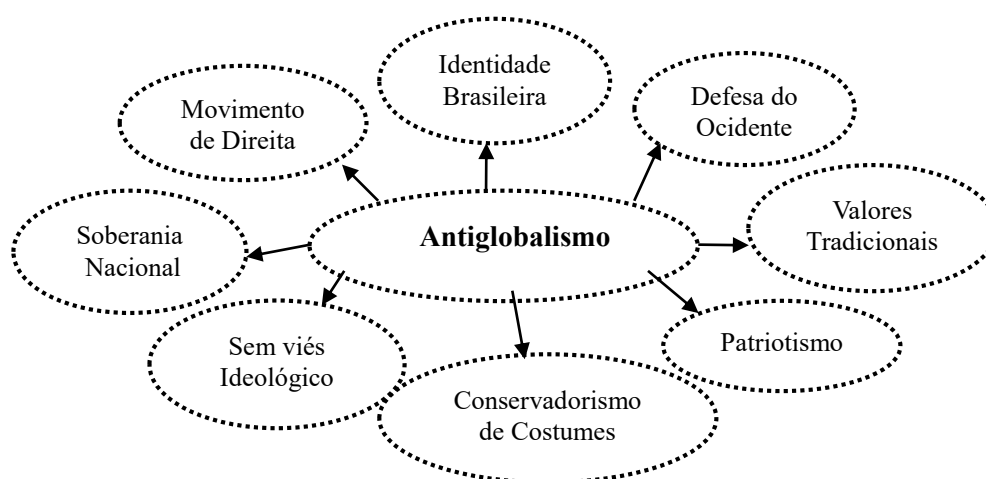
Recorremos a Pêcheux (2008) para marcar o aparecimento do antiglobalismo como acontecimento discursivo do governo Bolsonaro, como um “[...] ponto de encontro de uma atualidade e uma memória [...]” (PÊCHEUX, 2008, p. 17), quer dizer, ilustrado como fato novo, com enunciados em um contexto atual, mas que convoca memórias de outros lugares, de outrem. Na medida em que o mandato se desenrola, novos enunciados antiglobalistas podem remeter aos da transição de governo e aos anteriores à transição também, assim, uma rede é estabelecida, como o exemplo do seminário realizado em junho de 2019, do qual foram expostas as considerações de Pereira (2019).

Conforme Pêcheux (2008), formulações diversas podem se dar *a priori* do acontecimento, movimentos que dão forma e anunciam a sua vinda. Nos debates durante a campanha eleitoral, o candidato Bolsonaro defendeu temas conservadores, conforme

publicação de Lago, Oliveira e Lima (2018) para a revista *Istoé*, possibilitando um terreno propício para fortalecer as estratégias discursivas antiglobalistas em ascensão. Salienta-se que no contexto dos acontecimentos tendem a surgir “termos apegados”¹¹ que marcam enunciados. Compreendemos que estes termos são correlatos, que se articulam e se associam ao objeto discursivo, ou seja, que trazem memória discursiva.

Souza (2011, p. 46), ao refletir sobre o enunciado, por meio dos estudos de Foucault, indica que “[...] não é uma unidade isolada, mas resultado da relação com outros enunciados que a eles se ligam, formando um domínio correlato ou campo associado”. Logo, os sentidos emanam dessas relações entre enunciados. Realizamos a seleção de alguns “termos apegados” com a formulação de um campo associado na Ilustração 1, a partir das considerações iniciais do Capítulo I, e com base no arquivo de pesquisa.

Ilustração 1: Contexto de ocorrência do objeto de discurso: campo associado



Fonte: elaborado pela autora

Com base na Ilustração 1, observa-se que o objeto discursivo antiglobalismo implica, portanto, outros termos, quer dizer, outros discursos relacionados. É como se o antiglobalismo representasse um guarda-chuva sobre outros temas, quer dizer, outras discursividades e ou recortes discursivos. Conforme Courtine (2016), a AD também trabalha com seleção de palavras-chave nas análises. A identificação presente na Ilustração 1 parte de um gesto de leitura anterior ao propósito da análise de seqüências discursivas. Seguimos na esteira da

¹¹ Pêcheux (2008, p.21) apresenta em *Discurso: Estrutura ou Acontecimento* o exemplo “On a gagné”, “ganhamos” em língua portuguesa, ao marcar a vitória de F. Mitterand para a Presidência da França como um enunciado apegado ao acontecimento da eleição.

formação do objeto do discurso realizando, então, uma breve explanação destes termos elencados.

2.3.1 O objeto discursivo e os discursos adjacentes

A candidatura de Bolsonaro identificou-se como Movimento de Direita¹², portanto, contrária às decisões políticas dos partidos de Esquerda. Trata-se aqui de um movimento polarizado entre Direita/Antiglobalismo e Esquerda/Globalismo pela discursividade do governo Bolsonaro. Conforme Kaysel (2015, p. 50), “[...] na medida em que ‘esquerda’ e ‘direita’ são categorias evidentemente relacionais e mutuamente referidas, não é possível empreender um estudo sobre a direita política sem uma remissão à sua antagonista [...]”. Dessa forma, ao apresentar o discurso da Direita, também referimo-nos aos discursos da e sobre a Esquerda.

No discurso da vitória realizado em uma rede social, Bolsonaro enfatiza que “não poderíamos mais continuar flertando com o socialismo, com o comunismo e com o populismo, e com o extremismo da esquerda”. (BOLSONARO, 2018b). Então, pode-se depreender que o globalismo seria um movimento provocado pela oposição. Em *Direita, Volver!*, Velasco e Cruz (2015, p.14) indica que, quando se pensa em Direita no Brasil, associa-se a posição aos regimes militares, aos defensores da redução da maioria penal, aos críticos de programas de promoção social e, dentre outros fatores, aos “[...] críticos de política externa, que denunciam os seus arroubos autonomistas e defendem, em seu lugar, o retorno a uma política de subordinação aos Estados Unidos [...]”. Para o autor, Bolsonaro representa esta posição. Cabe ressaltar que este apontamento foi registrado ainda antes das eleições, de outubro de 2018.

No que se refere à Identidade Brasileira, o antiglobalismo prevê a manutenção de uma identidade nacional em que o País atue em defesa da própria cultura, sem influências externas. Cabe salientar que ao mencionarmos identidade não estão sendo analisadas as questões de identidades de grupos ou pautas sociais como a identidade de gênero. O termo identidade, apontado nesta pesquisa, visa à representação do País como oriunda de um ideário de unicidade nacional em que, “o território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence.” (SANTOS, 2012, p. 96).

¹² Para melhor identificação, os “termos apegados” são escritos com a letra inicial maiúscula.

Hall (2006) indica que a identidade gera estabilidade ao sujeito e aos modos culturais, no entanto, assiste-se a uma degradação identitária no contexto pós-moderno. O sujeito, na pós-modernidade, não habita apenas uma identidade, mas várias. Mediante mudanças contínuas dos sistemas culturais que o interpelam, os processos identitários passam da estabilização à fragmentação e da fixidez à mobilidade, fazendo com que as identificações estejam em deslocamento frequente, logo, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” (HALL, 2006, p.13).

Especificamente, referindo-se à identidade nacional, Hall (2006) explica que nação é a entidade política que produz sentidos para uma representação cultural, uma cultura nacional é uma fonte de significados: “as pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica [...]” (HALL, 2006, p.49, grifo do autor), contudo, identidades nacionais que foram uma vez centradas e tradicionalmente simbolizadas estão sendo deslocadas pelo processo da globalização. Fala-se em identidades híbridas porque, ao passo que as culturas nacionais ficam mais expostas mundialmente, conservar as identidades culturais intactas ou mesmo impedir que elas se tornem enfraquecidas é, de fato, incontrolável.

Para manter a Soberania Nacional, tomar decisões sem consultar a suposta ordem mundial e ter autonomia perante outras nações é uma estratégia para manutenção e modo de exposição internacional, na fala do governo Bolsonaro. Defende-se a manutenção do poder do Estado Brasileiro sem transferência e centralização de decisões a blocos e ou organismos internacionais. Conforme Bolsonaro (2019), “a política externa retomará o seu papel na defesa da soberania, na construção da grandeza e no fomento ao desenvolvimento do Brasil”. Segundo Foucault (2008b), a ideia da soberania está ligada às circulações: das ideias, das vontades, das ordens e das trocas comerciais, e são nestas questões que o soberano atua, com implicações que afetam diretamente a vida da população.

Em relação aos Valores Tradicionais destacados no discurso de Bolsonaro, Carvalho (2014) situa o posicionamento de direita associado a “[...] valores religiosos e culturais tradicionais acima de quaisquer projetos de reforma da sociedade” (CARVALHO, 2014, p.107). Bolsonaro (2019), ao mencionar família, por exemplo, afirma que é importante barrar o que provocaria desgastes familiares porque as pessoas devem manter seus laços e suas tradições. Nos discursos bolsonaristas há discursividade religiosa: “Vamos unir o povo,

valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã [...]” (BOLSONARO, 2019). Percebe-se uma conexão com condutas pessoais dos brasileiros, que passa a ter relativa importância na discursividade Bolsonarista como forma de valorizar o que estaria sendo deixado para trás. Cabe salientar que, pelas exposições de Harvey (2001) e de Santos (2004), a pós-modernidade não teria propensão a dar continuidade a valores. Assim, na contramão dessa tendência, o governo Bolsonaro combateria a descontinuidade dos valores.

O apoio ao liberalismo econômico também está presente nos discursos oficiais, a economia é indicada como o motor impulsionador do Brasil no exterior. Mas, para manter a identidade brasileira, as tradições e os costumes, o ideal seria tomar um posicionamento conservador. Ou seja, o País pode ter contato econômico com o mundo todo desde que não altere os contornos culturais nem ignore costumes em detrimento da assimilação e ou aceitação de outros, quer dizer, desde que preserve o Conservadorismo de Costumes.

De acordo com Santos (2012, p. 82-83), a compartimentação de um país está para “uma economia territorial, uma cultura territorial, regida por regras, igualmente territorializadas, na forma de leis e de tratados, mas também de costumes”, quer dizer, além de considerar esferas comuns pensa-se no *ethos*, no modo de ser e de agir de uma comunidade, e que podemos relacionar como modos de ser e de agir de um País. Conservadorismo é tratado por Huntington (1957, *apud* Kaysel, 2015, p. 51) como “[...] contraposição às investidas radicais [...]”, logo, visa-se a continuidade e a manutenção dos costumes nacionais.

Conforme Hall (2006), as culturas nacionais são compostas por símbolos e representações e produzem sentidos sobre a nação, assim, as diferenças entre as nações estariam na forma como elas são imaginadas.

O discurso do Patriotismo está imbricado na manutenção da Identidade Brasileira. Ao mencionar heróis nacionais no discurso da posse, Araújo (2019a) enaltece-os, além de dar relevância à produção nacional quando diz que devemos ler menos *The New York Times* e mais José de Alencar e Gonçalves Dias. José de Alencar, por exemplo, foi o escritor romancista que exaltava a natureza e a população indígena do Brasil. Além disso, Araújo cita o sentimento patriota dos Estados Unidos porque os norte-americanos “hasteiam sua bandeira e cultuam seus heróis” (ARAÚJO, 2019a). Por isso, indicamos Patriotismo como discurso presente no antiglobalismo.

Seguindo na caracterização dos termos-chave, temos que a expressão “Sem viés

Ideológico” pode ser vista em discursos de Bolsonaro com frequência. Segundo o Presidente, é necessário livrar o Brasil de amarras ideológicas que trariam prejuízos à nação.¹³ A ideologia, neste caso, está associada a práticas unificadoras promovidas pela esquerda no mundo. Paulo de Oliveira Eneas, brasileiro, analista político e escritor de *Geopolítica Contemporânea: desconstrução de narrativas da esquerda globalista* (2017), associa a ideologia de esquerda a práticas de doutrinação, além de propensões universalistas.

O governo Bolsonaro se coloca numa postura neutralizada de ideologia, como na seguinte fala do Presidente: “libertaremos o Brasil e o Itamaraty das relações internacionais com viés ideológico a que fomos submetidos nos últimos anos.” (BOLSONARO, 2018c). A indicação “últimos anos” remete ao período do governo petista no Brasil.

A escolha por indicar a Defesa do Ocidente na discursividade antiglobalista parte da memória discursiva produzida pelo ensaio *Trump e o Ocidente*, escrita pelo Ministro das Relações Exteriores, em 2017, para os Cadernos do IPRI. Nesse ensaio, Araújo enobrece a atitude de Trump sobre o desejo da manutenção das fronteiras e da cultura Ocidental. A questão da defesa da cultura ocidental associa-se aos discursos antiglobalistas. O Ocidente é como uma macroestrutura de proteção às microestruturas, os países, cada qual em seu território e soberania. A referência a Donald Trump nos discursos antiglobalistas brasileiros é indicada na próxima etapa desta pesquisa porque influências estadunidenses são percebidas com relevância nos discursos do governo Bolsonaro.

Este panorama de discursos adjacentes indicados por meio dos termos-chave situados na Ilustração 1 e discutidos acima, representa uma região circunscrita, não finita mas propulsora para significar o objeto discursivo, o antiglobalismo, em sua face bolsonarista. Dito de outro modo, parece-nos adequado realizar esta identificação no processo de formação do antiglobalismo para evoluir com profundidade na sequência de seus sentidos. Ainda destacamos que o olhar é caleidoscópico porque parte do modo de como o pesquisador realiza a leitura discursiva.

2.4 REDE DE MEMÓRIA DISCURSIVA BOLSONARISTA: REFERÊNCIAS ESTADUNIDENSES E OLAVISTAS

Anteriormente apresentou-se o antiglobalismo como um acontecimento discursivo da

¹³ Informações contidas no discurso da posse de Bolsonaro, no Congresso Nacional (Anexo A)

transição de governo. Neste momento, busca-se analisar tópicos relativos à memória discursiva com a observação de referências estadunidenses e olavistas nos discursos antiglobalistas brasileiros. Lembramos que, quando se trata de AD, as relações que estabelecemos articulam-se com os já ditos. Cabe ressaltar, conforme Foucault (2013), que os enunciados, em suas possibilidades de registros, estão abertos a repetições, a transformações, a reativações, enfim, aos enunciados que os precedem e também aos que os seguem.

Dados e noções comuns em uma determinada comunidade constituem a memória coletiva. Segundo Davallon (1999), “para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância.” (DAVALLON, 1999, p. 25). Reconstrói-se no presente o que permanece vivo na consciência coletiva e o que causa impressão.

Destaca-se um já dito regressando a 1935. Na época, o movimento integralista era uma forte organização político-partidária que contava com apoio da igreja católica, havia desfiles integralistas com uma saudação com a palavra “Anauê!”, em língua tupi (KAYSEL, 2015). Aqui há uma importante relação. A palavra “Anuê” é proferida por Araújo em seu discurso de posse no MRE, mas poderia ser pronunciada também como Anauê, conforme publicação de Marin (2019) para a revista *Veja*. No entanto, “[...] a assessoria de imprensa do Itamaraty não confirmou se houve alusão de Araújo à doutrina de extrema direita.” (MARIN, 2019). Observamos que, nesta questão, a semelhança dos termos produz uma remissão, um item de memória discursiva que favorece a ligação a um movimento conservador que teve relativa importância na história do Brasil.

Este trabalho de resgate de memória discursiva também é refletido por Courtine (2016) como procedimento da AD. De acordo com o autor, a memória discursiva possibilita a produção dos efeitos de sentido:

[...] a partir do domínio da memória que será caracterizada a formação dos enunciados e que serão analisados os efeitos que produz, dentro de um processo discursivo, a enunciação de uma sequência discursiva determinada (efeitos de recordação, de redefinição, de transformação, mas também efeitos de esquecimento, de ruptura, de negação do já-dito). (COURTINE, 2016, p. 26).

É também apropriado citar Pêcheux (2008) na teorização sobre memória. O autor trata da dialética da repetição e da regularização na estruturação da memória discursiva. Os implícitos dos enunciados não estão estáveis e sedimentados, é na repetição como um efeito

material que, por meio de paráfrases, de retomadas e de remissões, constitui-se a regularização e a consequente estabilização. Trata-se de recorrências. Porém, a regularização dos enunciados pode ser abalada, acontecer um deslocamento e a produção de uma outra organização com descontinuidade do arranjo anterior. Sendo assim, a memória não está num reservatório de forma homogeneizada, ela é marcada por deslocamentos, conflitos, retomadas, polêmicas e também por contra-discursos.

Compreende-se que o antiglobalismo é atingido por uma memória discursiva, mas tem traços atualizados pelo seu acontecimento na transição do governo Bolsonaro, a exemplo da constante crítica ao período em que o Brasil foi governado pelo PT. Em 2017, conforme já mencionado, o atual Ministro das Relações Exteriores escreveu um ensaio para os Cadernos do IPRI, intitulado *Trump e o Ocidente*. Diplomata de carreira e Diretor do Departamento dos Estados Unidos, Canadá e Assuntos Interamericanos do MRE, à época da publicação do texto, Araújo demonstrou ser a favor de posicionamentos políticos do atual Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, atestando que “só quem leva a sério a história do Ocidente, só quem continua sendo ator e não mero espectador, são os norte-americanos, ou pelo menos alguns norte-americanos” (ARAÚJO, 2017, p. 346). Entre “alguns” está o Presidente estadunidense, referenciado com frequência no texto de Araújo.

Araújo (2017) enalteceu as práticas de relações exteriores adotadas por Trump e toma como referência a política estadunidense de combate a forças que fragilizam símbolos e heróis nacionais. Além disso, afirma que “[...] somente Trump pode ainda salvar o Ocidente” (ARAÚJO, 2017, p. 356) e que a civilização ocidental tem nome, ideias, valores, heróis e mártires e que precisa preservar isto, evitar o esvaziamento cultural e não escapar às raízes. No ensaio, a eleição de Trump é marcada como extraordinária, pois, o Presidente dos Estados Unidos defende a história do Ocidente e o fortalecimento do nacionalismo. Também é apresentada a ameaça ao Ocidente na falta de vontade de ser quem se é e de se defender, e não no terrorismo como se pensa. Nessa linha de pensamento, segundo Araújo, os muçulmanos estariam dispostos a morrer por sua civilização e os ocidentais não, por isso o inimigo do Ocidente não é um país especificamente, mas é, principalmente, um inimigo interno: o abandono da própria identidade, o autoesquecimento.

Conforme Hall (2006), o discurso da cultura nacional equilibra-se

[...] entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes,

a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele 'tempo perdido' [...]. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. (HALL, 2006, p. 56).

Nesse sentido, Hall (2006) indica que a ideia de retorno ao passado está atrelada ao desejo de mobilizar as pessoas para a expulsão dos estranhos, aqueles que ameaçariam as identidades imaginadas. Pelo que Araújo (2017) afirma, haveria nos ocidentais um impulso de contestação e celebração da substituição da própria cultura pela de imigrantes, desse modo, sem a referida expulsão dos outros, conforme exposição de Hall.

No ensaio de Araújo há destaque para um fracasso na preservação da herança dos ancestrais e dos costumes, creditado ao contexto pós-moderno porque “o homem pós-moderno não tem ancestrais, as sociedades pós-modernas não têm heróis” (ARAÚJO, 2017, p. 329). A pós-modernidade traria descrença em símbolos, além de querer provocar a morte de Deus. Mas, conforme apresentado no ensaio, Trump resgataria estas questões em seus discursos, pois, segundo ele, não adiantaria ter grandes economias sem famílias e valores consistentes, seria preciso se armar espiritualmente.

A nação, pelas colocações de Araújo (2017), reúne pessoas que compartilham de uma origem em comum e o marxismo buscaria enfraquecer o ser humano em sua identidade nacional. Na Revolução Francesa os revolucionários queriam um mundo sem classe, sem fronteiras, sem família e sem Deus, e nos últimos anos seria os EUA o País protetor do legado ocidental com a inclusão da religiosidade, porque “a Europa como centro civilizacional, desapareceu na I Guerra Mundial, e o Ocidente ter-se-ia extinguido ali, não fossem os Estados Unidos empunharem a bandeira desse Ocidente moribundo” (ARAÚJO, 2017, p. 345).

Em um discurso realizado em Varsóvia na Polônia, em 2017, Trump afirma que tanto os Estados Unidos quanto a Polônia lutaram pela liberdade: “da parte dos Estados Unidos nunca abandonamos a liberdade e a independência como direito e destino do povo polonês, e nunca, nunca o faremos.” (TRUMP, 2017). O Presidente estadunidense defende que as fronteiras devem estar fechadas ao terrorismo e ao extremismo e que é preciso trabalhar para deter forças que apagam laços de cultura, fé e tradição, ou seja, elementos que definiriam uma certa identidade. Ainda, Trump enfatizou que “podemos ter as maiores economias e as armas mais letais da terra, mas se não possuímos famílias fortes e valores fortes, então seremos fracos e não iremos sobreviver.” (TRUMP, 2017). Em suas palavras, as pessoas da Polônia,

da Europa e da América querem Deus, “nós queremos Deus” (TRUMP, 2017).¹⁴

Uma menção à Polônia também é feita no discurso da posse de Araújo (2019a), o Ministro apresenta admiração por esse país que se afirma e que não estaria negando suas raízes e características. A Polônia, um país expressivamente identificado com a religião, é a terra natal do Papa João Paulo II, que esteve à frente da igreja católica por aproximadamente 26 anos.

Trump defende nações soberanas e independentes e a não diluição das fronteiras. Com o emblema *America First* a questão principal é sobre a nação servir aos próprios cidadãos, devendo ocorrer uma união de todos os países para proteger a particularidade de cada um e não para se diluírem, quer dizer, um respeito mútuo e a necessidade de manter a própria identidade. O Ministro ainda ressalta que Trump não pretende estender o domínio do Ocidente, apenas quer que o deixem em paz, não é sua pretensão um projeto imperialista e sim a sua recuperação. Destacamos também a exposição sobre o niilismo¹⁵, que, segundo Araújo, penetrou nos Estados Unidos e iria se alastrar, mas não teria conseguido.

Observa-se a presença estadunidense nos discursos do governo Bolsonaro, pois, considerando os discursos selecionados para esta pesquisa, percebem-se semelhanças e remissões. Retornando à exposição sobre memória discursiva, conforme a visão de Davallon (1999), observa-se que o discurso de Trump reencontra vivacidade no ensaio de Araújo e o ensaio de Araújo reencontra-se no discurso da sua posse no MRE.

Referenciamos neste tópico outra inspiração antiglobalista do governo. Segundo Araújo (2019a), Olavo de Carvalho é “um homem que, após o presidente Jair Bolsonaro, talvez seja o grande responsável pela imensa transformação que o Brasil está vivendo.” (ARAÚJO, 2019a). Segundo matéria de Mello (2018), da *Folha de São Paulo*, de 14 de novembro de 2018, Olavo de Carvalho teria indicado Araújo a Bolsonaro para o MRE. Sendo assim, recorreremos às ideias do escritor para compreender a rede de discursos sobre o objeto antiglobalismo.

Olavo de Carvalho (2014) compreende o globalismo como revolução com alta voracidade de poder, que “abrange a mutação radical não só das estruturas de poder, mas da sociedade, da educação, da moral, e até das reações mais íntimas da alma humana.” (CARVALHO, 2014, p. 162). O escritor apresenta forte crítica aos intelectuais de esquerda e afirma que questões revolucionárias são apresentadas como se fosse opinião da maioria

¹⁴ Tradução livre. No original: “We want God” (TRUMP, 2017).

¹⁵ O niilismo é abordado no Capítulo IV desta dissertação.

modelando o pensamento dos espectadores.

Em 2017, num debate promovido pela *Brasil Paralelo*, empresa cinematográfica brasileira de mídia a serviço da difusão de ideias de direita¹⁶, Carvalho admite que um governo centralizado mundialmente, na concepção globalista, é muito difícil de ser concretizado, no entanto crê que há pessoas empenhadas na governança global, que vão destruir muitas coisas no caminho, como as identidades nacionais e as culturas milenares.

No mesmo debate, o escritor afirma que, na medida em que a esquerda luta em defesa da imigração e das minorias, estaria servindo ao objetivo globalista. Ele também critica aspectos da globalização como a centralização dos meios de comunicação nas mãos de apenas algumas empresas e assinala que modelos globais aplicados na educação brasileira seriam, ao seu ver, um fracasso para a nossa realidade. Na visão olavista, quem resiste à tendência globalista geralmente é de direita: os tradicionalistas.

Ao leitor cabe-nos indicar que no decorrer da dissertação menciona-se Olavo de Carvalho. A forte presença de suas ideias nos discursos Bolsonaristas manifesta uma ligação que excede o recorte discursivo da transição de governo. Neste caso, referências olavistas são para Bolsonaro, bem como para Araújo, aliadas para a argumentação antiglobalista.

¹⁶ Em agosto de 2019, Fábio Zanini, da *Folha de São Paulo*, descreve o rápido crescimento da *Brasil Paralelo* no cenário político por meio de sua produção audiovisual. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/produtora-brasil-paralelo-revisa-a-historia-em-filmes-e-livros-com-visao-de-direita.shtml>. Acesso em 18 jun. 2020

3 CAPÍTULO II: POSICIONAMENTOS ANTAGÔNICOS NO ESPECTRO POLÍTICO

A tendência a se alinhar nas situações em que há dois lados em luta é um comportamento natural [...]. O alinhar-se preenche a necessidade de identificação, a formação de um ‘nós’: nós de direita, vocês de esquerda, ou vice-versa.

Norberto Bobbio

Considerando que nos posicionamentos de direita há a produção da discursividade antiglobalista, o discurso do globalismo conduziu ao aparecimento do que se apresenta pela caracterização “anti”, um prefixo, descrito por Bechara (2009, p. 451), de “oposição, ação contrária”. Como exposto anteriormente, há críticas à esquerda e a apresentação do globalismo como prática desta ala política nos discursos oficiais. Desse modo, o propósito deste Capítulo é apresentar algumas considerações para compreender os posicionamentos dos sujeitos políticos frente ao objeto de discurso, o antiglobalismo. Bobbio (2001), um dos teóricos consultados neste tópico, situa a política como o espaço do antagonismo e da ocorrência de dualidades, mas admite que há controvérsias na divisão direita-esquerda.

3.1 A DIVISÃO POLÍTICA DIREITA/ESQUERDA E CONSERVADORISMO/ PROGRESSISMO

Em *O Grande Debate*, Levin (2017) indica-nos que Edmund Burke (1729-1797) e Thomas Paine (1737-1809) deram início aos debates políticos da direita e da esquerda. A Revolução Americana e a Revolução Francesa foram eventos do fim do século XVIII que propiciaram um terreno fértil para a divisão política. Paine era a favor da independência americana e Burke foi defensor da Constituição inglesa e também crítico do radicalismo da Revolução Francesa na política inglesa. Conforme Levin (2017), entre os dois havia discordâncias, Burke pertencia ao conservadorismo reformador e Paine ao progressismo restaurador. Enquanto Burke tinha como ambição o equilíbrio entre estabilidade e mudança, Paine entendia que a política devia ter princípios e ideais filosóficos.

Levin (2017) explica que Burke tinha consciência das transformações sociais, mas mostrava-se cauteloso nas mudanças, pedia respeito às instituições e aos costumes, prezava as tradições, preocupava-se com a violência da revolução na França e não era a favor do governo das massas. Por outro lado, Paine lutava pela proteção dos mais fracos, apresentava opiniões

mais radicais, refutava a questão da monarquia hereditária e criticava, com frequência, a Coroa inglesa. Pela aplicação de princípios, Paine defendia uma reconstrução política a partir da estaca zero. De modo geral, a disputa entre os dois referia-se ao que tornaria um governo legítimo.

Conforme Levin (2017), as ideias de Paine têm origem em fundamentos do Iluminismo, na ideia da natureza humana como base para as decisões políticas, até mesmo porque a sociedade, antes dos arranjos políticos e sociais, existia sem governo. A revolução, então, consistiria num retorno à sociedade natural para possibilitar a construção de um novo governo. Segundo o autor, a ética revolucionária de Paine é progressista, apesar da ideia de estabelecer um retorno ao passado. Burke, por sua vez, acreditava que um retorno ao passado seria uma possibilidade de reversão ao barbarismo e entende que há muito na evolução da história humana que pode servir de ensinamentos aos atuais governantes.

Paine caracteriza Burke como um cavaleiro quixotesco, em busca da era do cavalheirismo. Enquanto Burke acredita em evolução, Paine acredita na revolução, enquanto aquele faz apelo à ordem, este faz apelo à justiça. E no que tange à revolução, Burke afirma que os revolucionários queriam enfraquecer os vínculos de obrigação e os laços familiares, para ele não é ideal desarranjar uma ordem estabelecida, isso prejudicaria a sociedade.

No discurso de posse no MRE, Araújo faz menção ao personagem da literatura espanhola invocado por Paine para caracterizar Burke: “mas o Brasil volta a dizer o que sente, e a sentir o que é. Vocês podem dizer que isso é ‘quixotesco’, talvez, e as pessoas nos chamam, às vezes [...]” (ARAÚJO, 2019a). Na obra de Cervantes observa-se a exaltação aos heróis e à história, assim como Burke o faz. Desse modo, o uso da metáfora relativa a Dom Quixote representa um modo de produção de sentidos acerca do posicionamento de direita.

Extraímos de Carvalho (2014) algumas questões relativas à significação de revolução considerando este contexto de divisão política. Segundo o escritor, o que haveria de comum em algumas revoluções, como a francesa e a americana, é a forte ideologização, porque as revoluções “[...] enfraquecem e destroem as nações onde ocorrem, deixando atrás de si nada mais que um rastro de sangue e a nostalgia psicótica das ambições impossíveis” (CARVALHO, 2014, p. 160). O escritor acredita que só ocorre realmente uma revolução quando um grupo dirigente, com uma proposta de mudança, está no comando com concentração de poder. Do contrário, a revolução não seria legítima e causaria estragos à ordem nacional. Cabe ressaltar, que esta é a visão de Carvalho, uma das inspirações

antiglobalistas bolsonaristas.

Retornando ao pensamento de Burke, quanto ao viés econômico, o irlandês afirma que a economia funciona melhor quando não há intervenção, é importante deixá-la livre, porém a liberdade deve ser social e não individual (LEVIN, 2017). Burke, de direita, apresenta-nos uma concepção para a liberdade.

Mas o que é a liberdade sem sabedoria e virtude? É o maior de todos os males possíveis, pois, sem tutela ou limites, é tolice, vício e loucura. Aqueles que sabem o que é a liberdade virtuosa não suportam vê-la desgraçada por líderes incapazes com belas palavras na boca. (BURKE, 1901, *apud* LEVIN, 2017, p. 108-109).

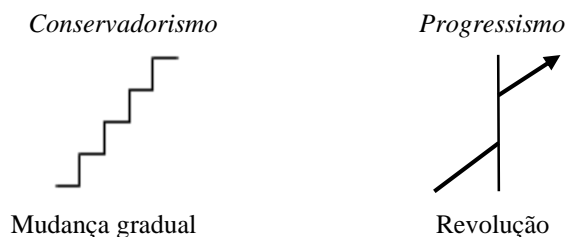
Conforme Burke, a verdadeira liberdade não estaria ligada ao bel-prazer dos indivíduos, ela é assegurada por instituições e prevê igualdade de restrições, precisando estar associada à ordem. Para Burke, uma nação se constrói a partir de conquistas passadas, a história deve ser fonte de orgulho e o Estadista deve zelar pela ligação do povo ao seu país, Além disso, os conceitos abstratos não caberiam à política.

Na concepção de liberdade refletida por Bobbio (2001), ordem e liberdade são termos que se contrastam, mas “uma boa convivência somente pode ser fundada sobre um compromisso entre um e outro, de modo a evitar o limite extremo ou do Estado totalitário ou da anarquia.” (BOBBIO, 2001, p. 129).

Para concluir a disposição discursiva de cada um, de Burke e de Paine, ainda indicamos que para Paine cada homem é uma espécie de proprietário do governo e que é por meio da razão que se pode conhecer a verdade. Isto remete ao que circunda a concepção de verdade no discurso de posse de Araújo (2019a), o Ministro afirma que a verdade liberta e que só se a conhece pelo amor, uma contraposição à questão da razão.

Nesta dissertação apresentam-se algumas reflexões por meio de ilustrações para reforçar o intento às discussões. A ilustração, a seguir, busca retratar as diferenças de estratégias políticas pela visão conservadora e pela progressista em suas ascensões históricas, conforme contextualização de Levin (2017).

Ilustração 2: **Conservadorismo e Progressismo**: Edmund Burke X Thomas Paine



Fonte: adaptado de Levin (2017).

Com base na Ilustração 2, assinala-se que o conservadorismo é a favor da mudança, mas de forma gradual, prudencial e por isso cautelosa, como Burke propunha. Já o progressismo parte da ideia de que devam ocorrer transformações a fim de revolucionar a estrutura governamental. Ou seja, iniciar um novo trajeto provocando descontinuidade da forma política atual e propor uma nova forma de governar, ou uma nova arte de governar, que se expressa como a busca pela melhor maneira de governar, utilizando a exposição de Foucault (como mencionada nas obras *Nascimento da biopolítica* (2008a) e *Segurança, território e população* (2008b)).

Conforme exposto anteriormente, Carvalho (2014) indicou que uma revolução que quer se apresentar como verdadeira ocorre se houver no comando um grupo de dirigentes com concentração de poder. Refletindo acerca de nosso objeto de estudo, o antiglobalismo seria então um modo de revolução, e o grupo dirigente desta proposta de transformação são os sujeitos políticos aliados ao governo Bolsonaro.

Logo, o antiglobalismo apresenta-se discursivamente como um movimento de descontinuidade que se constrói no posicionamento antipetista do governo Bolsonaro. Apesar de ser agenda do conservadorismo que traria mudanças graduais em princípio, o discurso antiglobalista causa ruptura com a forma supostamente globalista do governo anterior, não demonstrando ser gradual em sua funcionalidade. Como Bolsonaro proferiu em seu discurso da posse no Congresso Nacional, no dia 01 de janeiro de 2019, iniciou-se “[...] um trabalho árduo para que o Brasil inicie um novo capítulo de sua história.” (BOLSONARO, 2019).

Mediante o exposto, ressaltamos que a representação discursiva na Ilustração 2 refere-se apenas ao tema do antiglobalismo, objeto desta pesquisa, e não a todo o rol de iniciativas do novo governo. O contexto das eleições com a divisão partidária, a proliferação de

propostas, os posicionamentos antagônicos e o antiglobalismo dos discursos, faz-nos pensar os caminhos da direita e da esquerda e refletir acerca da polarização no contexto brasileiro.¹⁷

Segundo Bobbio (2001), as pessoas têm tendência para tomar uma posição quanto a um determinado fato ou uma situação, é um comportamento natural porque os sujeitos têm necessidade de identificação. Na área política, em tudo que a marca historicamente, há uma exigência de um jogo das partes, afinal, na concepção do autor,

‘Direita’ e ‘esquerda’ são termos antitéticos que há mais de dois séculos têm sido habitualmente empregados para designar o contraste entre ideologias e entre os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas. (BOBBIO, 2001, p. 49).

Assim como contextualizado por Levin (2017), Bobbio (2001) apresenta a Revolução Francesa como divisora de águas para a política. No entanto, atualmente, a existência da repartição direita-esquerda é questionada. Uma das razões refere-se à crise das ideologias, porque essas estariam sempre sendo substituídas por novas. A divisão política parte de contraposições relativas a diversos problemas, não só de ideias, mas de interesses e valorações. Cabe ressaltar que os contrastes existem, entretanto não são mais os mesmos que os da época em que surgiu a divisão.

Bobbio (2001) explica que, devido à pluralidade das sociedades democráticas, em que há convergências e divergências, pode haver variadas combinações dificultando a antítese direita-esquerda. Isto justifica a aparição de um posicionamento denominado “centro”, um espaço que se abre entre dois opostos. Além disso, a sociedade em transformação faz surgir novos problemas políticos e novos movimentos que não estão mais na tradicional divisão. Então, “na dupla antitética direita-esquerda, limitada à linguagem política, a força respectiva dos dois termos não é dada constitutivamente [...] mas depende dos tempos e das circunstâncias.” (BOBBIO, 2001, p. 63). O declínio da União Soviética é a derrocada de uma esquerda historicamente delimitada, a título de exemplo das transformações ao longo do tempo. Logo, a divisão

trata-se de uma banal metáfora espacial, cuja origem foi inteiramente casual e cuja função tem sido apenas a de dar um nome, de dois séculos aos dias de hoje, à persistente, e persistente porque essencial, composição dicotômica do universo

¹⁷ O autor Kaysel (2015), no livro *Direita, Volver!*, apresenta como auge da polarização no Brasil o segundo turno das eleições de 1989, pois, naquele ano, Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor representavam dois projetos antagônicos no País.

político. O nome político pode mudar. Mas a estrutura essencial e originalmente dicotômica do universo político permanece. (BOBBIO, 2001, p. 83).

Conforme exposto na citação acima, a metáfora direita-esquerda não é indicativo de juízo de valor, ou seja, definidora de um lado positivo e outro negativo. Conforme Velasco e Cruz (2015), a divisão espacial ocorreu por motivo de expediente e a imprensa começou a usá-la referindo-se aos favoráveis e aos contrários a uma proposta que estava em trâmite, logo, dirigindo-se aos que estavam à direita e aos que estavam à esquerda. Com o tempo, os termos receberam significados marcando identidades. Em nossa dissertação, compreendendo que se observam posicionamentos antagônicos, transitamos pelos termos direita, esquerda, conservadorismo e progressismo, conforme as bibliografias os apresentam.

A partir da divisão direita e esquerda e algumas contestações a esta repartição, surge a discussão sobre o extremismo-moderantismo. Contudo, esta última díade tem critérios de contraposição diferentes à divisão primeira - direita-esquerda -, pois, segundo Bobbio (2001), extremismo-moderantismo diz respeito a uma radicalização de ideias, haveria um posicionamento anti-iluminista nos extremistas, e surgiria a antidemocracia nos extremos, seja à direita ou à esquerda. Enquanto o moderantismo ocorre de forma gradual e é evolucionista, o extremismo vê a história por saltos qualitativos e por rupturas, “[...] o extremismo de esquerda desloca a esquerda mais para a direita, assim como o extremismo de direita desloca a direita mais para a esquerda.” (BOBBIO, 2001, p. 109). Em relação à moral e à virtude os extremistas se diferem dos moderados:

[...] as virtudes guerreiras, heróicas, da coragem e da ousadia, contra as virtudes consideradas pejorativamente mercantis da prudência, da tolerância, da razão calculada, da paciente busca da mediação, necessárias nas relações de mercado e naquele mais amplo mercado de opiniões, de ideias, de interesses em conflito, que constitui a essência da democracia, na qual é indispensável à prática do compromisso. (BOBBIO, 2001, p. 74-75).

Ao percorrer os estudos de Cofrancesco¹⁸, Bobbio (2001) assinala que a tradição assume uma importância fundamental na definição do posicionamento de direita, e que emancipação é o traço característico da esquerda. Quanto à questão da tradição, nos discursos oficiais analisados nesta dissertação, há menções à sua valorização constante, o que contribui para reforçar a característica de ser discurso de direita. No entanto, ao mencionar Marco

¹⁸ Dino Cofrancesco é escritor e professor da Universidade de Gênova, Itália.

Revelli, autor que, em sua opinião, melhor explorou os prós e os contras da díade, Bobbio considera que direita e esquerda são conceitos relativos, não dizem respeito a conteúdos fixos porque diversos deles podem tramitar ao longo do tempo no espectro político.

Afinal, Bobbio (2001) esclarece que um dos critérios mais usados para diferenciar a direita da esquerda refere-se à postura que os homens assumem perante o ideal de igualdade, de liberdade e de paz. Segundo o autor, são ideais pelas quais os homens estão dispostos a lutar¹⁹, logo, igualdade, liberdade e paz têm considerável destaque em discursos políticos.

A direita estaria mais disposta a aceitar o habitual, a tradição e o passado, como o exemplo que citamos anteriormente sobre a monarquia hereditária na Coroa Inglesa, que é respeitada por Burke. Entre os discursos sobre o que faz surgir a divisão política, Carvalho (2014) também trata de diferenciar. Na citação, a seguir, percebe-se que a importância dada aos valores, à cultura e ao patriotismo é parte do discurso de direita da transição para o governo Bolsonaro, bem como a questão sobre a liberdade de mercado.

[...] de um lado, a ‘esquerda’, que favorece o controle estatal da economia e a interferência ativa do governo em todos os setores da vida social, colocando o ideal igualitário acima de outras considerações de ordem moral, cultural, patriótica ou religiosa; de outro, a ‘direita’, que favorece a liberdade de mercado, defende os direitos individuais e os poderes sociais intermediários contra a intervenção do Estado e coloca o patriotismo e os valores religiosos e culturais tradicionais acima de quaisquer projetos de reforma da sociedade. (CARVALHO, 2014, p. 107).

No contexto nacional, Paulo de Oliveira Eneas (2017) critica fortemente a imprensa brasileira porque ela estaria sob o domínio da política de esquerda. Segundo o autor, haveria distorções de fatos e da realidade ao se adotar padrões comunicativos compatíveis com a ideologia esquerdista. Os veículos de comunicação, pelo olhar do autor, auxiliam a propagar uma ideologização por meio de artifícios linguísticos e armadilhas semânticas. Os partidários da esquerda teriam a “[...] capacidade de tomar as palavras para si, subverter seu significado, e usá-las justamente como propaganda de uma ideologia que vai justamente contra o sentido original dessas palavras.” (ENEAS, 2017, p. 52). Não obstante, a esquerda promoveria doutrinação, práticas de emparelhamento do Estado, um suposto projeto de dissolução dos Estados e identidades nacionais e uma degradação da geopolítica nacional, orientada pela ideologização. Na visão do autor, para a esquerda a ideologia é um “[...] conjunto de ideias

¹⁹ Velasco e Cruz (2015, p. 19, grifo do autor) ao refletir sobre um elemento comum a ser apreendido para pensar a polarização política, afirma que “entre os autores que perfilam essa posição, talvez o mais célebre seja Norberto Bobbio. O texto de referência aqui não poderia ter título mais incisivo: *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*”.

prefixadas, recheadas de boas intenções e plenas de aparente compaixão humana [...]” (ENEAS, 2017, p. 48). Essas ideias são adaptáveis a novos conteúdos e ou temas porque a esquerda teria propensões universalistas.

Quanto ao Ocidente, assim como dito por Araújo, Eneas (2017) também afirma que a população ocidental estaria rumo a um esfacelamento civilizacional. A maior ameaça ao Ocidente estaria nele mesmo: na ideologia esquerdista. Isto aconteceria devido a políticas “[...] ancoradas na falácia do multiculturalismo e da armadilha do politicamente correto, escancarando suas fronteiras para a invasão islâmica e negando sua cultura e sua herança judaico-cristã.” (ENEAS, 2017, p. 106). O politicamente correto se construiria pela aceitação social sem precedentes e pela não ofensa a outras culturas. Mas, segundo o autor, é necessário chamar as coisas pelo nome, dizer o que são sem medo, apontar as soluções para os problemas, arrancar supostas raízes petistas que teriam empobrecido o Brasil e derrubar falácias como a do multiculturalismo. O Ocidente teria sido intimidado e paralisado devido às

[...] invenções do gramscismo feitas sob medida para impedir as pessoas de pensar, acaba escolhendo por assistir passivamente ao fortalecimento de uma ideologia religiosa criminosa que tem por objetivo explícito destruir a civilização ocidental, a começar pela eliminação física daqueles que no Oriente Médio representam essa civilização: os cristãos. (ENEAS, 2017, p. 38-39)

Complementando o exposto na citação acima, Eneas acredita que a esquerda exaltaria o multiculturalismo e negaria seus próprios valores em prol da defesa da diversidade. Ademais, aponta-se uma falsa tolerância ao Islã, uma religião que, segundo Eneas (2017), é baseada na cultura do terror e na destruição, porque o islamismo ameaça a civilização ocidental e é inimigo dos cristãos. Desse modo, multiculturalismo e ser politicamente correto suscitariam uma espécie de obra de engenharia social criada pela esquerda para camuflar o choque e o conflito nas sociedades ocidentais. Enxerga-se a realidade de modo distorcido, como numa imaginação, pelas palavras de Eneas (2017).

A nova direita no contexto latino-americano, segundo Codato, Bolognesi e Roeder (2015), conserva elementos da velha direita: o capitalismo como modelo econômico e os preceitos morais tradicionais, porém, por outro lado, reconhece a importância de políticas sociais promovidas pela esquerda. Segundo os autores, essa nova direita enquadra-se em três *statements*: liberalismo econômico, defesa da democracia e defesa dos valores da família tradicional, e é composta por novas lideranças e por trabalhadores, enquanto a velha direita tem como representantes o empresariado.

Segundo Silveira (2015), alguns partidos tradicionais de direita, de centro e de esquerda tiveram dificuldade nas disputas de ideias pelas redes digitais, o que permitiu o espaço para novas lideranças e articuladores. Dessa forma, a nova direita cresceu ao compartilhar “[...] reportagens da revista *Veja*, textos de Olavo de Carvalho, discursos de Bolsonaro, notícias contra a corrupção do PT combinadas às críticas contundentes às políticas sociais do governo Lula.” (SILVEIRA, 2015, p. 223). Observamos que a internet foi um meio de comunicação facilitador da campanha eleitoral do Presidente, a rede social *Facebook* foi utilizada, inclusive, em seus discursos da vitória. No discurso da posse no Congresso Nacional, Bolsonaro agradece aos internautas pelos votos que possibilitaram a sua eleição.

A internet teve relevante importância na campanha eleitoral de 2018, porém serviu para a proliferação de notícias falsas, as *fake news*. Pasquini, da *Folha de São Paulo* (2018), apresentou uma pesquisa realizada pela organização *Avazz* em outubro de 2018. O estudo da *Avazz* apontou que 98,21% dos eleitores de Bolsonaro foram expostos a uma ou mais notícias falsas durante a eleição e 89,77% acreditaram que os fatos eram verídicos. De acordo com Pasquini (2018), várias pesquisas conduzidas antes do segundo turno por outros institutos concluíram que a maioria das notícias falsas teria conteúdo contra o candidato Fernando Haddad e contra o PT.

Visões de mundo duais estão presentes nos posicionamentos políticos, porém a multiplicidade de temas associada a transformações sociais em abundância, aliadas também aos dispositivos tecnológicos, confundem e trazem heterogeneidade à discursividade da direita e da esquerda. Nesse contexto, o movimento de transformação pensado pelo antiglobalismo em relação ao modo como ocorre as relações do Brasil com o exterior, refutando a maneira como se realizava pelo modelo da administração lulo-petista, é parte do que se apresenta a discursividade de direita no governo Bolsonaro.

3.2 O LIBERALISMO NO POSICIONAMENTO CONSERVADOR DO GOVERNO BOLSONARO

Considerando as características da nova direita latino-americana²⁰, em que um dos *statements* é o liberalismo econômico, analisamos nos discursos de transição para o governo

²⁰ A nova direita latino-americana está sendo citada nesta dissertação a partir das referências contidas em *Direita, Volver!* (2015).

Bolsonaro as menções ao livre mercado. Discursivamente se estabelece o liberalismo, no entanto, no decorrer do mandato as práticas na área da economia do governo têm se mostrado pouco liberais.

Recorremos a Foucault (2008a, 2008b) para contextualizar o liberalismo nas ações governamentais. Segundo o autor, a questão da liberdade é uma das condições de desenvolvimento das sociedades modernas, é um item de reivindicação delas. O liberalismo articula-se pela liberdade por:

[...] deixar as pessoas fazerem, as coisas passarem, as coisas andarem, *laisser-faire*, *laisser-passer*, e *laisser-aller*, quer dizer essencial e fundamentalmente, fazer de maneira que a realidade se desenvolva e vá, siga seu caminho, de acordo com as leis, os princípios e os mecanismos que são os da realidade mesma. (FOUCAULT, 2008b, p. 62-63, grifo do autor).

Segundo Foucault (2008b), a liberdade, em sentido amplo, está compreendida pela faculdade de circulação, uma das dimensões relacionadas à segurança, especialmente centrada no que ocorre nas cidades. As circulações envolvem deslocamentos, trocas e contatos observados pelo soberano. É atuando sobre o meio que o soberano trabalha na regulação. Portanto, pode-se considerar esta ideia de circulação para o discurso antiglobalista, afinal o antiglobalismo traz um impedimento de trocas entre as nações, mas seriam trocas associadas à ideologia porque as trocas comerciais articuladas ao crescimento da economia no País devem ser fomentadas, conforme os discursos oficiais.

O autor observa os governos como os encarregados de um complexo que liga os homens em suas relações, vínculos e imbricações com riquezas, recursos, meios de subsistência, territórios, entre outros, e isto relaciona-se a costumes, hábitos, maneiras de fazer e agir. Afinal, “o que é governar um barco? É encarregar-se dos marinheiros, mas é também encarregar-se do navio, da carga; governar um barco também é levar em conta os ventos, os escolhos, as tempestades, as intempéries” (FOUCAULT, 2008b, p. 129). O essencial reside no complexo dos homens e das coisas.

No livro *Nascimento da biopolítica* (2008a), o autor também explica que governar é fazer com que o Estado permaneça forte perante tudo o que possa destruí-lo, cada Estado tem seus interesses e deve assegurar a independência, no entanto tem uma limitação em relação aos demais, seu objetivo não convém a um posicionamento imperial unificador. Quem governa regulamenta a vida dos seus súditos, a atividade econômica, a produção e os preços

na relação com os outros Estados. As práticas estabelecem-se na esfera da prática governamental e não diretamente nos indivíduos.

Conforme Foucault (2008a, p.19), por economia política se compreende todo método de governo para alcançar prosperidade, é “o que possibilitou assegurar a autolimitação da razão governamental”. A razão de Estado proporciona uma forma equilibrada de concorrência entre os Estados. Deixar as coisas fluírem, sem intervenção no que está dando certo, diz respeito à autolimitação. Deixar fazer, portanto, é a premissa que está diretamente ligada ao liberalismo.

Segundo Ludwig Von Mises (1987)²¹, economista defensor da liberdade econômica, o liberalismo é uma doutrina voltada à conduta das pessoas e “[...] a nada visa senão ao progresso do bem-estar material exterior do homem [...]”. (VON MISES, 1987, p. 6). Segundo o autor austríaco, o liberalismo, historicamente, teve em vista o bem-estar de todos e não um privilégio a alguns grupos, a política liberal visa a cooperação entre as nações de forma pacífica e com característica cosmopolita.

Em suma, segundo Von Mises, o liberalismo refere-se à propriedade privada dos meios de produção. Além disso, afirma-se, supostamente, que um trabalhador livre sabe que quanto mais trabalhar melhor será remunerado. Os liberais acreditam que é somente com um sistema baseado na liberdade que se garante maior produtividade. O liberalismo não é anarquismo, isto porque “o anarquismo somente seria praticável, num mundo de anjos e santos” (VON MISES, 1987, p. 39), a completa liberdade seria um mal. Neste contexto, o Estado exerce a atribuição de proteção à propriedade privada.

De acordo com Foucault (2008b, p. 127), “[...] a arte de governar é, precisamente, a arte de exercer o poder na forma e segundo o modelo da economia.”. No Brasil, como vemos nos discursos do arquivo desta pesquisa, Bolsonaro considera a liberdade um princípio fundamental²², observamos a regularidade do uso deste termo. Entretanto, a prática liberalista do governo Bolsonaro, apresentada pelo deixar fazer na economia, conforme discursividade observada no discurso do Presidente, aconteceria por um determinado modo de fazer. Observamos este aspecto quando o Presidente Bolsonaro destaca que é preciso “[...] criar um círculo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos

²¹ Von Mises é um dos economistas da escola de Chicago que Foucault consulta para discorrer seus estudos sobre liberalismo (LAGASNERIE, 2013).

²² Informações contidas no segundo discurso da vitória do Presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, em 28 de outubro de 2018, pela televisão (Anexo C).

mercados para o comércio internacional, [...] sem o viés ideológico.” (BOLSONARO, 2019). Os discursos remetem a um relacionamento do governo com os demais Estados por um modo de intervenção que não perturbe costumes nacionais.

Conforme Von Mises (1987), haveria em todo poder governamental uma tendência de não reconhecimento de limitações ao campo de atuação e de estender, o quanto for possível, a esfera de seus domínios: “[...] um governo liberal é uma *contradictio in adjecto* (contradição em si mesmo)”. (VON MISES, 1987, p. 69, grifo do autor). Existiria uma tendência de controle e de imposição de restrições a que os governos não resistiriam.

Como citamos no início desta seção e conforme Trisotto (2019), o Presidente Bolsonaro tem demonstrado não ser, de fato, tão liberal na economia como se apresentou na campanha. Em abril de 2019 Bolsonaro interveio no reajuste do preço do diesel, fazendo com que a Petrobras recuasse no que já tinha sido anunciado. A política da instituição é a de acompanhamento da flutuação do petróleo no mercado internacional, logo, o recuo resultou numa baixa nas ações da empresa no mercado financeiro. Segundo Trisotto (2019), Bolsonaro disse que a ação “[...] foi um reflexo do monitoramento das atividades dos caminhoneiros, que ameaçariam uma nova paralisação caso o preço nas bombas subisse”.

Outro item que merece destaque, para observar práticas pouco liberais, é a agenda de desestatizações, pois na campanha a proposta era de um número considerável de privatizações. Conforme Trisotto (2019), o Presidente desistiu de privatizar a empresa que foi criada para a execução do projeto do trem bala no Brasil, apresentou vetos à venda de outras estatais e desistiu de vender uma empresa de mídia.²³

Tendo em vista algumas tomadas de decisão antiliberais, observa-se uma desconformidade entre os discursos de transição e as práticas pós-eleições. Logo, o deixar fazer, o deixar passar e o deixar andar, explicitados por Foucault (2008b), não caracterizariam a prática liberal na área econômica do governo Bolsonaro, considerando os casos citados, devido às interferências realizadas pelo governo Bolsonaro.

3.3 GLOBALISMO COMO DISCURSO AGONÍSTICO

Foucault (1996) cita a ordem arriscada a que submetemo-nos no discurso. Impelidos

²³ A agenda de privatizações refere-se aos primeiros cem dias de governo, conforme matéria de Trisotto (2019), disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/bolsonaro-liberal-diesel-promessa-campanha-economia/>. Acesso em: 1 nov. 2019.

pelas instituições à manifestação, o que pronunciamos ou escrevemos é objeto de atenção, controle, seleção, organização e também de redistribuição. A produção discursiva é cercada por variáveis de poder e desejo, e então “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1996, p.10). Discursos como os do campo político suscitam momentos solenes e formas ritualizadas. A solenidade da posse do Presidente Bolsonaro e a da posse do Ministro Araújo, em 2019, como acontecimentos em que a discursividade passa por um procedimento convencionalizado socialmente no sistema de governo, a cerimônia de posse, é alvo daquela atenção citada por Foucault no tocante à ordem arriscada a que é submetido.

Um embate agonístico estabelece-se no campo político em relação ao globalismo. Consideramos a discursividade antiglobalista nos discursos oficiais analisados nesta dissertação, transmitidos em momentos solenes, convindo observar o lado oposto, as críticas sobre esta discursividade. O elemento agonístico apresenta, sobretudo, uma luta discursiva, aquilo pelo que se luta, como exposto por Foucault (1996).

No debate promovido pela *Brasil Paralelo*, em 2017, Olavo de Carvalho e Paulo Roberto de Almeida discutiram sobre o globalismo. Por um lado, Olavo de Carvalho defende a existência do globalismo como inegável. Por outro lado, Paulo Roberto de Almeida, enxerga-o como um conceito novo criado por motivação política, que de certa forma se iguala ao movimento de outros “ismos” no mundo moderno, como o socialismo e o feminismo. Já a globalização, para Almeida (2017), tem aspectos positivos, é um processo independente e objetivo concretizado por iniciativas empresariais, de intelectuais, de empreendedores, de inventores e ou inovadores que ultrapassam as fronteiras para fornecer bens e serviços, mas especialmente, fornecer ideias, propostas e conceitos para ampliar a integração entre as pessoas.

Na visão de Almeida (2017), o globalismo é um governo mundial fantasmagórico, quer dizer, impossível. Assim, não haveria força social e econômica capaz de implantar o globalismo, não é uma realidade tangível e “de fato, se opõe à globalização, por considerá-la como negativa ou restritiva das soberanias nacionais.” (ALMEIDA, 2017). O globalismo atuaria como uma ideologia, distinta da globalização.

Quanto ao papel da ONU e de outras organizações internacionais, Almeida (2017) entende que estas podem ser invasivas das soberanias nacionais, contudo, a própria ONU é

garantia aos estados soberanos porque defende os interesses das nações e atua em prol dos direitos humanos que são de caráter universal, assim, é importante a atuação desta organização contra governos que possam ser tiranos.²⁴ As maiores violações dos direitos humanos dariam-se no âmbito intranacional. A ONU e outras organizações precisam trabalhar para preservar esses direitos. Para o diplomata, geralmente os partidários de direita da globalização falam em governo global e os da esquerda falam num outro mundo possível, de economia solidária, de defesa do meio ambiente e contra supostas maldades da globalização. O globalismo então é “[...] uma tentativa de algumas forças conservadoras ou de direita nacionais para rejeitar a sensação de perda de soberania nacional que é feita em prol da globalização.” (ALMEIDA, 2017).

Monica Bolle (2016), em matéria publicada pela revista *Exame*, afirma que a globalização trouxe muitos ganhos para o mundo emergente e é responsável por minimizar a pobreza em vários países. De acordo com a economista, no ano de 2016 as bases científicas dos benefícios da globalização foram transformadas e viraram supostas teorias da conspiração que acusam grandes empresas de extinguir fronteiras e prejudicar o controle dos soberanos. Sendo partidário do antiglobalismo, Nicolas Maduro acolheria o antiglobalismo ao impedir a entrada de ajuda humanitária na Venezuela. Já países como a China e a Índia não compactuariam com o antiglobalismo e, por isso, crescem economicamente.

Demétrio Magnoli, em entrevista à Fundação FHC, em 2019, afirma que o movimento nacionalista ou neonacionalista é uma revolta contra a ordem mundial criada no pós-guerra contra um suposto governo mundial formado por instituições multilaterais, quer dizer, contra o que denominam globalismo. Segundo o sociólogo, isso caracterizaria uma doutrina que tende ao autoritarismo, provocando prejuízos à democracia. No pós Segunda Guerra Mundial as nações exercem sua soberania para firmar tratados nos quais abrem mão do poder autoritário, passam por restrição e regulamentação de poder, culminando numa soberania reinventada. O sociólogo argumenta que há um motivo histórico na formação de tratados, é preciso olhar para a memória histórica dos acontecimentos, compreender que existiram movimentos que causaram danos à liberdade das pessoas. Para Magnoli (2019), os nacionalistas “articulam um discurso organizado em torno do medo, o medo do exterior, o medo da competição chinesa, o medo do imigrante mexicano, o medo do imigrante

²⁴ Leonardo Boff (2018) também cita a ONU na universalização de direitos humanos através do processo da globalização, e afirma que a fala antiglobalista estaria “contra a lógica do processo histórico irrefreável” (BOFF, 2018).

muçulmano [...]”. Além disso, o discurso comum dos nacionalistas populistas seria o do hino, o da bandeira e o de Deus.

No Brasil, veríamos o discurso antiglobalista acontecer mais no plano verbal do que no real porque não está claro que o Brasil quer romper com a ordem internacional, haveria contradições (MAGNOLI, 2019). Com base nessa observação de Magnoli, é importante compreender a relação entre a fala e a prática, afinal, considerando que esta dissertação é escrita durante a vigência do governo Bolsonaro, é possível submeter os discursos à prática.

Durante a campanha eleitoral, de acordo com Nogy (2019), da *Gazeta do Povo*, “[...] Bolsonaro acenava com uma relação obsessiva com os EUA (e Israel), alinhado à visão de que existem dois polos de poder no mundo: EUA-Israel”.²⁵ Contudo, em junho de 2019, o Mercosul, do qual o Brasil faz parte, e a União Europeia firmaram um acordo e criaram a maior zona de livre comércio do mundo, denotando decisões posteriores e gerando questionamentos em relação às estratégias do posicionamento do Brasil no exterior se comparado à discursividade de campanha. Segundo Nogy (2019), para existir ganhos financeiros com as trocas comerciais mundiais, não se fica sem se submeter a nada ou a ninguém, porque isso é parte do processo da globalização, os efeitos aconteceriam a partir das relações entre os países. Assim, verificou-se que o governo Bolsonaro cedeu a um acordo internacional fora do eixo previamente definido como fundamental: Estados Unidos e Israel.

²⁵ Esses polos não seriam opostos, os Estados Unidos teriam interesses estratégicos na região de Israel, conforme explicitado por Nazanin Armanin no site: <https://movimentorevista.com.br/2018/04/as-14-razoes-do-apoio-incondicional-dos-eua-a-israel/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

4 CAPÍTULO III: O OBJETO À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO

[...] as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas [...], ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede.

Michel Foucault

O propósito deste Capítulo está na discussão da articulação entre antiglobalismo e formação discursiva (FD), que é referenciada com base nos estudos de Michel Foucault. É importante aprofundar a produção de efeitos de sentido do *corpus*, considerando que “[...] o analista suspende o pêndulo e, imediatamente depois, passa a acompanhá-lo nas idas e vindas da teoria para a análise [...]” (PETRI, 2013, p. 47). É da natureza do pêndulo seguir oscilando, tendo interrupções e retomadas. A tessitura da dissertação forma-se, então, por entremeios de análise.

Conforme Pêcheux (2014), a especificidade dos arquivos leva a pensar numa pesquisa multidisciplinar, “[...] para um acesso realmente fecundo” (PÊCHEUX, 2014, p. 57). Como fonte bibliográfica, tratamos de consultar reflexões na área econômica, sociológica, política, não nos detemos a uma disciplina, temos como alicerce teórico-metodológico a AD e reflexões interdisciplinares. Se o arquivo refere-se a documentos que estão disponíveis e relativos a uma questão, é preciso considerar a pluralidade dos gestos de leitura que podem ocorrer nas leituras destes arquivos.

Para Pêcheux (2014), os que leem os arquivos praticam sua própria leitura, de modo singular. Assim, estamos construindo nosso modo de ler para registrar e inscrever este gesto. Considerando que a leitura literal se mostra insuficiente e que deslizos, falhas e ambiguidades são parte constituinte da língua, é no entremeio que surgem os jogos de sentido. Conforme Pêcheux (2014, p. 66), “é esta relação entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo”.

Para dialogar diretamente com o objeto de discurso, de forma mais aprofundada, foram selecionadas sequências discursivas, ou seja, um recorte discursivo. Conforme Courtine (2016), a sequência discursiva associa-se a um sujeito e a uma situação enunciativa, dessa forma, há o Presidente da República discursando após a vitória, no dia 28 de outubro de 2018, pela rede social do *Facebook* e pela televisão direto de sua casa no Rio de Janeiro, e no dia da

posse no cargo, em 01 de janeiro de 2019, no Congresso Nacional em Brasília, e o Ministro das Relações Exteriores discursando em sua posse no MRE, em Brasília, no dia 02 de janeiro de 2019.

4.1 A FORMAÇÃO DISCURSIVA ANTIGLOBALISTA BOLSONARISTA (FDAB)

A teorização sobre formação discursiva, citada no Capítulo *A Formação do objeto de discurso*, permite refletir acerca das formas de delimitação de uma FD, abrindo um leque de opções para que se constitua, então, a Formação Discursiva Antiglobalista Bolsonarista, FDAB. Mas, em primeiro lugar, observamos que, apesar de propormos uma delimitação, os contornos não são rígidos, afinal, sempre há coisas a saber sobre os objetos de discurso.

Apesar de os contornos discursivos não serem fixos, é possível projetar um conjunto de dados, informações e ou saberes sobre a FDAB. Consideramos que há atravessamentos, influências e heterogeneidade que atinge o objeto discursivo. Convém ressaltar que nomeamos a formação discursiva como FDAB para facilitar a indicação de nosso propósito, partindo para uma possibilidade de sua delimitação na próxima seção. E, para delimitar a FDAB, à luz dos estudos de Foucault (2013), empreendemos dois conjuntos denominados quadros de sequências discursivas.

Em um dos quadros estão expostas as sequências selecionadas dos discursos da vitória e da posse do Presidente Bolsonaro, e no outro quadro está o conjunto de sequências que se referem ao discurso da posse do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. A tarefa de realizar um recorte, ou circunscrever uma região, pelas palavras de Foucault (2013), não o torna definitivo e absoluto, assim é o modo que optamos para apresentar a discursividade antiglobalista para a produção de sentidos.

4.2 ANTIGLOBALISMO NAS FALAS OFICIAIS: ANÁLISE DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

São as relações discursivas, enfatizadas por Foucault (2013), que norteiam o estudo dos conjuntos dos enunciados. Estes devem ser compreendidos na singularidade da sua situação, mas também pelas relações com outros enunciados. Entre diversos temas

apresentados pelo Presidente, já que a posição que passa a ocupar requer visão sistêmica, nosso propósito é reunir menções ao entorno discursivo antiglobalista. Observamos que Araújo apresenta uma abrangência discursiva globalista com maior ênfase no discurso da posse, isto pode se relacionar à função que desempenha no âmbito das relações internacionais no MRE.

Delimitar o conjunto de enunciados é um trabalho pelo olhar, aquele que repousa sobre o arquivo e que pertence a sujeitos subjetivados pelas identidades de sua época, incluindo os analistas de discurso. Conforme Foucault (2013), ao isolar a instância do acontecimento, apreendemos outras formas de regularidades e outras relações. Neste contexto, consideram-se as associações entre os enunciados e entre grupos de enunciados, mesmo que não sejam do mesmo autor. Assim, como há dois quadros de sequências discursivas dispostos nesta dissertação, as relações se estabelecem também entre eles, ou seja, entre as falas de Bolsonaro e as de Araújo.

De acordo com Courtine (2016, p. 21) o enunciado pode representar “[...] a realização de uma sentença de superfície, ou ainda uma sucessão de frases (‘enunciações seguidas’)”. Contudo, conforme Fiorin (1996), é fundamental acrescentar que o discurso não se estabelece num aglomerado de frases, ele é um todo de significação, e a frase é um segmento do discurso, quer dizer, um componente de um todo significativo. A partir destas considerações, apresentam-se, na próxima seção, as sequências discursivas,

4.2.1 “Nós” contra o globalismo: a fala de Bolsonaro

O arranjo para a FDAB vale-se pelo olhar à relação do Brasil com outros países, o que poderíamos indicar como estratégia em meio à amplitude dos discursos selecionados.²⁶ Como primeiro item a auxiliar no arranjo da formação discursiva está o objeto discursivo com as referências que o contemplam. Procurando as suas pistas, visto que uma infinidade de objetos pode ser delimitada para estudo discursivo, percebemos que, de um modo geral, as sentenças indicam um reposicionamento do País no cenário internacional e nacional, um jogo de forças marcado pelo embate àquilo que atentaria à grandeza brasileira. O Brasil estaria acima de tudo e deve manter-se forte.

²⁶ As sequências discursivas foram selecionadas a partir dos anexos A, B, C, D e E, o *corpus* da pesquisa.

Quadro 1: Sequências Discursivas: A fala oficial de Bolsonaro (Discursos I, II, III e IV)²⁷

SD 1 - Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas. Discurso I
SD 2 - Precisamos criar um círculo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico. Discurso I
SD 3 - Libertaremos o Brasil e o Itamaraty das relações internacionais com viés ideológico a que fomos submetidos nos últimos anos. O Brasil deixará de estar apartado das nações mais desenvolvidas. Discurso III
SD 4 - Na economia traremos a marca da confiança, do interesse nacional, do livre mercado e da eficiência. Confiança no cumprimento de que o governo não gastará mais do que arrecada e na garantia de que as regras, os contratos e as propriedades serão respeitados. Discurso I
SD 5 - Afinal de contas, a nossa bandeira, o nosso slogan, eu fui buscar naquilo que muitos chamam de caixa de ferramenta para consertar o homem e a mulher, que é a Bíblia Sagrada. Fomos em João 8 32 “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Nós temos que nos acostumar a conviver com a verdade. Não existe outro caminho se quisermos a paz e a prosperidade. Discurso II
SD 6 - Esse é um país de todos nós, brasileiros natos ou de coração. Um Brasil de diversas opiniões, cores e orientações. Discurso III
SD 7 – A construção de uma nação mais justa e desenvolvida requer a ruptura com práticas que se mostram nefastas para todos nós, maculando a classe política e atrasando o progresso. Discurso I
SD 8 - Podem ter certeza de que nós trabalharemos dia e noite para isso. Liberdade é um princípio fundamental. Liberdade de ir e vir, andar nas ruas em todos os lugares desse país, liberdade de empreender, liberdade política e religiosa, liberdade de fazer, formar e ter opinião, liberdade de escolhas e ser respeitado por elas. Discurso III
SD 9 - Não poderíamos mais continuar flertando com o socialismo, com o comunismo e com o populismo, e com o extremismo da esquerda. Discurso II
SD 10 - Governaremos com os olhos nas futuras gerações e não na próxima eleição. Discurso III
SD 11 - No mais, também vamos aqui junto ao Ministério da Educação deixar de lado qualquer temática voltada para a ideologia ou voltada para o desgaste dos valores familiares. A família estará em primeiro lugar no Ministério da Educação e queremos que a garotada também se forme de acordo com o currículo, que ela venha a ser alguém produtivo para si e para o seu País. Discurso IV

Fonte: elaborado pela autora

Apresentou-se na Ilustração 1 desta dissertação, Capítulo I, seção 2.3, um contexto de

²⁷ **Discurso I:** Presidente Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso Nacional - 01 jan. 2019 (Anexo A).

Discurso II: Presidente Bolsonaro após vitória eleitoral (*Facebook*) - 28 out. 2018 (Anexo B).

Discurso III: Presidente Bolsonaro após vitória eleitoral (televisão) - 28 out. 2018 (Anexo C).

Discurso IV: Presidente Bolsonaro após vitória eleitoral (*Facebook*) - 28 out. 2018 (Anexo D).

ocorrência para o objeto discursivo antiglobalista em que foram elencados “termos apegados” ao acontecimento, os termos-chave que indicam discursos adjacentes: Movimento de Direita, Identidade Brasileira, Soberania Nacional, Valores Tradicionais, Conservadorismo de Costumes, Patriotismo, Sem viés Ideológico e Defesa do Ocidente. Neste momento, pelas sequências discursivas apresentadas no Quadro 1, aprofundamos efeitos de sentido para além dos termos explicitados anteriormente.

Observa-se, na seleção discursiva, que o Presidente refere-se às ações pós-eleição, ao futuro, quer dizer, ao que pretende realizar durante seu mandato. As expressões “vamos” (SD 1), “libertaremos” (SD 3) e “traremos” (SD 4) são exemplos de verbos denotando a regularidade de pretensões futuras. No Quadro 1, o Presidente convoca mais pessoas para a realização do planejamento, afinal, utiliza com frequência a marcação: “ nós”, ou seja, ele e mais um sujeito ou grupo de sujeitos agirão em prol da realização do prometido.

Na SD 1, a menção à família, às religiões, à tradição judaico-cristã e aos valores são elementos contidos nas chaves de análise “Valores Tradicionais” e “Conservadorismo de Costumes”, dois dos discursos adjacentes previamente elencados como “termos apegados”. Destaca-se, especialmente, a questão da ideologia nesta SD. Ao leitor, cabe indicar que, no decorrer do texto, reapresentamos as sequências discursivas oriundas do Quadro 1 para facilitar a articulação texto-análise:

SD 1 - Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas. **Discurso I**

Bolsonaro refuta a ideologia que traria efeitos devastadores à liberdade. Mas, o presidente não está isento de ideologia ao discursivizar. Para a AD, a ideologia apresenta-se como item constituinte dos discursos, não há discursividade possível sem interpelação ideológica. Orlandi (2015) relaciona a ideologia e o sujeito nos estudos discursivos indicando que o próprio ato de interpretação pelo sujeito já atesta a presença da ideologia, porque esta é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo constitui-se sujeito para produzir o seu dizer, logo, “[...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2015, p. 45). O efeito da relação do sujeito com a língua e com a história resulta na ideologia que opera num funcionamento imaginário. As imagens permitem que as palavras relacionem-se às coisas, e se o sujeito não sofrer os efeitos do simbólico ele não se constitui e não produz sentidos. Portanto, na passagem do indivíduo para o sujeito, que é o enunciador do

discurso, a ideologia é parte constituinte.

Bolsonaro e Araújo são sujeitos interperlados por ideologia, ligados a formações discursivas e identificados numa posição sócio-histórica, de Presidente e de Ministro, respectivamente. Do mesmo modo como Bolsonaro e Araújo pretendem manterem-se afastados de outros “ismos”²⁸, também pretendem estar isentos da ideologia de outrem. O fato de refutar a ideologia já atesta um viés ideológico porque eles constroem um imaginário sobre o significado do constituinte ideológico.

O termo combate, no discurso anti-ideológico da SD 1, remete-nos ao que Halliday (1990) indica como palavra associada à metáfora bélica. O belicismo leva-nos a um efeito de guerra, um movimento de batalha contra um adversário. Pelo discurso, a aceção negativa dada à ideologia, a adversária na guerra contra o globalismo, é articulada à teoria de gênero.

Judith Butler, filósofa estadunidense, em *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade* (2003, p. 29) problematiza a complexidade do conceito de gênero apontando questões referentes a categorizações discursivas. Um dos pontos tratados por Butler é a cristalização do sujeito mulher no discurso feminino, não mais compreendido de forma estável e permanente. A partir dos estudos de Foucault, a autora cita a regulação dos sujeitos e sua representação social pelos sistemas jurídicos de poder, como no discurso sobre o sujeito mulher.

Em 2017, em passagem pelo Brasil, Butler foi hostilizada por alguns manifestantes contrários à sua vinda ao País. Em alguns escritos publicados pela *Folha de São Paulo* sobre o seminário *Os fins da democracia* a que Butler foi convidada a participar, a filósofa observou que se construiu um imaginário de ameaça à família, à moral e até mesmo à nação sobre uma suposta palestra sobre gênero que ela ministraria. À época, ela pronunciou-se também sobre a questão ideológica articulada nos discursos sobre gênero:

Para aqueles que se opuseram à minha presença no Brasil, “Judith Butler” significava apenas a proponente de uma ideologia de gênero, a suposta fundadora desse ponto de vista absurdo e nefasto, alguém - aparentemente - que não acredita em restrições sexuais, cuja teoria destrói ensinamentos bíblicos e contesta fatos científicos. (BUTLER, 2017).

Retomando a fala de Bolsonaro, na SD 1, em que enuncia-se ideologia de gênero e não teoria de gênero, o termo ideologia no lugar de teoria reflete uma opinião do Presidente

²⁸ Os “ismos” de outrem serão tratados no Capítulo IV.

para os atuais debates sobre a questão. Como é dada uma aceção negativa à ideologia, a teoria de gênero poderia impactar naquilo que seria preciso preservar: os valores. Na publicação da *Folha de São Paulo* (2017), Butler indica-nos que a ideia de gênero como ideologia foi mencionada primeiramente por Joseph Ratzinger em 1997, antes de se tornar o Papa Bento XVI, pela igreja católica. Cabe lembrar que o Papa era reconhecido pelo seu posicionamento conservador. Este ponto auxilia na percepção da articulação discursiva religião-política, ou seja, no reconhecimento de um posicionamento presidencial marcado por memórias discursivas com viés religioso conservador.

Nas SD 2 e SD 3, relacionadas a seguir, a recusa ao viés ideológico aparece associada à abertura de mercado e às relações internacionais. Competição, produtividade e eficácia fazem parte da discursividade do sistema capitalista de produção, um sistema associado consideravelmente aos avanços da globalização. Demonstrando ser favorável às ações que fomentam o livre mercado, Bolsonaro emprega a expressão círculo virtuoso nas práticas da área econômica:

SD 2 - Precisamos criar um círculo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico.

Discurso I

SD 3 - Libertaremos o Brasil e o Itamaraty das relações internacionais com viés ideológico a que fomos submetidos nos últimos anos. O Brasil deixará de estar apartado das nações mais desenvolvidas. **Discurso III**

Primeiramente, tem-se que a ideia de troca comercial virtuosa seria a adequada na relação do Brasil com outros países. Se é preciso instaurar um círculo virtuoso, anteriormente haveria um suposto círculo vicioso marcado por uma ideologia do governo petista, uma repetição de uma suposta prática danosa à economia implantada por anos, já que o PT permaneceu à frente da Presidência de 2003 a 2016. Porém, cabe ressaltar que, apesar de oscilações, se apresentaram indicadores positivos relativos à economia naquele período. Conforme Costas (2016), da *BBC Brasil*, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 7,5% em 2010 e o índice que mede a desigualdade de renda alterou de 58,6, em 2002, para 52,9, em 2013.²⁹

O círculo virtuoso faz-nos refletir articulações religiosas nos discursos. Em Provérbios (12:4), a virtude é associada à figura feminina: “a mulher virtuosa é a coroa do seu

²⁹ O indicador varia de 0 a 100 (0 representa total igualdade) (BBC BRASIL, 2016).

marido, mas a que faz vergonha é como apodrecimento nos seus ossos”. A virtude, no texto bíblico de Provérbios, associa-se ao seguimento dos desígnios sagrados e à edificação do lar. Dessa forma, um dos sentidos para o círculo virtuoso econômico anti-ideológico da SD é representativo do ideário de defesa da família e da religião.

Conforme exposto na seção 2.4 sobre influências estadunidenses na política brasileira, os EUA, pela representação de Donald Trump, marca uma das inspirações do governo Bolsonaro, um país que é visto como potência econômica mundial. O Presidente brasileiro não deseja estar apartado das nações desenvolvidas, conforme expresso na SD 3 acima. Contudo, há diferenças no posicionamento liberal entre o Brasil e os EUA.

O liberalismo estadunidense está mais associado à esquerda, e não à direita do espectro político, como no Brasil. De acordo com Vidal (2019), nos EUA o liberalismo tem na *New Deal* o seu berço. Na economia, o princípio é de que o governo liberal estadunidense intervém em áreas consideradas “privadas”, sem descaracterizar o regime capitalista, e atua minimizando efeitos negativos na sociedade. Então, na questão social, “o liberalismo defende uma certa concepção multicultural, perceptível na preocupação com os direitos das minorias” (VIDAL, 2019, p .40). No Brasil o liberalismo é associado à tradição clássica da escola austríaca. Von Mises, a referência do liberalismo clássico pertence à escola austríaca, conforme apresentado no Capítulo II, seção 3.2. Considerando a exposição de Vidal, sobre as diferenças entre Brasil e Estados Unidos, e a discursividade bolsonarista alvo desta dissertação, observa-se que o liberalismo brasileiro não contempla a intervenção na iniciativa privada e não apoia o multiculturalismo, como nos EUA.

Mark Lilla, catedrático da Universidade Colúmbia, Nova York, em *O progressista de ontem e o do amanhã: desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias* (2018), discute a crise do liberalismo americano no século XXI. A eleição de Donald Trump, do Partido Republicano, seria um dos resultados do insucesso da política liberal nos últimos tempos nos EUA. O liberalismo

[...] é visto, com alguma justiça, como uma doutrina professada basicamente pelas elites urbanas instruídas, sem contato com o resto do país, que veem os problemas atuais sobretudo através das lentes da identidade, e cujos esforços se resumem em zelar e alimentar movimentos hipersensíveis que dissipam em vez de concentrar as energias do que resta da esquerda. (LILLA, 2018, p. 15)

Conforme Lilla, o liberalismo pauta-se pela consciência de coletividade. Entretanto, a política identitária dos democratas liberais dos EUA, com atenção às minorias, não promoveu

o que o populismo de direita soube bem fazer: políticas públicas mais amplas, conforme leitura de Barrella (2017), em publicação da revista *Exame*. De acordo com os apontamentos de Barrella, o liberalismo no Brasil está atrelado ao discurso econômico e nos EUA o liberalismo está associado aos temas sociais.

É importante destacar que as análises nesta dissertação não problematizam o conteúdo bíblico ou a validade da crença religiosa, isto se dá independentemente do posicionamento religioso dos pesquisadores. O movimento articulatório realizado está em prol dos efeitos de sentido almejados, de acordo com a formação discursiva a que o sujeito do discurso se inscreve.

Seguindo com a relação intertextual bíblica, a virtude, na personificação da mulher, também aparece como elemento inspirador de confiança. Na SD 4 observa-se uma promessa bolsonarista de confiança na economia brasileira:

SD 4 - Na economia traremos a marca da confiança, do interesse nacional, do livre mercado e da eficiência. Confiança no cumprimento de que o governo não gastará mais do que arrecada e na garantia de que as regras, os contratos e as propriedades serão respeitados. **Discurso I**

Quando Bolsonaro afirma que as propriedades serão respeitadas, indicamos nessa passagem o liberalismo clássico, pois, conforme exposto na seção 3.2 do Capítulo II, Von Mises (1987) referencia o sistema liberalista à propriedade privada dos meios de produção, à liberdade para a garantia de maior produtividade e ao papel do Estado na proteção da iniciativa privada. Como o governo de Bolsonaro realizou algumas intervenções antiliberais, como os exemplos citados por Trisotto (2019), na seção 3.2 do Capítulo II, há um abalo na discursividade da confiança.

Conforme Foucault (2008b), o liberalismo ilustra o deixar fazer, o deixar andar, enfim, as coisas seguirem seu caminho sem intervenções. A questão do livre mercado estaria nesse contexto, porém quando se discursa sobre o viés ideológico, há restrições à liberdade na área econômica, não é uma liberdade de fato livre, como propriamente o termo traria como significação. A liberdade precisaria acontecer sob os olhos anti-ideológicos da agenda antiglobalista.

Na SD 5 observamos uma citação bíblica que requer uma análise discursiva, especialmente por citar a liberdade, tão frequente dentro do *corpus*. Bolsonaro expande os

elementos bandeira e *slogan* baseados na bíblia para além do “eu”, quer dizer, a mais pessoas porque profere:

SD 5 - Afinal de contas, a nossa bandeira, o nosso slogan, eu fui buscar naquilo que muitos chamam de caixa de ferramenta para consertar o homem e a mulher, que é a Bíblia Sagrada. Fomos em João 8 32 “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Nós temos que nos acostumar a conviver com a verdade. Não existe outro caminho se quisermos a paz e a prosperidade. **Discurso II**

Contudo, quando se pensa a liberdade, o efeito é de escolha, de aceitar ou não o que é proposto discursivamente. Na população brasileira, há os que leem a bíblia e os que não a leem, pois estes podem se identificar com outra crença. Em pesquisa realizada pelo *Datafolha* em dezembro de 2019, e publicada pelo site *GI* em janeiro de 2020, 50% dos brasileiros declaram-se católicos, 31% identificam-se como evangélicos, 10% afirmam não ter religião, 3% declaram-se espíritas, 2% identificam-se na umbanda, no candomblé ou em outras religiões afro-brasileiras, 1% dizem-se ateus, 0,3% pertencem ao judaísmo e 2% respondeu “outra”. Isto é, uma parcela dos cidadãos brasileiros não se identifica com princípios religiosos. Logo, não haveria uma discursividade abrangente no que tange ao acolhimento da variedade de crenças apresentadas no Brasil.

A citação direta “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (JOÃO, 8: 32) promove uma forte ênfase religiosa no discurso. A verdade é historicamente discutida na filosofia e há polêmicas na sua exposição e conceituação. As pessoas têm propensão à procura pela “verdade”, assim, mencioná-la é uma arma retórica para a persuasão.

Hicks inclui Hegel e Foucault nas contribuições pós-modernas sobre questões que envolvem a razão, a realidade e a verdade. Intelectuais da pós-modernidade sustentam que “não faz sentido falar de verdades ou de uma linguagem que possa capturá-las” (HICKS, 2011, p.74). Na vanguarda pós-moderna, Foucault, citado por Hicks (2011), defende que não existem necessidades universais na existência humana, por isso, não seria adequado falar em nome da razão, da verdade e do conhecimento. Para Hegel, a realidade evolui de modo contraditório e a verdade é relativa ao tempo e ao lugar, as contradições seriam intrínsecas à realidade e esta, por sua vez, é criação subjetiva dos indivíduos. Considerando que conflito e contradição estariam no cerne das coisas, existiriam verdades e não apenas uma verdade, verdades mudam.

A fonte para a verdade verdadeira seria a bíblia, de acordo com o discurso de

Bolsonaro. Entretanto, conforme os debates filosóficos, se a verdade é relativa e a contradição permeia a realidade, o discurso bolsonarista é representativo da própria contradição, em si. Observa-se na SD 6 esta questão:

SD 6 - Esse é um país de todos nós, brasileiros natos ou de coração. Um Brasil de diversas opiniões, cores e orientações. **Discurso III**

Opiniões, cores e orientações diversas ampliam para inúmeras possibilidades de verdade, porém o discurso bolsonarista da SD 5 selecionada elege uma fonte específica para o conhecimento verídico. Isso está em desacordo com a produção de sentidos dos enunciatários do discurso. Pois, de constituição heterogênea e marcados pela pluralidade das identidades culturais pós-modernas, conforme os postulados de Hall (2006), os sujeitos subjetivam-se de formas diferentes. Não obstante, é importante destacar que Araújo (2019a) também cita “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” no discurso de posse no MRE, o que permite ampliar a tessitura contraditória sobre a busca pela verdade.

Bolsonaro refere-se a uma ruptura no recorte discursivo da SD 7, a seguir. Tratamos sobre o elemento ruptura anteriormente ao fazer referência à suposta ordem global vigente no invólucro do globalismo.

SD 7 – A construção de uma nação mais justa e desenvolvida requer a ruptura com práticas que se mostram nefastas para todos nós, maculando a classe política e atrasando o progresso. **Discurso I**

Em *A arqueologia do saber* (2013, p.6), Foucault afirma que “em suma, a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar todas as perturbações da continuidade [...]”, mas o que ocorre na análise das ideias e do saber é uma maior atenção aos jogos das diferenças. Bolsonaro sustenta uma discursividade da diferença porque pretende que seu governo utilize outras práticas, este é um efeito produzido pelo discurso da ruptura com o governo anterior, que é petista. O efeito da diferença é sustentado pela urgência em dissolver as ideias da esquerda do comando governamental.

Em maio de 2020, em uma das pesquisas que o Instituto *Datafolha* realiza sobre a aprovação das práticas de governo pelos cidadãos brasileiros, a porcentagem de reprovação do governo Bolsonaro alcançou o maior índice desde o início do seu governo: 43%, enquanto o índice de aprovação permaneceu em 33%, em comparação a abril de 2020. Há uma nuance

importante nesta reprovação porque práticas do governo anterior podem ter sofrido ruptura, mas algumas novas não serviram para cobrir o suposto lapso da justiça e do desenvolvimento nacional na visão de uma parcela da população entrevistada pelo *Datafolha*.

Seguindo na análise das sequências discursivas, observa-se que na SD 8 o Presidente dá destaque à questão da liberdade em diversos âmbitos:

SD 8 - Podem ter certeza de que nós trabalharemos dia e noite para isso. Liberdade é um princípio fundamental. Liberdade de ir e vir, andar nas ruas em todos os lugares desse país, liberdade de empreender, liberdade política e religiosa, liberdade de fazer, formar e ter opinião, liberdade de escolhas e ser respeitado por elas. **Discurso III**

Considerando que a liberdade está atrelada ao discurso da política liberal, conforme Foucault (2008a, 2008b), isto conduz à fluidez na mobilidade de pessoas e processos. De acordo com Geoffroy de Lagasnerie, autor de *A última lição de Michel Foucault* (2013), para os liberais, de um lado estariam os que aderem ao individualismo e ao mercado livre e descentralizado, e do outro, os que pregam, à sua maneira, uma ética coletivista.

É importante destacar que não há menção ao neoliberalismo nos discursos do *corpus*. O neoliberalismo diferencia-se do liberalismo clássico, do discurso tradicional como o caracterizado por Von Mises em *Liberalismo* (1987). Lagasnerie (2013), ao realizar uma minúscia dos estudos foucaultianos sobre o neoliberalismo, esclarece que para Foucault

O neoliberalismo constrói novas percepções do Estado, do mercado, da propriedade de si ou de seu corpo. Engendra novas existências democráticas, sociais ou culturais, novas relações com a violência, a moral e a diversidade. Questiona a legitimidade de inúmeros contextos tradicionais de regulação e controle (LAGASNERIE, 2013, p. 34-35).

Com efeito, de acordo com Lagasnerie (2013), há um rompimento do modo de ver o neoliberalismo como uma ideologia conservadora que contém os traços da perpetuação da ordem. A proximidade entre liberais e conservadores seria estratégia política para frear o movimento progressista. Neoliberais afirmam que os liberais clássicos aproximaram-se demais da direita conservadora ao limitar-se a defender a ordem vigente, isto fez com que o liberalismo deixasse de ser um movimento radical em consonância com as políticas revolucionárias a que aspirava.

Conforme Lagasnerie (2013), Foucault relativiza o lugar ocupado pela noção de liberdade, o conceito central da abordagem neoliberal não seria o de liberdade, mas o de pluralidade. Liberdade subordinaria-se à pluralidade. Nesse contexto, vem à tona uma

reflexão sobre a sociedade tendo como ponto fundamental a multiplicidade, os indivíduos em modos de existência diferentes, ou seja, o fator heterogêneo constitutivo. A partir do desenvolvimento da lógica de mercado adequado à diversidade das sociedades contemporâneas, há de se considerar a proliferação dos setores de atividades e das formas de existência dos indivíduos. Portanto, a heterogeneidade social impossibilita uma visão unificadora e uma administração econômica centralizada.

Refletir sobre a pluralidade que abala as estruturas sociais e requer medidas transformadoras permite uma aproximação sêmica do neoliberalismo com o contexto pós-moderno. O termo neoliberalismo inicia com “neo”, com origem no radical grego “né-os” que significa novo (BECHARA, 2009). Contudo, esta discursividade do novo liberalismo, adepto às mudanças sociais da modernidade, não está contida na FDAB.

Como lido na SD 8, a liberdade está associada a diversos aspectos no discurso de Bolsonaro: de opinião, de religião, de informação, entre outros elementos. Em dezembro de 2019, foi lançado o jornal conservador on-line *Brasil sem medo*, em que Olavo de Carvalho é presidente do conselho editorial. Este empreendimento demonstra o espaço ampliado que a discursividade bolsonarista está ganhando, pois já o título remete-nos a efeitos de sentido sobre a liberdade durante a vigência do governo Bolsonaro. O jornal torna-se uma ferramenta de disseminação das referências bolsonaristas, especialmente as olavistas. É um espaço que fala a direita em seu projeto de recusa à esquerda.

Na introdução desta dissertação, consideramos analisar o que repercute do objeto antiglobalismo em outras áreas, como a educacional, visto que há uma discursividade anti-ideológica associada a esta área. Em *A ordem do discurso*, Foucault (1996, p. 44) atesta que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”, logo, algumas reflexões sobre a relação entre o antiglobalismo e a educação tornam-se pertinentes.

Em um dos discursos da vitória, Bolsonaro (2018a) sinaliza que junto com o Ministério da Educação pretende deixar de lado temáticas voltadas à ideologia ou ao desgaste dos valores familiares, e aponta para o foco na futura produtividade dos alunos, conforme as sequências discursivas, a seguir:

SD 09 - Governaremos com os olhos nas futuras gerações e não na próxima eleição.
Discurso III

SD 10 - No mais, também vamos aqui junto ao Ministério da Educação deixar de

lado qualquer temática voltada para a ideologia ou voltada para o desgaste dos valores familiares. A família estará em primeiro lugar no Ministério da Educação e queremos que a garotada também se forme de acordo com o currículo, que ela venha a ser alguém produtivo para si e para o seu País. **Discurso IV**

Um dos focos do governo Bolsonaro para a área da educação está no fomento ao ensino técnico. Em abril de 2019, Lopes, em publicação do site *Uol*, noticiou o propósito do governo em reduzir investimentos nos cursos da área de humanas, como filosofia e sociologia, e focalizar áreas que supostamente trariam um retorno rápido para o cidadão com geração de renda, como a engenharia. Assim, observa-se que há um discurso de promoção de algumas áreas educacionais em detrimento de outras, com menor atenção às que envolvem o desenvolvimento da criticidade e da reflexão, elementos proporcionados pelos estudos das ciências humanas, da arte, da história, entre outros. Esta questão atesta uma opinião governamental baseada no imaginário sobre o que é ser produtivo. Não obstante, durante o percurso de seu mandato, o Presidente tem fomentado a criação de escolas cívico-militares pelo Brasil, demonstrando orientação para o discurso disciplinador.

A Ministra Damares Regina Alves, que é também pastora evangélica, causou polêmica no início das suas atividades no Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, em janeiro de 2019, ao afirmar que o Brasil entraria numa nova era onde “menino veste azul e menina veste rosa” e “menina será princesa e menino será príncipe”, conforme relato da revista *Exame* (2019). Observa-se uma discursividade relativa ao que mencionamos na análise da SD 1, quanto aos efeitos da teoria de gênero no governo Bolsonaro, apoiada na tradição e no conservadorismo. É possível articular um prolongamento da incidência dessas falas na educação, afinal, o discurso pedagógico cumpre uma parte significativa na formação pessoal e profissional do aluno que frequenta a escola desde a tenra idade. Às instituições escolares caberia acolher diretrizes governamentais, de legislações e documentos oficiais. A fala de Damares impacta o pedagógico no que tange às temáticas ideológicas citadas por Bolsonaro na SD 10 e gera discussões sobre a adoção ou não do discurso no contexto escolar.

Perpassando pelas sequências discursivas somos instigados pela marcação do pronome “nós” e passamos a refletir sobre a ampliação dos sentidos da enunciação com atenção à categoria de pessoa. Como mencionado na introdução, aplicar noções da teoria da enunciação no *corpus* de pesquisa é pertinente para aprofundar efeitos de sentido. Cabe, então, relacionar alguns elementos teóricos para refletir semanticamente os enunciados trazidos dos discursos oficiais do Presidente e do Ministro no recorte discursivo dos quadros de sequências

discursivas.

Com base nos estudos de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste, Fiorin (2011) apresenta a língua como o conhecimento linguístico que o sujeito tem internalizado e a fala como a realização deste conhecimento internalizado. Cada língua tem suas próprias características semânticas e fonológicas, conhecidas pelo usuário da comunidade linguística de que faz parte. Como instância de mediação entre a língua e a fala, a enunciação é o ato do dizer, enquanto o enunciado é o que é dito. Nesse contexto, aparece o enunciador, o “eu”, aquele que diz para um “tu”, o enunciatário. Portanto, a enunciação põe em funcionamento a língua e por um ato individual o sujeito produz enunciado e “implanta o outro diante de si [...]” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Isto marca uma relação dialógica em que sempre se fala para outrem.

Considerando que há uma diversidade nas situações em que a enunciação acontece, observamos que os discursos selecionados estão situados em momentos marcados pela posse em um cargo, há o ato enunciativo individual de Bolsonaro e o de Araújo direcionados à população brasileira a que os meios de comunicação possibilitam alcançar. Cabe destacar, conforme Fiorin (1996), que a enunciação permite que se instaure o enunciatário mesmo este estando ausente e que as intenções do sujeito, as que poderão ser apreendidas, são as que estão inscritas no discurso.

Como instância de mediação, conforme Fiorin (2011), a enunciação apresenta categorias que carregam sentidos quando se toma a palavra. Essas categorias não pertencem a uma língua apenas, estão presentes nas línguas de forma universal: pessoa, tempo e espaço. Estes elementos também são chamados de dêiticos e de embreadores.

Conforme Fiorin (1994-1995), no artigo *A pessoa subvertida*, a categoria de pessoa é essencial no discurso e é comum o uso de uma pessoa com valor de outra. Conforme o autor, o “nós” evitaria colocar a alta autoridade em uma subjetividade, pois “o eu dilui-se no anonimato do nós ou é amplificado” (FIORIN, 1994-1995, p. 100), ou seja, “nós” evitaria o efeito de subjetividade e isso faz incluir o enunciatário no enunciador. Portanto, o sujeito enunciador e o enunciatário têm a pertença do que é dito.

Seguindo a reflexão de Fiorin, podemos indicar a marcação “nós” como expressão que mais se remete à objetividade do que a marcação “eu”. O Presidente e o Ministro incluem-se nos enunciados, no entanto, a solenidade de transição de cargo requer um posicionamento cauteloso e aliado às estratégias da equipe de governo, quer dizer, do coletivo que assume

junto com Bolsonaro e Araújo o texto enunciado.

A debreagem, conforme Fiorin (1994-1995, p. 80, grifo do autor), “projeta no enunciado, um *não eu*, um *não aqui* e um *não agora*.” O autor salienta que a eliminação de marcas de enunciação do texto produz efeitos de sentido de objetividade. Já a embreagem é “o efeito de retorno à enunciação’, produzido pela neutralização das categorias de pessoas e /ou espaço e/ou tempo [...]” (FIORIN, 1994-1995, p.82). De acordo com o autor, o que corrobora para a emergência de efeitos de sentido é a oposição sêmica entre aproximação e distanciamento. A primeira está associada ao caráter da subjetividade e a segunda apresenta-se na objetividade. No entanto, cabe ressaltar que a “objetividade linguística não existe, mas, por meio de certos procedimentos, chega-se ao efeito de sentido de objetividade.” (FIORIN, 1994-1995, p. 104). Assim, há um objetivo discursivo que procura trazer, ou não, ao enunciador a responsabilidade do dizer.

Quanto à fala de Araújo, também indicamos um quadro para análise discursiva, a ser apresentado na próxima seção. Ao leitor, cabe-nos indicar que não se encerra os efeitos de sentido do *corpus* nesta delimitação. O trabalho da dissertação é um gesto de leitura, entre outros possíveis dentro do percurso teórico-analítico da AD.

4.2.2 “Ele”, “Eu” e “Nós” sem medo: a fala de Araújo.

Considerando que a estratégia de constituição da FDAB parte das associações que dizem respeito à relação do Brasil com outros países, analisamos nesta seção as sequências dispostas no Quadro 2. Araújo exalta o País convocando os brasileiros a barrar o que é prejudicial à tradição do Brasil, remete à Bolsonaro quanto aos sentidos de liberdade, materializa experiências próprias de amor à nação e convoca a ideia de recuperação e reordenação das estratégias de relacionamento do Brasil com os outros países.

Quadro 2: Sequências Discursivas: A fala oficial de Araújo (Discurso V)³⁰

SD 12 - O presidente Bolsonaro está libertando o Brasil, por meio da verdade. Nós vamos também libertar a política externa brasileira, vamos libertar o Itamaraty, como o presidente Bolsonaro prometeu que faríamos, em seu discurso de vitória. Discurso V

SD 13 - Falar com a sociedade não é simplesmente falar, é principalmente ouvir. Vou dar

³⁰ **Discurso V**: Ministro Araújo durante cerimônia de Posse no MRE – 2 jan. 2019 (Anexo E).

um exemplo do que temos para ouvir. É o comentário de uma pessoa que segue a minha conta do *tweeter*, que diz o seguinte... li isso ontem: “Antes eu não entendia o amor do povo da Inglaterra pela rainha. Agora entendo. Quando temos alguém que ama seu país e seu povo e os defende, ganha amor e respeito. Não conhecíamos isso antes de Bolsonaro.”

Discurso V

SD 14 - Eu me lembro da emoção que eu senti pela primeira vez, quando era Terceiro Secretário, que subi as escadas para este terceiro andar, e vi, logo ao subir a escada, o quadro da Coroação de Dom Pedro I e o quadro do Grito do Ipiranga. **Discurso V**

SD 15 - Significa, se nós pensarmos no conceito de *Aletheia*: eu sinto essa verdade profunda que é a pátria, eu sinto o que é ter uma pátria e lembrar-se da pátria, portanto, como uma verdade central, essa verdade que liberta e que só se pode conhecer pelo amor. **Discurso V**

SD 16 - *Aletheia*. A tradução mais literal dessa palavra grega seria “desvelamento”, ou, melhor ainda, “desesquecimento”. *Lethe* é esquecimento. *Lethe* é o rio do esquecimento que, na tradição grega, os mortos cruzavam para ir para o outro lado. Então *Aletheia* é cruzar o rio de volta para cá. *Aletheia* é a superação do esquecimento. Algo que está esquecido e escondido e que de repente se recupera. *Aletheia* envolve uma experiência autêntica, individual, sentimental, de tal maneira que o nosso conceito atual de “verdade” é muito pobre diante desse conceito original. Nosso conceito de verdade normalmente se refere apenas à verdade factual, é um conceito um pouco técnico e frio, quando deveria ser algo orgânico e vivido. **Discurso V**

SD 17 - Então, para não ter medo, vamos ler menos *Foreign Affairs*, e mais Clarice Lispector ou Cecília Meireles. Vamos ler menos *The New York Times*, e mais José de Alencar e Gonçalves Dias. Vamos escutar menos a CNN e mais Raul Seixas. Por que Raul Seixas? "Não fiquemos no trono de um apartamento", ou de uma Embaixada, "com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar". **Discurso V**

SD 18 - No sistema multilateral político, especialmente na ONU, vamos reorientar a atuação do Brasil em favor daquilo que é importante para os brasileiros – não do que é importante para as ONGs. Defenderemos a soberania. Defenderemos a liberdade – a liberdade de expressão, a liberdade de crença, a liberdade na internet, a liberdade política. **Discurso V**

SD 19 - Não deixem o globalismo matar a sua alma em nome da competitividade. Não acreditem no que o globalismo diz quando diz que para ter eficiência econômica é preciso sufocar o coração da pátria e não amar a pátria. Não escutem o globalismo quando ele diz que paz significa não lutar. **Discurso V**

SD 20 - Não estamos aqui para trabalhar pela ordem global. Aqui é o Brasil. Não tenham medo de ser Brasil. Não tenham medo. **Discurso V**

SD 21 - Acreditemos no poder infinito da palavra, que é o logos criador. O presidente Jair Bolsonaro está aqui, chegou até aqui, e nós com ele, porque diz o que sente. Porque diz a verdade. E isso é o logos. Eu vou terminar falando do princípio e citando novamente São

João, a abertura do Evangelho de São João, quando diz “en archê ên ho logos”. O princípio era o logos. A palavra. O verbo. Archê, a última palavra em grego que eu vou dizer aqui hoje, significa princípio, tanto no sentido de início, quanto no sentido, principalmente, de força estruturante, princípio estruturante. A realidade, pelo menos a realidade humana, está estruturada em torno da linguagem, da palavra, do verbo, portanto do logos. Tudo o que temos, tudo de que precisamos, é a palavra. Ela está aprisionada, mas com amor e com coragem havemos de libertá-la. **Discurso V**

SD 22 - Vamos fazer alguma coisa pelas nossas vidas e pelo nosso país. Mergulhemos no oceano de sentimento e na esperança do nosso povo. Não mergulhemos nessa piscina sem água que é a ordem global. **Discurso V**

Fonte: elaborado pela autora

Araújo se expressa com o pronome “nós”, como Bolsonaro. No entanto, pode ser observada a marcação em primeira pessoa do singular em algumas passagens. Nas SD 12 e 13, observa-se que o Ministro refere-se ao Presidente. Esta ligação marca a rede de memórias discursivas da transição de governo. Araújo demonstra conformidade às promessas bolsonaristas, algumas marcas são repetidas por Araújo, como a “verdade” e a “liberdade”. Ao leitor, cabe indicar que, no decorrer do texto, rerepresentamos as sequências discursivas oriundas do Quadro 2 para facilitar a articulação texto-análise:

SD 12 - O presidente Bolsonaro está libertando o Brasil, por meio da verdade. Nós vamos também libertar a política externa brasileira, vamos libertar o Itamaraty, como o presidente Bolsonaro prometeu que faríamos, em seu discurso de vitória. **Discurso V**

SD 13 - Falar com a sociedade não é simplesmente falar, é principalmente ouvir. Vou dar um exemplo do que temos para ouvir. É o comentário de uma pessoa que segue a minha conta do tweeter, que diz o seguinte... li isso ontem: “Antes eu não entendia o amor do povo da Inglaterra pela rainha. Agora entendo. Quando temos alguém que ama seu país e seu povo e os defende, ganha amor e respeito. Não conhecíamos isso antes de Bolsonaro.” **Discurso V.**

Considerando que o *corpus* refere-se ao período de transição, ou seja, anterior ao efetivo exercício do cargo a que Bolsonaro foi eleito, e que Araújo afirma que “o presidente Bolsonaro está libertando o Brasil”, a liberdade estaria acontecendo pela mobilização discursiva e não pela ação, quer dizer, aconteceria pela palavra, pelo movimento retórico. A mobilização está sendo ampliada para o Itamaraty, o MRE, adicionando sujeitos ao discurso da suposta libertação. A conceituação de “verdade” é remetida à discursividade bolsonarista,

com intertextualidade bíblica, associada à noção de verdade que se busca pela palavra cristã, conforme enunciação do Presidente.

Retomamos a teoria da enunciação ao observar as marcações de pessoa no discurso. Quando Araújo cita o discurso de um dos seus seguidores do *Tweeter*, ele está utilizando o que Fiorin (1996) chama de discurso reportado, a citação, pelo narrador, do discurso de outra pessoa. Araújo é o narrador porque se coloca no texto quando diz: “li isso ontem”. Este movimento traz efeito acolhedor, que tramita da objetividade à subjetividade, porque no início da SD há um “não eu” e depois “um eu” aparece.

Observa-se no fragmento “eu me lembro da emoção que eu senti”, na SD 14 a seguir, um efeito de sentido diferente do que é enunciado em “eu sinto essa verdade profunda que é a pátria, eu sinto o que é ter uma pátria”, na SD 15:

SD 14 - Eu me lembro da emoção que eu senti pela primeira vez, quando era Terceiro Secretário, que subi as escadas para este terceiro andar, e vi, logo ao subir a escada, o quadro da Coroação de Dom Pedro I e o quadro do Grito do Ipiranga.
Discurso V

SD 15 - Significa, se nós pensarmos no conceito de *Aletheia*: eu sinto essa verdade profunda que é a pátria, eu sinto o que é ter uma pátria e lembrar-se da pátria, portanto, como uma verdade central, essa verdade que liberta e que só se pode conhecer pelo amor. **Discurso V**

Enquanto Araújo é interlocutor na SD 14, ele é também narrador ao relatar a sua experiência, ou seja, o “eu” está colocado dentro do enunciado. Na SD 15 primeiro aparece o “nós” em “se nós pensarmos no conceito de *Aletheia*”, antecedendo um pensamento materializado sobre o construir coletivamente. O “eu” em “eu sinto essa verdade” antecede o sentir e o lembrar-se, apresentando-se como um “eu” ampliado, ou seja, é Araújo e ou qualquer um na enunciação sobre amar e não esquecer a pátria. Em seguida, há a retomada do “nós” em “como uma verdade central”, ou seja, a verdade de construção coletiva. Essa troca fomenta o efeito de subjetividade na SD, diferentemente do sentido que emanaria de “você sente essa verdade”, pois se apresentaria um efeito de distância no enunciado, pensando no movimento enunciativo aproximação/distanciamento apresentado por Fiorin.

Esta questão conduz à reflexão de que “cada escolha lexical revela um ponto de vista do enunciator” (FIORIN, 2011) e os efeitos de sentido tramitam da objetividade à subjetividade e vice e versa. Logo, as mudanças na marcação de pessoa podem trazer o efeito de objetivar ou de subjetivar cada vez mais.

Na SD 16, Araújo discursiviza a “verdade” de modo mais amplo que Bolsonaro:

SD 16 - *Aletheia*. A tradução mais literal dessa palavra grega seria “desvelamento”, ou, melhor ainda, “desesquecimento”. *Lethe* é esquecimento. *Lethe* é o rio do esquecimento que, na tradição grega, os mortos cruzavam para ir para o outro lado. Então *Aletheia* é cruzar o rio de volta para cá. *Aletheia* é a superação do esquecimento. Algo que está esquecido e escondido e que de repente se recupera. *Aletheia* envolve uma experiência autêntica, individual, sentimental, de tal maneira que o nosso conceito atual de “verdade” é muito pobre diante desse conceito original. Nosso conceito de verdade normalmente se refere apenas à verdade factual, é um conceito um pouco técnico e frio, quando deveria ser algo orgânico e vivido.

Discurso V

Para além da fonte bíblica com referência ao livro de João, ao recorrer à referência grega, Araújo apresenta a díade esquecimento-desesquecimento para compreensão da concepção que direciona para a verdade. A questão do esquecimento foi citada no ensaio para os Cadernos do IPRI (2017), pois o Ministro escreveu sobre o autoesquecimento que assola o Ocidente. Este esquecimento é apontado como o inimigo interno capaz de destruir a identidade dos ocidentais, mais prejudicial do que os inimigos externos.

Na esteira das analogias e alusões presentes no discurso de Araújo, pode-se dizer que ao cruzar o rio do esquecimento, os adeptos de uma agenda globalista encarariam o efeito de morte, do cair em esquecimento, porque o globalismo estaria do outro lado, no espaço que não é orgânico nem vivido. Do lado de cá da margem, no caminho da recuperação estaria a verdade. Não está no discurso científico, está no caminho do amor, assim como mencionado na SD 15, “essa verdade que liberta e que só se pode conhecer pelo amor”. Com efeito abstrato, a verdade estaria do lado da emoção e não da razão, com a ativação do *pathos* pelo enunciador.

Cabe destacar que o trabalho da AD está situado num espaço de pontos de deriva possíveis no que tange às possibilidades de interpretação. Pêcheux (2008) destaca que

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. (PÊCHEUX, 2008, p. 53)

Uma das frases mais famosas do artista brasileiro Raul Seixas é *Pare o mundo que eu quero descer*, originalmente presente na canção homônima do brasileiro Silvio Brito. Um dos sentidos dessa frase emblemática é o de reivindicação contra um movimento constante de transformação global. Querer descer implica num desejo de não seguir a correnteza e

permanecer em um determinado ponto, como o passageiro que desce do ônibus no destino que ele próprio escolhe. Logo, parar o movimento mundial implica a discordância com a mudança atrelada a efeitos negativos para a vida do sujeito. Uma articulação desta análise discursiva com o conservadorismo de costumes significa frear as transformações da pós-modernidade para preservar as crenças e os valores pessoais. Já na canção *Aluga-se*, de Raul Seixas, um dos versos, *A solução é alugar o Brasil*, vai de encontro à ideia de nacionalismo e de preservação da identidade, pois se abriria o País para a contemplação estrangeira. Reflexões diversas podem ser acrescentadas por meio das canções de Raul, mas foi de uma forma generalista que Araújo destacou esta personalidade brasileira, conforme pode ser visto na SD 17, a seguir, possibilitando uma abertura para deslizamentos de sentidos, pontos de deriva, ao se considerar o legado artístico do cantor que cantava sobre ser uma “metamorfose ambulante”.

SD 17 - Então, para não ter medo, vamos ler menos *Foreign Affairs*, e mais Clarice Lispector ou Cecília Meireles. Vamos ler menos *The New York Times*, e mais José de Alencar e Gonçalves Dias. Vamos escutar menos a CNN e mais Raul Seixas. Por que Raul Seixas? "Não fiquemos no trono de um apartamento", ou de uma Embaixada, "com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar".
Discurso V

O Ministro cita eventos históricos e personalidades como exemplos de destaque na memória histórica brasileira. Quando menciona Clarice Lispector, Cecília Meireles, José de Alencar e Gonçalves Dias, Araújo fomenta a inclusão do público admirador destes escritores renomados na plateia do sentimento nacionalista. Isto não quer dizer que este público acolherá os argumentos associados aos escritores brasileiros, mas o movimento retórico do enunciador propicia um olhar mais atento dos amantes da literatura ao discurso supracitado.

Na SD 17, o fragmento “não fiquemos no trono de um apartamento” é relacionado intertextualmente com a música *Ouro de tolo*, também de Raul Seixas. O apartamento remete à imagem dos edifícios, um dos símbolos da urbanização nas grandes cidades, como as antigas aglomerações formadas em torno das fábricas da Revolução Industrial. O sujeito da revolução industrial que teve um “bom” emprego na fábrica recém-inaugurada e o sujeito pós-moderno que conseguiu adquirir um apartamento no centro da cidade conquistou o seu espaço no cenário urbano e tem as necessidades básicas satisfeitas, assim poderia apropriar-se do sentimento de dever cumprido. Mas o pacato cidadão, cantado pela banda brasileira de pop rock Skank, tem a atenção chamada para o que ocorre ao seu redor, porque precisa sair do casulo de paredes de tijolos para enxergar as paredes sociais do seu País.

Pensando no conceito de interdiscurso, tratado por Orlandi (2015, p. 31) como “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, as palavras de Araújo fazem sentido em outra relação sujeito/tempo/espço, isto é, o que foi dito se apaga na memória, passa para o anonimato e recebe uma atualização no sujeito/tempo/espço apresentado por Araújo no discurso de sua posse no MRE. Então, se antes, “sair do apartamento” representava ir contra o governo ditatorial (1964 a 1985), agora significa sair para lutar contra o globalismo, afinal, seria preciso banir a suposta hegemonia da esquerda no Brasil. É um movimento retórico do Ministro em prol da ressignificação dos atores e dos seus legados na cultura nacional no tempo/espço da transição de governo.

Para Araújo, o grande problema a ser visto estaria nas supostas mazelas do globalismo, não há referência à complexidade de problemas sociais cotidianamente noticiada pelos veículos de comunicação, como os casos de preconceito étnico e intolerância religiosa nos espaços públicos, que tanto atinge a vida das pessoas.

Para a análise da próxima SD, consideramos a passagem na seção 3.3, do Capítulo II, em que Almeida (2017) apresenta a importância da ONU na regulamentação dos direitos humanos no mundo. Entre as ações da organização, discursiva-se sobre paz e segurança com vistas a melhorar a vida das pessoas.³¹ Nesse contexto, Magnoli (2019) argumenta que há um motivo histórico na formação de tratados porque existiriam movimentos que causaram danos à liberdade das pessoas. Os tratados e as diretrizes internacionais impediriam o isolamento nacional em caso de prejuízo aos direitos humanos, incluindo a liberdade. Mas, um dos supostos malefícios globalistas, citado por Araújo, está na forma de atuação de organizações e organismos internacionais nos territórios nacionais, conforme a SD 18:

SD 18 - No sistema multilateral político, especialmente na ONU, vamos reorientar a atuação do Brasil em favor daquilo que é importante para os brasileiros – não do que é importante para as ONGs. Defenderemos a soberania. Defenderemos a liberdade – a liberdade de expressão, a liberdade de crença, a liberdade na internet, a liberdade política. **Discurso V**

O papel das ONGs tem fundamental importância em questões sócio-ambientais como na região amazônica, que concentra uma vasta área florestal rica em biodiversidade, de interesse a pesquisas científicas de alcance mundial. De acordo com a SD 18, refutam-se ações das ONGs que supostamente afetariam a soberania e a liberdade. Segundo levantamento

³¹ As ações da ONU podem ser consultadas no site: <https://www.un.org/en/>. Acesso em 20 jun. 2020.

de Rocha e Vick (2019), do jornal *Nexo*³², as ONGs atuam na região em ações dirigidas à vigilância ambiental, à capacitação de povos indígenas para a agricultura, à assistência à saúde e a projetos de educação, entre outras tarefas referentes à proteção ambiental e aos direitos dos indígenas.

Conforme Rocha e Vick (2019), Bolsonaro declarou, em agosto de 2019, que as queimadas na região amazônica poderiam ser ações criminosas de ongueiros como forma de chamar a atenção do governo. Mas, o Presidente não apresentou provas que sustentassem a declaração. O ministro do Gabinete de Segurança Institucional, General Augusto Heleno, também criticou as ações das ONGs afirmando que haveria influência estrangeira na Amazônia, desnecessária e nefasta. Segundo o General, as ONGs serviriam para esconder interesses. Pela SD 18, o discurso indica que as ONGs não estariam alinhadas com os interesses do governo Bolsonaro.

Com base nos estudos da enunciação, o modo enunciativo da SD 19 e da SD 20 é marcado pelo imperativo. “Não deixem”, “não acreditem”, “não escutem” e “não tenham medo” são expressões para solicitar a outrem o freamento do globalismo:

SD 19 - Não deixem o globalismo matar a sua alma em nome da competitividade. Não acreditem no que o globalismo diz quando diz que para ter eficiência econômica é preciso sufocar o coração da pátria e não amar a pátria. Não escutem o globalismo quando ele diz que paz significa não lutar. **Discurso V**

SD 20 - Não estamos aqui para trabalhar pela ordem global. Aqui é o Brasil. Não tenham medo de ser Brasil. Não tenham medo. **Discurso V**

Segundo Benveniste (1989), o uso do imperativo na enunciação indica termos de intimação, ordens e ou apelos. Logo, um efeito de sentido apreendido nestas sequências, acima, é o apelo. Podemos depreender que “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.” (BENVENISTE, 1989, p. 87, grifo do autor). Logo, essa marcação do imperativo, ao refletir o posicionamento antiglobalista, busca a mobilização de pessoas, uma quantidade expressiva de sujeitos, os cidadãos brasileiros, para refutar a suposta ameaça.

O discurso do medo faz-nos lembrar de um tópico indicado anteriormente. Em um movimento cotextual, retomamos Magnoli (2019). Em entrevista à Fundação FHC, o

³² As declarações do Presidente Bolsonaro e do General Augusto Heleno sobre as ONGs na Amazônia podem ser consultadas na internet, pelo link: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/09/01/Qual-o-papel-das-ONGs-ambientais-na-Amaz%C3%B4nia>. Acesso em 31 jul. 2020.

sociólogo indicou que nacionalistas organizariam discursos em torno do medo. Então, isto teria efeito concretizador no lançamento do jornal conservador on-line *Brasil sem Medo*. No discurso de posse de Araújo (2019a), aparece com frequência o termo medo, o que contribui para observar o funcionamento do antiglobalismo por meio de um estilo retórico para uma mobilização que emprega enunciativamente sentimentos.

A sequência 11 do quadro de sequências discursivas da fala de Bolsonaro, bem como as sequências 21 e 22 da fala de Araújo serão analisadas no Capítulo IV devido à organização textual dos temas que estão sendo abordados.

4.2.3 Regularidade Interna: uma leitura do percurso analítico

Considerando a análise das sequências discursivas, nas seções 4.2.1 e 4.2.2, em que foram expostos alguns efeitos de sentido, elencamos três ocorrências as quais lemos como destaque do *corpus*: “liberdade”, “verdade”, e “sem viés ideológico”. Conforme Halliday (1990, p. 46), “cada palavra usada é um tijolo no edifício da realidade simbolicamente construída”, então, com efeito, as três ocorrências representam os tijolos mestres do edifício discursivo antiglobalista de transição de governo.

Para reunião das ocorrências, “liberdade”, “verdade”, e “sem viés ideológico”, da fala de Araújo e de Bolsonaro, utilizamos a expressão *Regularidade Interna*, situando-a no núcleo da formação discursiva antiglobalista bolsonarista, a FDAB. Cabe ilustrar que a denominação *Regularidade Interna* parte de um movimento de identificação basilar lido pelos pesquisadores desta dissertação, com vistas a simbolizar o percurso analítico percorrido neste Capítulo III.

A frequência do aparecimento da *Regularidade Interna* marca enunciados entrelaçados pelo imaginário de liberdade. De acordo com as análises apresentadas, a liberdade está condicionada ao conhecimento da verdade sem a colagem ideológica. Logo, observa-se que os sujeitos políticos, Bolsonaro e Araújo, realizam a leitura da realidade numa formação discursiva agonística e agem retoricamente de modo a encorajar uma mobilização. Pela palavra, configura-se uma promessa de governo dentro do espectro político no Brasil, em 2018/2019, onde a escolha de uma agenda antiglobalista reflete o modo como se pensa ser adequado para exercer a arte de governar.

O gesto de leitura nesta dissertação delimita os termos “liberdade”, “verdade” e “sem

viés ideológico” como *Regularidade Interna* das falas oficiais selecionadas. Cabe ressaltar, que é uma representatividade que pode ser uma dentre outras possibilidades, não é estável e fixa para os interlocutores.

5 CAPÍTULO IV: LINGUAGEM, POLÍTICA E ANTIGLOBALISMO

[...] por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem.

Michel Foucault

Neste Capítulo busca-se refletir sobre a relação entre linguagem, política e antiglobalismo nos discursos oficiais. O modo como se fala, os argumentos e expressões apresentadas nos discursos do *corpus* são elementos a serem analisados. Para iniciar a reflexão, seleciona-se uma sequência discursiva oriunda da parte final do discurso de posse de Araújo no MRE (2019a), indicada como SD 21:

SD 21 Acreditemos no poder infinito da palavra, que é o logos criador. O presidente Jair Bolsonaro está aqui, chegou até aqui, e nós com ele, porque diz o que sente. Porque diz a verdade. E isso é o logos. Eu vou terminar falando do princípio e citando novamente São João, a abertura do Evangelho de São João, quando diz “en archê ên ho logos”. O princípio era o logos. A palavra. O verbo. Archê, a última palavra em grego que eu vou dizer aqui hoje, significa princípio, tanto no sentido de início, quanto no sentido, principalmente, de força estruturante, princípio estruturante. A realidade, pelo menos a realidade humana, está estruturada em torno da linguagem, da palavra, do verbo, portanto do logos. Tudo o que temos, tudo de que precisamos, é a palavra. Ela está aprisionada, mas com amor e com coragem havemos de libertá-la. **Discurso V**

Nota-se o aparecimento do termo “liberdade” na SD acima, termo relativo à *Regularidade Interna* explicitada anteriormente. A afirmação de Araújo suscita pensar sobre liberdade de expressão, pois a indicação é de que não se fala porque existe algo impedindo a manifestação da linguagem. Araújo, no blog *Metapolítica 17: contra o globalismo*, já citado nesta pesquisa, mantém textos de antes, durante e depois do período de transição para o governo Bolsonaro. Em um deles, *Eu vim de graça*, de 20 de outubro de 2018, Araújo escreve que o PT não seria a favor da liberdade de expressão, o ministro associa a palavra aprisionada às influências da esquerda no Brasil.

O foco deste Capítulo é a reflexão sobre as asserções do Presidente e do Ministro. Efeitos da retórica, a arte de bem falar e argumentar, é uma questão da qual articulamos para auxiliar na compreensão deste campo marcado por posicionamentos antagônicos: o político. Afinal, em *As palavras e as coisas* (1999), Foucault aponta que a crítica se dá também no

exame das formas retóricas.

Conforme já mencionamos, Ianni (2001, p. 91), em *A era do globalismo*, atesta que em meio à avalanche de mudanças de nível mundial, a soberania transformaria-se em figura retórica. Observando a argumentação nacionalista nos discursos oficiais, cabe refletir sobre efeitos oriundos dessa arte de bem falar no que tange às formas pretendidas para as relações globais.

Vimos que Araújo (2019a) cita o termo “verdade” em partes do discurso da posse, como a que selecionamos como SD no início do Capítulo. Esse propósito de verdade liberta aos interlocutores suscita reflexões sobre o significado imaginado. Conforme exposto por Eneas (2017), o politicamente correto se construiria pela aceitação social e pela não ofensa a outras culturas. Libertar a palavra, na esteira da fala de Araújo, está associado a derrubar supostas falácias do politicamente correto para falar sem medo, contra informações manipuladas e modelos de comportamento.

5.1 O DISCURSO PERSUASIVO

Considerando a distribuição ao público, a aceitabilidade e a difusão das práticas políticas a serem implantadas, os oradores dos discursos alvos desta pesquisa, o Presidente e o Ministro das Relações Exteriores, apresentam um modo de discursar o político para a nação. Mas, é preciso considerar que a nação é formada por um público abrangente e heterogêneo recepcionando os discursos de modos distintos. Retomamos neste ponto a observação de que os discursos analisados nesta pesquisa são enunciados após a eleição, e que mesmo não sendo pronunciados para a conquista dos votos, tanto o Presidente quanto o Ministro Araújo estão reforçando as promessas de campanha. Com vistas ao regime democrático implantado no País, a opinião pública é importante para fundamentar a tomada de decisão do governo. Bolsonaro profere “governar com vocês” no discurso da posse (2019), reforçando a questão democrática. De acordo com a brasileira Tereza Lúcia Halliday, PhD em Comunicação Pública,

a retórica governamental precisa ser sustentada por provas de eficiência administrativa. Se você for convencido (a) de que a atuação do governo beneficia seus interesses [...], você tenderá a ajudar aquele governo a manter-se no poder. (HALLIDAY, 1990, p. 12).

Portanto, a partir das regularidades observadas nos discursos e do modo como se diz e

como acontece a oposição ao globalismo, compreendemos que a Retórica amplia os efeitos de sentido dos enunciados antiglobalistas.

Recorremos a Aristóteles para delinear alguns aspectos retóricos, foi ele quem reuniu as bases da Retórica como disciplina. Em *Arte retórica*, o filósofo atesta que a disciplina “[...] é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão.” (ARISTÓTELES, 1998, p. 33). Tratada como arte, a retórica atua na descoberta do que é próprio para persuadir, considera-se que “[...] todos se empenham dentro de certos limites em submeter a exame ou defender uma tese, em apresentar uma defesa ou uma acusação” (ARISTÓTELES, 1998, p. 29). O filósofo acrescenta que o empenho do orador para persuadir pode causar boa impressão e confiança.

Jaçanã Ribeiro (2010) percorre os estudos de Aristóteles para reforçar uma das definições para retórica na sua caracterização como um conjunto de técnicas discursivas com o objetivo de persuadir. Conforme o autor, um discurso persuasivo contém o elemento razão, quer dizer, a argumentação, e também apresenta o sentimento e a materialidade da cena discursiva. Sobre esta composição, pode-se dizer que

[...] o que faz um discurso persuasivo é sua dependência na medida das três dimensões da retórica: o logos (argumento e estilo), o pathos (relação com as paixões do auditório) e o ethos (caráter do orador – respeito, humor, apelo estético, desafio) (RIBEIRO, 2010, p. 33).

Nesse sentido, Ribeiro (2010) assinala que o bom orador impressiona a plateia e apresenta bons argumentos, o discurso dele remete-se a outros que servem como ponto de apoio ou mesmo para contradizer. A retórica é fundamentalmente interpretação, uma arte para entender o funcionamento do texto, um trabalho interpretativo na relação instável entre as palavras e as coisas. Conforme Ribeiro (2010), considerando que não há certezas, ela é o discurso do possível e do verossímil.

Halliday (1990, p. 8) define retórica “como o uso da comunicação para definir as coisas da maneira como desejamos que os outros as vejam”, portanto, o cerne desta questão seria agir de forma a combinar interesses do influenciador com os do influenciado. Influenciam-se percepções, sentimentos, atitudes e ações, por meio de palavras e por meio de símbolos, ou seja, utiliza-se a linguagem como meio de persuasão. Segundo a autora, os discursos de posse são um exemplo entre atos e eventos que visam influenciar, além disso, a oposição, que tem interesse em chegar ao poder, precisa fomentar a crença de que seu

governo será mais eficaz do que o atual.

Analisou-se a discursividade religiosa, como na citação: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” no Capítulo III. No campo da religião, Halliday (1990, p. 21) indica que o discurso religioso, ao pertencer à esfera pública, “compete com outros discursos por recursos, prestígio, corações e mentes”. Haveria uma tendência a pouca criticidade em relação a discursos que combinam com valores e necessidades íntimas. Sendo assim, mencionar religião nos discursos “casa” com os interesses de parte da população que se identifica com o sujeito religioso. A autora salienta que a influência “é mais ou menos exercida na medida em que o público aceite a definição da realidade que lhe é proposta” (HALLIDAY, 1990, p. 30), isto está em acordo com o interesse do público.

Há um elemento textual, identificado por Halliday (1990), com uma função retórica em que é possível exercer diversas influências, transformar percepções e até motivar alguém a agir. Numa descrição de uma realidade objetiva, ou seja, na narração factual, o narrador nos faz vivenciar a cena como se estivéssemos participando. É possível vislumbrar este elemento no discurso da posse de Araújo (2019a). Analisamos na seção 4.2.2 do Capítulo III a marcação de pessoa na sequência discursiva onde o Ministro relata o momento em que viu o quadro da Coroação de Dom Pedro I e o quadro do Grito do Ipiranga. Isto pode favorecer ao ouvinte do discurso imaginar a cena e, pelo imaginário, também possa se sentir participante da contemplação da memória histórica brasileira, de Dom Pedro I e do Grito do Ipiranga.

Conforme Aristóteles, é comum o uso de metáforas em falas por ser um meio que contribui para dar clareza, agrado e também um ar dito estrangeiro no discurso, o que provoca uma certa admiração na plateia. No entanto, segundo o filósofo, algumas metáforas podem ser inconvenientes por, entre outras coisas, transmitir um caráter trágico. No discurso da posse de Araújo, em 02 de janeiro de 2019, verifica-se uma metáfora que pode ser caracterizada como trágica, que está apresentada na SD 22 do quadro de sequências discursivas da fala de Araújo:

SD 22 - Vamos fazer alguma coisa pelas nossas vidas e pelo nosso país. Mergulhemos no oceano de sentimento e na esperança do nosso povo. Não mergulhemos nessa piscina sem água que é a ordem global. **Discurso V**

A analogia estabelecida é a ordem global como algo esvaziado. Este vazio remete a inumeráveis vazios, que podem ser de conteúdos, de formas, de sentidos e também da própria ordem. Com uma forte categorização, Araújo implanta um caráter trágico para o suposto globalismo. Em relação às metáforas na AD, Pechêux (2012) argumenta que não há uma

estrutura sêmica do objeto e em seguida aplicações desta estrutura em variadas situações, quer dizer, uma referência discursiva construída numa determinada FD técnica não é objeto para uso em outros campos. A produção discursiva dos objetos circula entre diversas regiões discursivas, das quais nenhuma é originária, assim, “os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva [...]” (PÊCHEUX, 2012, p. 158).

Cabe acrescentar à discussão, sobre metáfora, que a expressão “piscina sem água” pode funcionar como uma metáfora pedagógica, oferecendo lugar à interpretação. Como forma de explicar (ensinar) o suposto fenômeno globalista, a metáfora contribui para clarificar os significados. Mediante as menções religiosas apresentadas nos discursos, estabelecemos uma associação do elemento água, citado por Araújo no discurso de posse, ao simbolismo religioso. Dessa forma, tramita-se de uma FD antiglobalista para uma FD religiosa, duas regiões discursivas.

Para algumas religiões a água é um símbolo sagrado e é utilizada nas cerimônias de batismo dos fiéis. Na bíblia cristã, Evangelho de João (4: 14), a água representa vida, conforme ilustrado na seguinte passagem: “[...] aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna”. Esse versículo bíblico traz uma metáfora também, pois quem segue Jesus saciar-se-ia do que é essencial para viver. Aliás, metáforas são comuns na bíblia. Logo, retornando aos efeitos de sentido da “piscina sem água”, se ela está vazia não apresenta o que seria adequado para a sua sustentação, logo o globalismo seria a causa do esvaziamento nacional que culminaria no efeito da falta. Identidade, patriotismo, valores, tradições, entre outros elementos, discursivizados por Bolsonaro e por Araújo na esteira do pensamento antiglobalista, trazem o efeito do preenchimento.

Na sequência, pelos escritos de Aristóteles, o estilo conveniente ao assunto contribui para a persuasão. O filósofo acrescenta que o ouvinte passa a compartilhar sentimentos do orador mesmo que o discurso tenha carência de fundamentação. Cabe salientar que

[...] o ânimo do ouvinte conclui falsamente que o orador exprime a verdade, porque em tais circunstâncias os homens são animados de sentimentos que parecem ser os seus; e mesmo que assim não seja, os ouvintes pensam que as coisas são como o orador as diz. (ARISTÓTELES, 1998, p. 187).

No início dos discursos oficiais, geralmente o Presidente e o Ministro dirigem-se a

outros executivos e ou cargos governamentais, e também à população brasileira em geral. Segundo Aristóteles, quando o exórdio, ou seja, o começo do discurso se dirige ao ouvinte, este tem por objetivo chamar-lhe a atenção e obter benevolência. Assim, o resultado na obtenção da persuasão ocorre quando o discurso leva a sentir uma paixão, “[...] é pelo discurso que persuadimos, sempre que demonstramos a verdade ou o que parece ser a verdade [...]” (ARISTÓTELES, 1998, p.33).

Depois de ter excitado paixões aos ouvintes e ter afirmado suficientemente sobre o assunto conveniente, Aristóteles (1998) acrescenta que o orador dá um retoque final a sua obra. Como já mencionado nesta pesquisa, Bolsonaro finaliza discursos com menções religiosas, este seria o toque final da “obra” bolsonarista. Segundo Halliday (1990, p. 39), “os hinos, as declarações de princípios e os *slogans* são expressões de uma retórica de manutenção”, e por isso indicamos que há um discurso de reforço quando Bolsonaro (2018c, 2019) profere: “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”. Na mesma linha, Araújo conclui seu discurso de posse com expressões religiosas e ainda se dirige a Bolsonaro: “que Deus abençoe o presidente Jair Bolsonaro e que Deus abençoe o Brasil. Anuê Jaci!” (ARAÚJO, 2019a).

Um modo de eliminar ou tornar suspeitas as afirmações de adversários seria “[...] reduzi-la a uma categoria geralmente detestada [...]” (SCHOPENHAUER, 1997 p. 174), logo, este caso abarca duas suposições, a de que a afirmação é igual à categoria ou que essa já está refutada e não contém palavra verdadeira. Captando as categorizações dos discursos oficiais, Bolsonaro caracteriza a oposição de “socialismo”, “comunismo”, “populismo” e “extremismo de esquerda”, conforme a SD 11, oriunda do quadro de sequências discursivas da fala de Bolsonaro:

SD 11 - Não poderíamos mais continuar flertando com o socialismo, com o comunismo e com o populismo, e com o extremismo da esquerda. **Discurso II**

Uma categorização considerada desagradável favorece a emergência de memórias discursivas associadas a sistemas de governo ou propostas de governo que aparecem em debates a nível mundial, de outrora ou da atualidade. Regimes como o comunismo e o socialismo tendem a ser repelidos por adeptos de outros regimes como o capitalismo. A União Soviética e os EUA, por exemplo, marcaram uma extensa polarização na história da política mundial, entre socialismo e capitalismo durante a Guerra Fria, marcando posicionamentos

prós e contras aos respectivos regimes. Assim, na próxima seção, termos citados nos discursos oficiais serão abordados com vistas à reflexão de algumas categorizações proferidas por Bolsonaro e Araújo.

5.2 OS “ISMOS” DE OUTREM: MARXISMO CULTURAL, POPULISMO E NIILISMO

Globalismo, antiglobalismo, comunismo, socialismo, capitalismo, marxismo, populismo e niilismo são termos da linguagem política que têm em comum a terminação sufixal “ismo”. Conforme Bechara (2009, p.442), o sufixo “ismo” é utilizado “para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; [...]”, então, seguindo este raciocínio, a caracterização de um conjunto de princípios políticos pode ser representado por um “ismo”, como o marxismo, o populismo e o niilismo. Neste tópico faz-se imprescindível conhecer as relações do antiglobalismo com marxismo cultural, populismo e niilismo a partir do inquietamento provocado pela menção a estes objetos discursivos nas falas oficiais selecionadas para a dissertação. Os “ismos” tidos como negativos são de outrem, enquanto, os “ismos” positivos pertenceriam ao conjunto de princípios defendido por Bolsonaro e Araújo, como o liberalismo, apresentado pela associação entre um liberalismo clássico e o conservadorismo de costumes, e o cristianismo.

Abraham Weintraub, ministro da educação empossado em abril de 2019 e exonerado do cargo em junho de 2020, defende o combate ao marxismo cultural nas universidades. A seu ver, para vencer as ideias da esquerda os conservadores devem seguir as ideias de Olavo de Carvalho (GAZETA DO POVO, 2019). A relação econômica, cultural e educacional presente neste tópico reverbera a suposta aliança entre globalismo e marxismo cultural indicada por Azevedo (2018) à época das eleições, conforme exposto nas considerações iniciais desta dissertação.

Em publicação para *O globo*, em junho de 2002, Olavo Carvalho, em tom categórico, alega que os marxistas serviriam alegremente aos seus inimigos. Nomes como Antonio Gramsci, Gyorgy Lukács e Herbert Marcuse estariam associados à destruição da cultura do Ocidente. No suposto contexto de destruição, o marxismo cultural pregaria a existência de manobras capitalistas para modificar o pensamento ocidental. Segundo o escritor, os marxistas da escola de Frankfurt teriam encontrado nos EUA a atmosfera de liberdade ideal para a suposta destruição. Com efeito, “a contribuição local americana foi a invenção da

ditadura linguística do ‘politicamente correto’” (CARVALHO, 2002). Não obstante, em pouco tempo o marxismo cultural teria se tornado a influência predominante nas universidades, assim como dito por Weintraub (2019).

De acordo com Wilson, do jornal britânico *The Guardian* (2015), o marxismo cultural representaria uma guerra cultural que define os atuais debates entre a direita e a esquerda. Segundo Wilson, teóricos que adotam a ideia de conspiração afirmam que os marxistas culturais usariam de manipulação psicológica para mudar o Ocidente, promoveriam e reforçariam princípios que visam destruir valores cristãos e derrubar o livre empreendimento, como o feminismo e o multiculturalismo, “e isto, aparentemente, é de onde o politicamente correto veio” (WILSON, 2015).³³ Além de ser oprimido economicamente, o proletariado sofreria repressões sexuais e outras convenções sociais, “o problema não era apenas o capitalismo como um sistema econômico, mas a família, hierarquias de gênero, sexualidade normal - enfim, todo o conjunto de valores ocidentais tradicionais” (WILSON, 2015).³⁴

O segundo “ismo” em que se propõe realizar breves considerações é o populismo. Ernesto Laclau (2003, p. 6, grifo do autor) explicita que o significado do populismo não reside “em nenhum conteúdo político ou ideológico que entre na descrição das práticas de nenhum grupo em particular, mas em um *modo de articulação* particular de quaisquer conteúdos sociais, políticos e ideológicos”. Segundo Laclau, uma pré-condição do modo populista de articulação, que tem efeito nos modos de representação, está no reagrupamento de exigências por um viés negativo, quer dizer, quando há insatisfação com o não atendimento dessas exigências.

Laclau cita Rousseau no que concerne à reflexão sobre a impossibilidade da constituição de uma vontade geral nas sociedades modernas, ao se pensar a heterogeneidade constitutiva, mesmo se tratando de uma condição das sociedades democráticas. Como modo de articular qualquer tema, conforme Laclau, a eficácia populista reside na pobreza de símbolos operando por meio de significantes vazios. Assim, como a totalidade ou a universalidade é impossível, a representação hegemônica torna-se um significante vazio.

Conforme o autor, o horizonte da homegeneização seria a atribuição de um líder. Para tanto, a emergência populista está na prevalência da lógica equivalencial sobre a diferencial e

³³ Tradução livre. No original: “and this, apparently, is where political correctness came from.” (WILSON, 2015).

³⁴ Tradução livre. No original: “the problem was not only capitalism as an economic system, but the family, gender hierarchies, normal sexuality – in short, the whole suite of traditional western values.” (WILSON, 2015).

na construção de fronteiras políticas:

Um movimento ou uma ideologia, ou, para pô-los sob seu gênero comum, um discurso - será sempre mais ou menos populista dependendo do grau em que seus conteúdos são articulados por lógicas equivalenciais. Isso significa que nenhum movimento político será totalmente isento de populismo, porque nenhum deixará de interpelar, até certo ponto, o ‘povo’ contra um inimigo, por meio da construção de uma fronteira social. (LACLAU, 2003, p. 14).

De acordo com Laclau, não há populismo sem discursividade sobre um inimigo, logo, a lógica populista tende a se apresentar de forma mais clara em momentos de transição política. Assim, lembramos-nos do recorte discursivo desta dissertação, em que os sujeitos dos discursos dirigem-se, em determinadas passagens, a um inimigo, ou podemos falar em inimigos representativos: a esquerda, o comunismo, o socialismo, o globalismo e o próprio populismo de outrem.

E o terceiro “ismo” refletido neste Capítulo é o niilismo. Cabe a ilustração deste “ismo” associado ao globalismo, no governo Bolsonaro, devido à ênfase conferida a esse tema em junho de 2019, na abertura do Seminário *Globalismo* em Brasília. De acordo com Halliday (1990), a retórica serve também para manter posições já existentes. Um evento organizado com a temática do globalismo representa o reforço da discursividade antiglobalista do período de transição de governo. Durante o seminário, Araújo (2019b) afirmou que

[...] o globalismo é o niilismo, basicamente. Globalismo é a consolidação daquele niilismo previsto por Nietzsche, ou seja, é a sociedade liberal atea submetida aos mecanismos de controle daquele núcleo gramscista ou comunista ou fisiologista, como chamemos. (ARAÚJO, 2019b)

O Ministro, durante o discurso, afirma que a presença do niilismo-globalismo na sociedade estaria associada, entre outras coisas, à ausência de Deus, ao fim do antropoteísmo, à falsa liberdade que escraviza o ser humano, à criação de um novo moralismo, à ausência de valores e à perda dos conceitos de propósito, de unidade e de verdade. É importante destacar que, na sua visão, “o conceito de liberdade é absolutamente central ao Cristianismo.” (ARAÚJO, 2019b), com efeito, seria uma liberdade com Deus, em oposição ao moralismo sem base divina do globalismo.

Segundo Araújo (2019b), o globalismo tentaria formular uma espécie de pseudo-religião. Então, os esforços devem pautar-se pela manutenção do liberalismo com Deus no centro: “nós tentamos reintroduzir Deus nessa cidadela da sociedade liberal, em substituição a

esta religião ateia do politicamente correto”. Observa-se a ampliação do “eu” na enunciação e, novamente, assim como no discurso de posse no MRE, Araújo inclui o Presidente Bolsonaro no discurso: “ele”, e assim produz o efeito de “eu”, “ele” e “nós” contra o globalismo, desta vez no discurso proferido durante o seminário *Globalismo*.

Salienta-se que nessa seção, com a exposição do marxismo cultural, do populismo e do niilismo, prestou-se atenção aos “ismos” de outrem que pareceram mais inquietantes no movimento analítico da dissertação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A árvore das ideologias está sempre verde

Norberto Bobbio

Coloca-se, como tarefa final, rever os principais pontos abordados nesta dissertação a fim de refletir sobre os objetivos que elencamos inicialmente, em conformidade com o trabalho que a Análise de Discurso possibilita engendrar. Com o suporte de dispositivos teórico-analíticos, realizamos uma tarefa de análise de um *corpus* de cinco discursos, a partir de um recorte investigativo ao qual identificamos como período de transição para o governo Bolsonaro (2018-2019).

Para responder ao objetivo geral desta dissertação, analisar a formação e o funcionamento dos discursos antiglobalistas, quando proferidos pelo Presidente e pelo Ministro das Relações Exteriores na esfera do debate público, discorreremos brevemente sobre a obra *O nascimento da clínica*, de Michel Foucault, a fim de realizar uma analogia sobre a formação de objetos discursivos. As considerações nessa vinculação de estudo são fecundas na reflexão sobre o estatuto científico conferido aos objetos por meio dos saberes que passam a ser discursivizados. Posteriormente, as análises das sequências discursivas proveram efeitos de sentido numa FDAB constituída por um núcleo representativo relativo aos termos: “verdade”, “liberdade” e “sem viés ideológico”, um gesto de leitura do percurso analítico a qual se denominou *Regularidade Interna*.

Para além dos “termos apegados” ao acontecimento discursivo em que previamente realizamos um mapeamento como temas discursivos adjacentes: Conservadorismo de Costumes, Defesa do Ocidente, Identidade Brasileira, Movimento de Direita, Patriotismo, Sem viés Ideológico, Soberania Nacional e Valores Tradicionais, o posicionamento antiglobalista suscita questionamentos e reflexões que não se limitam a uma categorização conservadora ou de direita. Com efeito, o antiglobalismo é um objeto discursivo em tom de novidade e gerador de inquietamento sobre o seu significado para a política brasileira no período de transição de governo.

Observaram-se as referências estadunidenses e olavistas no discurso antiglobalista do governo. De um lado, os EUA, na representação do republicano Donald Trump, especialmente pelo posicionamento conservador em defesa do Ocidente e da América. No entanto, faz-se necessário ressaltar a diferença do liberalismo empregado nos discursos do

corpus em relação à concepção de liberalismo no governo estadunidense, que estaria mais alinhado à esquerda do espectro político. Do outro lado, Olavo de Carvalho, a quem é creditada a indicação de Araújo para o MRE, crente da existência de uma tentativa mundial de destruir a identidade e a soberania nacional tendo o marxismo cultural como o suposto operador da “terra arrasada”.

Cabe salientar que o discurso não se fecha, ele retoma antigos, remete a novos e se atualiza em conformidade com as condições de sua produção. Foucault (1996) indica a ordem arriscada a que submetemo-nos no discurso. Impelidos pelas instituições a pronunciar, sofreremos as consequências da recepção pelos efeitos que isto pode propagar aos interlocutores. Devido à heterogeneidade constitutiva dos sujeitos, os sentidos sofrem da mesma construção multifacetada. O pioneiro da Ciência da Linguística, Ferdinand de Saussure, no *Curso de Linguística Geral* (2006), sabiamente nos apresentou a reflexão: “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 15).

O antiglobalismo apresenta-se como um acontecimento discursivo bolsonarista na política brasileira no período de transição de governo. Percebemos no decorrer da pesquisa que há temas que estão tão imbricados no objeto discursivo, de tal modo, que a FDAB torna-se ampla e de difícil delimitação. Procurá-la na dispersão, de acordo com os postulados de Foucault (2013), requer um olhar atento às relações que atravessam o objeto de discurso.

Logo, fomos impelidos pela aproximação contextual do globalismo com a globalização para responder ao primeiro objetivo específico: analisar efeitos de sentido produzidos pela relação antagônica entre globalização e globalismo na transição para o governo Bolsonaro (2018/2019). O globalismo apresenta-se numa discursividade política que aborda aspectos supostamente negativos do movimento mundial promovido pela globalização. Há um efeito de distanciamento no que concerne às trocas mundiais consideradas “nefastas”, como o multiculturalismo. Ao considerar o livre mercado, o fomento à economia e às tecnologias, afinal, a campanha eleitoral de Bolsonaro teve um grande alcance proporcionado pela internet, adota-se a globalização como aliada, mas em termos. Os discursos antiglobalistas são atravessados por opiniões, crenças e categorizações que formam um imaginário sobre práticas nacionais e internacionais contrárias aos interesses do governo.

Quanto ao segundo objetivo específico, compreender como o antiglobalismo, enquanto objeto de discurso, constrói-se pelo deslocamento e pela ruptura com uma suposta

ordem globalizante, associamos o posicionamento da nova direita, mesmo que nomeada provisoriamente, na esteira das identificações políticas tratadas por Bobbio (2001), da díade direita-esquerda e ou conservadorismo-progressismo. Os temas, as transformações sociais e outros aspectos característicos de uma pós-modernidade observada pela episteme subjetivista, conforme as reflexões de Hicks (2011) sobre as características do contexto pós-moderno, demonstra uma divisão política envolta por contradições e por conflitos discursivos. O posicionamento de direita do governo, identificado pelo conservadorismo de costumes, propõe romper com a ordem vigente praticada pela esquerda e ou progressismo, ressignificando memórias e símbolos nacionais de forma não tão gradual como pregaria as raízes do pensamento conservador.

Em relação ao terceiro objetivo específico, discutir o lugar do globalismo na pós-modernidade, de acordo com os discursos da transição governamental, observou-se uma aproximação sêmica entre neoliberalismo e pós-modernidade, em que a pluralidade é componente contextual. Para evitar questões relativas à suposta destruição de valores, de tradições, de crenças e de costumes pelo globalismo, que carregaria ideologia na sua face, refutam-se as identidades múltiplas. Contudo, o sujeito da pós-modernidade não habita apenas uma identidade e sim várias, conforme as considerações de Hall (2006). Assim, o globalismo ocuparia um lugar análogo aos sistemas políticos “parentes”, como o imperialismo e o niilismo, com uma roupagem atualizada pelos sujeitos dos discursos. Em outras palavras, o que não é visto como positivo da pós-modernidade para o desenvolvimento do País, no que tange às relações com outros países, entra para a promessa de combate.

Algumas críticas ao globalismo foram apresentadas por meio de uma rede de memórias discursivas, ou seja, a presença do discurso antiglobalista pode ser observada desde as considerações do ensaio de Araújo publicado pelos Cadernos do IPRI, em 2017, e pelo discurso de Trump na cidade de Varsóvia, na Polônia, em 2017. Do outro lado, apresentamos críticas aos discursos antiglobalistas, marcadas por contestações à argumentação globalista. Almeida (2017), um dos críticos mencionados nesta dissertação, afirma que o globalismo seria uma realidade intangível, um discurso de governo global ilusório sem forças para controlar um mundo tão heterogêneo.

Associando o globalismo a um imaginário de ideologia, os sujeitos dos discursos do *corpus* apresentam uma acepção negativa para as relações com outros países com o suposto viés ideológico. Mas, cabe ressaltar que esta ideologia, não condizente com os interesses do

governo Bolsonaro, também estaria associada à área educacional e à teoria de gênero. Não obstante, os “ismos” de outrem seriam também um sinal de ideologia.

Em uma produção audiovisual da TV *Boitempo*, em 2017, Butler acena para um mundo que já é muito poderoso e que está se tornando cada vez mais aceito, se referindo especialmente às comunidades de gays, lésbicas, transgêneros, entre outras. De acordo com a filósofa, não há chances de retornar a algo anterior com uma reversão dos passos conquistados e os conservadores refutariam este mundo de maior aceitação, de maior compreensão e de maior reconhecimento.

Pela teoria da enunciação percebemos a marcação “nós” como recorrência na enunciação de Bolsonaro e de Araújo. O “nós”, quando comparado à marcação “eu”, apresenta um efeito de objetividade porque é um “eu” diluído. Logo, nos recortes discursivos com a marcação “nós”, Bolsonaro e Araújo incluem um coletivo nas promessas de governo.

Nos aspectos retóricos discurremos sobre alguns recursos que favorecem a persuasão. A metáfora, a inserção de citações religiosas e a repetição dos *slogans*: “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos” e “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, a convocação para o combate ao inimigo, são elementos que contribuem para observar o modo como os sujeitos dos discursos buscam a aceitação dos ouvintes. Afinal, cabe salientar que o discurso bolsonarista, que contém a discursividade antiglobalista, foi o discurso vencedor das eleições de 2018.

Esta dissertação foi um gesto de leitura produzido com base nos estudos do discurso. Considerando que este trabalho não encerra os estudos sobre o antiglobalismo no período de transição de governo, nem fixa efeitos de sentido, estudos posteriores acerca dos desdobramentos da política antiglobalista durante a vigência do governo Bolsonaro, bem como um aprofundamento dos discursos adjacentes e de outras relações discursivas do *corpus*, podem ampliar as análises que iniciamos.

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Débora. 8 escândalos de corrupção envolvendo os governos do PT: Partido chega ao pleito de 2018 abalado por série de casos que se vê envolvido, um atrás do outro, há quase 15 anos. **Gazeta do Povo**, Brasília, 26 out. 2018. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/8-escandalos-de-corrupcao-envolvendo-os-governos-pt/>. Acesso em: 22 out. 2019.

ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Discurso do ministro Ernesto Araújo durante cerimônia de Posse no Ministério das Relações Exteriores. **Ministério das Relações Exteriores**, Brasília, 2 jan. 2019a. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/19907-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-durante-cerimonia-de-posse-no-ministerio-das-relacoes-exteriores-brasilia-2-de-janeiro-de-2019>. Acesso em: 05 jan. 2019.

ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Discurso do senhor ministro de Estado por ocasião da abertura do seminário sobre “Globalismo”, da FUNAG – Palácio Itamaraty, 10 de junho de 2019. **Ministério das Relações Exteriores**, Brasília, 13 jun. 2019b. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/20512-discurso-do-senhor-ministro-de-estado-por-ocasio-da-abertura-do-seminario-sobre-globalismo-da-funag-palacio-itamaraty-10-de-junho-de-2019>. Acesso em: 06 jul. 2019.

ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Trump e o Ocidente. *In: Cadernos de Política Exterior / Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais*, ano 3, n. 6, dez. 2017, Brasília: FUNAG, 2017. p. 323-356.

ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Eu vim de graça. **Metapolítica 17**: contra o globalismo. Blog. 20 out. 2018. Disponível em: <https://www.metapoliticabrasil.com/>. Acesso em: 31 out. 2019.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica**. 16 ed. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

ARMANIN, Nazanin. As 14 razões do apoio incondicional dos EUA a Israel. **Revista Movimento**, [S.I.], 20 abr. 2018. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/04/as-14-razoes-do-apoio-incondicional-dos-eua-a-israel/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

AZEVEDO, Reinaldo. Chanceler de Bolsonaro crê no “Deus de Trump” e vê como decadentes capitalismo e democracia liberal; na raiz de tudo há um intelectual islâmico. **UOL**, [S.I.], 15 nov. 2018. Disponível em: <https://reinaldoazevedo.blogosfera.uol.com.br/2018/11/15/chanceler-de-bolsonaro-cre-no-deus-de-trump-e-ve-como-decadentes-capitalismo-e-democracia-liberal-na-raiz-de-tudo-ha-um-intelectual-islamico/>. Acesso em: 05 dez. 2018.

BARELLA, José Eduardo. O isolamento dos democratas nos Estados Unidos. **Exame**, [S.I.], 18 nov. 2017. Disponível em: <https://exame.com/mundo/o-isolamento-dos-democratas/>. Acesso em: 20 jul. 2020

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. *In: Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. Cap. 5. p. 81-92.

BÍBLIA SAGRADA. **A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**. Salt Lake City, 2015. Disponível em: <http://media.ldscdn.org/pdf/lds-scriptures/holy-bible/holy-bible-83800-por.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: UNESP, 2001.

BOFF, Leonardo. A tolice do Antiglobalismo. **UOL**, Congresso em foco, [S.I.], 10 dez. 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/opiniaocolumnas/a-tolice-do-antiglobalismo/>. Acesso em: 30 out. 2019.

BOLLE, Monica. "Globalismo". *In: Exame*, [S.I.], 30 dez. 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/blog/monica-de-bolle/globalismo/>. Acesso em: 30 out. 2019.

BOLSONARO, Jair Messias. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional. **Ministério das Relações Exteriores**, Brasília, 01 jan. 2019. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/19887-discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional-brasilia-1-de-janeiro-de-2019>. Acesso em: 05 jan. 2019.

BOLSONARO, Jair Messias. **Um agradecimento a todos pela confiança e apoio!**. Rio de Janeiro, 28 out. 2018a. Facebook: [jairmessias.bolsonaro](https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro). Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/2076031999084232/>. Acesso em: 02 jun. 2019.

BOLSONARO, Jair Messias. Veja a íntegra das primeiras falas de Bolsonaro após ser eleito presidente. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 out. 2018b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/bolsonaro-afirma-em-seu-primeiro-discurso-que-tera-governabilidade-leia-integra.shtml>. Acesso em: 02 jun. 2019

BOLSONARO, Jair Messias. Veja a íntegra do discurso de Jair Bolsonaro em rede nacional após eleito. **Exame**, [S.I.], 29 out, 2018c. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/veja-a-integra-do-primeiro-discurso-de-jair-bolsonaro-apos-eleito/>. Acesso em: 26 set. 2019.

BRASIL PARALELO. **Globalismo: Bastidores do Mundo | Debate entre Olavo de Carvalho e Paulo R. de Almeida**. [S.I.], 13 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CkgQhnApLow>. Acesso em: 05 out. 2019.

BUTLER, Judith. Judith Butler no Brasil | Quem tem medo de falar sobre gênero?

[legendado]. **TV BOITEMPO**, [S.I.], 08 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cozmjJpMakM>. Acesso em: 01 ago. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Fernando Henrique. Um Brasil surpreendente. *In*: BARROS, Octavio de; GIAMBIAGI, Fabio (Orgs.). **Brasil Globalizado: O Brasil em um mundo surpreendente**. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

CARVALHO, Olavo de. Do Marxismo Cultural. **O Globo**, [S.I.], jun. 2002. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/do-marxismo-cultural/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

CERIONI, Clara. Menino veste azul e menina veste rosa, diz Damares em vídeo. **Exame**, São Paulo, 03 jan. 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares-em-video/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. *In*: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 115-143.

COSTAS, Ruth. O legado dos 13 anos do PT no poder em seis indicadores internacionais. **BBC Brasil**, São Paulo, 13 maio 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505_legado_pt_ru. Acesso em: 20 jun. 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, n. 1, v. 1, 2016.

DATAFOLHA. Reprovação a Bolsonaro alcança 43%, e aprovação fica estável. **Uol**, São Paulo, 28 maio 2020. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/05/1988731-reprovacao-a-bolsonaro-sobe-atinge-43-aprovacao-fica-estavel.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2020.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 23 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ENEAS, Paulo de Oliveira. **Geopolítica Contemporânea: Desconstrução de narrativas da esquerda globalista**. São Luís: Livraria Resistência Cultural, 2017.

FIORIN, José Luiz. A pessoa subvertida. **Língua e literatura**, São Paulo, n.21, 1994-1995. p. 77-107.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

FIORIN, José Luiz. Enunciação (1) - Conceito de enunciação. **TV UNIVESP**, [S.I.], 14 dez. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RQzJaFYiqhc>. Acesso em: 20 jul. 2020.

FIORIN, José Luiz. Enunciação (2) - A categoria de pessoa. **TV UNIVESP**, [S.I.], 14 dez. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Htrw8tTmigY>. Acesso em: 20 jul. 2020

FOLHA DE SÃO PAULO. Bolsonaro não vai a debates, mas tem participado de eventos após alta hospitalar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/bolsonaro-nao-vai-a-debates-mas-tem-participado-de-eventos-apos-alta-hospitalar.shtml>. Acesso em: 05 jun.. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. **Folha de São Paulo**, [S.I.], 19 nov. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml?origin=folha>. Acesso em: 20 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FUNDAÇÃO FHC. Antiglobalismo e direitos humanos: democracia em risco?. **Fundação FHC**, [S.I.], 14 mar. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_4ZBZYH2hrq. Acesso em: 01 out. 2019.

G1. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1**, [S.I.], 13 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos->

31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml. Acesso em: 02 jul. 2020.

G1. Ernesto Araújo: as citações pop do discurso do Ministro das Relações Exteriores. **G1**, [S.I.], 02 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/01/02/ernesto-araujo-as-citacoes-pop-do-discurso-do-ministro-das-relacoes-exteriores.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2020.

GAÚCHAZH. Como o antiglobalismo aparece nos ministérios de Bolsonaro: A cruzada contra o "marxismo cultural" ficou expressa no pronunciamento de posse do chanceler Ernesto Araújo e em medidas adotadas nos primeiros dias do novo governo. **GaúchaZH**, [S.I.], 11 jan. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2019/01/como-o-antiglobalismo-aparece-nos-ministerios-de-bolsonaro-cjqs3789b00i001uknbevr1wo.html>. Acesso em: 30 out. 2019.

GAZETA DO POVO. Olavista, novo ministro da Educação defende o combate ao “marxismo cultural”. **Gazeta do Povo**, [S.I.], 08 abr. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/olavista-novo-ministro-da-educacao-prega-combater-marxismo-cultural/>. Acesso em 01 jul. 2020.

GRAGNANI, Juliana. O que é 'globalismo', termo usado pelo novo chanceler brasileiro e por Trump?. **BBC News Brasil**, Londres, 03 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46786314>. Acesso em: 05 out. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLIDAY, Teresa Lúcia. **O que é retórica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

HICKS, Stephen Ronald Craig. **Explicando o pós-modernismo**. São Paulo: Callis, 2011.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KAYSEL, André. Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas. *In*: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 49-74

KOERNER, Andrei; SCHILLING, Flávia. O direito regenerará a República? Notas sobre política e racionalidade jurídica na atual ofensiva conservadora. *In*: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 75-89

LACLAU, Ernesto. Populismo - o que existe num substantivo?. **Margens**, Belo Horizonte, n. 3, 2003.

LAGASNERIE, Geoffroy de. **A última lição de Michel Foucault**. Tradução de André Telles. São Paulo: Três estrelas, 2013.

LAGO, Rudolfo; OLIVEIRA, Germano; LIMA, Wilson. Porque ele está quase lá: O que explica a ascensão de Jair Bolsonaro, o candidato de 49 milhões de votos que quase liquidou a fatura no 1º turno das eleições e segue como franco favorito para ocupar a cadeira presidencial a partir de 2019. **Istoé**, [S.I.], 11 out. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/por-que-ele-esta-quase-la/>. Acesso em: 22 out. 2019.

LEVIN, Yuval. **O Grande Debate**: Edmund Burke, Thomas Paine e o nascimento da esquerda e da direita. Rio de Janeiro: Record, 2017.

LILLA, Mark. **O progressista de ontem e o do amanhã**: desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias. Tradução de Berilo Vargas. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LOPES, Nathan. MEC estuda reduzir investimento em faculdades de humanas, diz Bolsonaro. **Uol**, São Paulo, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/04/26/bolsonaro-faculdades-humanas-investimento.htm>. Acesso em 10 jun. 2020.

LOPES, Rodrigo. O que, afinal, é "globalismo", termo usado com frequência pelo governo Bolsonaro?: Palavra que aparece em discursos do presidente brasileiro já vinha sendo empregada por Donald Trump nos Estados Unidos. Ambos a associam ao que chamam de "marxismo cultural". **GaúchaZH**, [S.I.], 11 jan. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2019/01/o-que-afinal-e-globalismo-termo-usado-com-frequencia-pelo-governo-bolsonaro-cjqs1i98g00hd01ukmxm6woks.html>. Acesso em: 05 out. 2019.

MAIA, Gustavo. Bolsonaro decide não participar de novos debates com adversários. **UOL**, Presidente Prudente, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/22/bolsonaro-decide-nao-participar-de-novos-debates-com-adversarios.htm>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MARIN, Denise Chrispim. 'Vamos libertar a política externa e o Itamaraty', diz novo chanceler. **Veja**, [S.I.], 02 jan. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/vamos-libertar-a-politica-externa-e-o-itamaraty-diz-novo-chanceler/>. Acesso em: 15 out. 2019.

MELLO, Patricia Campos. Novo chanceler, Ernesto Araújo foi indicado por Olavo de Carvalho. **Folha de São Paulo**, [S.I.], 14 nov. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/novo-chanceler-ernesto-araujo-foi-indicado-por-olavo-de-carvalho.shtml?loggedpaywall?loggedpaywall>. Acesso em: 16 set. 2019.

NOGY, Gustavo. O governo atirou no que viu, acertou no que não viu. **Gazeta do Povo**, [S.I.], 29 jun. 2019. Disponível: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/gustavo-nogy/o-governo-atirou-no-que-viu-acertou-no-que-nao-viu/>. Acesso em 22 out. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 12. ed.

Campinas: Pontes, 2015.

PASQUINI, Patricia. 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news, diz estudo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 nov. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2020.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, Eni (Org.) *et al.* **Gestos de Leitura: da história no discurso**. 4 ed. Campinas: Unicamp, 2014. p.57-67.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PEREIRA, Filipe Garcia Martins. Assessor de Bolsonaro Filipe Martins: Globalismo é teoria da conspiração?. **Seminário Globalismo**, Brasília: 13 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AqbrCeGguo8&feature=youtu.be>. Acesso em: 19 set. 2019.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do ‘dispositivo experimental’ da análise de discurso. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs). **Análise de Discurso em Perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: UFSM, 2013. p.39-48.

POLLEIT, Thorsten. A diferença básica entre globalismo e globalização econômica: um é o oposto do outro. **Mises Brasil**, [S.I.], 01 mar. 2017. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2639>. Acesso em: 30 maio, 2019.

RIBEIRO, Jaçanã. **Os limites da seriedade nos jogos de verdade: uma genealogia do retórico em Foucault**. 2010. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

ROCHA, Camilo; VICK, Mariana. Qual o papel das ONGs ambientais na Amazônia. **Nexo**, [S.I.], 01 set. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/09/01/Qual-o-papel-das-ONGs-ambientais-na-Amaz%C3%B4nia>. Acesso em: 31 jul. 2020.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Como vencer um debate sem precisar ter razão**. Tradução de Daniela Caldas e Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

SEVERIANO, Pablo. Pesquisar com Michel Foucault. **Textura**, Canoas, v. 18, n. 36, p. 265-285, 2016.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Direita nas redes sociais online. *In*: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 213-230.

SOUZA, Pedro de. **Análise do Discurso**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. Protestos à direita no Brasil (2007-2015) *In*: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p.197-212.

TRISOTTO, Fernanda. Não é só o diesel! 6 atos pouco liberais do governo Bolsonaro na economia. **Gazeta do povo**, [S.I.], 14 abr. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/bolsonaro-liberal-diesel-promessa-campanha-economia/>. Acesso em: 1 nov. 2019.

TRUMP, Donald. **Discurso histórico de Donald Trump na Polônia**. [S.I.]. 07 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YnQax8Vcfys>. Acesso em: 09 jul. 2019.

UNITED NATIONS. **What we do**. Disponível em: <https://www.un.org/en/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

VELASCO E CRUZ. Elementos de reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual. *In*: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 13-47

VIDAL, Camila. Liberalismo e conservadorismo nos Estados Unidos: construção e evolução no século XX. **Campos Neutrais - Revista Latino-Americana de Relações Internacionais**, v. 1, n. 3, 2019. p. 33-55.

VON MISES, Ludwig. **Liberalismo**: segundo a tradição clássica. Rio de Janeiro: José Olympio, Instituto Liberal, 1987.

WILSON, Jason. 'Cultural Marxism': a uniting theory for rightwingers who love to play the victim. **The Guardian**, [S.I.], 19 jan. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jan/19/cultural-marxism-a-uniting-theory-for-rightwingers-who-love-to-play-the-victim>. Acesso em: 07 jul. 2020.

ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo revisa a história em filmes e livros com visão de direita. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/produtora-brasil-paralelo-revisa-a-historia-em-filmes-e-livros-com-visao-de-direita.shtml>. Acesso em: 18 jun. 2020.

ANEXO A

Discurso I: Presidente Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso Nacional- 01 jan. 2019

“Excelentíssimo presidente do Congresso Nacional, senador Eunício Oliveira,

Senhoras e senhores chefes de Estado, chefes de Governo, vice-chefes de Estado e vice-chefes de Governo, que me honram com suas presenças.

Vice-presidente da República Federativa do Brasil, Hamilton Mourão, meu contemporâneo de Academia Militar de Agulhas Negras,

Presidente da Câmara dos Deputados, prezado amigo e companheiro, deputado Rodrigo Maia,

Ex-presidentes da República Federativa do Brasil, senhor José Sarney, senhor Fernando Collor de Mello,

Presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli,

Senhoras e senhores ministros de Estado e comandantes das Forças aqui presentes,

Procuradora-Geral da República, Raquel Dodge,

Senhoras e senhores governadores,

Senhoras e senhores senadores e deputados federais,

Senhoras e senhores chefes de missões estrangeiras acreditados junto ao governo brasileiro,

Minha querida esposa Michelle, daqui vizinha Ceilândia,

Meus filhos e familiares aqui presentes – a conheci aqui na Câmara.

Brasileiros e brasileiras,

Primeiro, quero agradecer a Deus por estar vivo. Que, pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora, operaram um verdadeiro milagre, Obrigado, meu Deus!

Com humildade, volto a esta Casa, onde, por 28 anos, me empenhei em servir à nação brasileira, travei grandes embates e acumulei experiências e aprendizados que me deram a oportunidade de crescer e amadurecer.

Volto a esta Casa, não mais como deputado, mas como Presidente da República Federativa do Brasil, mandato a mim confiado pela vontade soberana do povo brasileiro.

Hoje, aqui estou, fortalecido, emocionado e profundamente agradecido a Deus, pela minha vida, e aos brasileiros, que confiaram a mim a honrosa missão de governar o Brasil, neste período de grandes desafios e, ao mesmo tempo, de enorme esperança. Governar com vocês.

Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica.

Temos, diante de nós, uma oportunidade única de reconstruir o nosso País e de resgatar a esperança dos nossos compatriotas.

Estou certo de que enfrentaremos enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a nos seguir nesta tarefa gloriosa.

Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um País livre das amarras ideológicas.

Pretendo partilhar o poder, de forma progressiva, responsável e consciente, de Brasília para o Brasil; do Poder Central para Estados e Municípios.

Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos.

Por isso, quando os inimigos da Pátria, da ordem e da liberdade tentaram pôr fim à minha vida, milhões de brasileiros foram às ruas. Uma campanha eleitoral transformou-se em um movimento cívico, cobriu-se de verde e amarelo, tornou-se espontâneo, forte e indestrutível, e nos trouxe até aqui.

Nada aconteceria sem o esforço e o engajamento de cada um dos brasileiros que tomaram as ruas para preservar nossa liberdade e democracia.

Reafirmo meu compromisso de construir uma sociedade sem discriminação ou divisão.

Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais da nossa Constituição.

O Pavilhão Nacional nos remete à “Ordem e ao Progresso”.

Nenhuma sociedade se desenvolve sem respeitar esses preceitos.

O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa.

Vamos honrar e valorizar aqueles que sacrificam suas vidas em nome de nossa segurança e da segurança dos nossos familiares.

Contamos com o apoio do Congresso Nacional para dar o respaldo jurídico para os policiais realizarem o seu trabalho.

Eles merecem e devem ser respeitados!

Nossas Forças Armadas terão as condições necessárias para cumprir sua missão constitucional de defesa da soberania, do território nacional e das instituições democráticas, mantendo suas capacidades dissuasórias para resguardar nossa soberania e proteger nossas fronteiras.

Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político que tornou o Estado ineficiente e corrupto.

Vamos valorizar o Parlamento, resgatando a legitimidade e a credibilidade do Congresso Nacional.

Na economia traremos a marca da confiança, do interesse nacional, do livre mercado e da eficiência.

Confiança no cumprimento de que o governo não gastará mais do que arrecada e na garantia de que as regras, os contratos e as propriedades serão respeitados.

Realizaremos reformas estruturantes, que serão essenciais para a saúde financeira e sustentabilidade das contas públicas, transformando o cenário econômico e abrindo novas oportunidades.

Precisamos criar um círculo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico.

Nesse processo de recuperação do crescimento, o setor agropecuário seguirá desempenhando um papel decisivo, em perfeita harmonia com a preservação do meio ambiente.

Dessa forma, todo setor produtivo terá um aumento da eficiência, com menos regulamentação e burocracia.

Esses desafios só serão resolvidos mediante um verdadeiro pacto nacional entre a sociedade e os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, na busca de novos caminhos para um novo Brasil.

Uma de minhas prioridades é proteger e revigorar a democracia brasileira, trabalhando arduamente para que ela deixe de ser apenas uma promessa formal e distante e passe a ser um componente substancial e tangível da vida política brasileira, com o respeito ao Estado Democrático.

A construção de uma nação mais justa e desenvolvida requer a ruptura com práticas que se mostram nefastas para todos nós, maculando a classe política e atrasando o progresso.

A irresponsabilidade nos conduziu à maior crise ética, moral e econômica de nossa história.

Hoje começamos um trabalho árduo para que o Brasil inicie um novo capítulo de sua história.

Um capítulo no qual o Brasil será visto como um País forte, pujante, confiante e ousado.

A política externa retomará o seu papel na defesa da soberania, na construção da grandeza e no fomento ao desenvolvimento do Brasil.

Senhoras e senhores Congressistas,

Deixo esta casa, rumo ao Palácio do Planalto, com a missão de representar o povo brasileiro.

Com a benção de Deus, o apoio da minha família e a força do povo brasileiro, trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos.

Muito obrigado a todos vocês.

Brasil acima de tudo!

Deus acima de todos!”.

ANEXO B

Discurso II: Presidente Bolsonaro após vitória eleitoral (*Facebook*) - 28 out. 2018

“Boa noite!

Ao meu lado a senhora Angela, professora de libras, e minha esposa Michelle, pessoa que nos momentos de alegria e de tristeza sempre esteve ao meu lado.

Eu quero nesse momento agradecer a Deus pela oportunidade e, mais ainda, agradecer a Deus, que pela mãos de médicos, enfermeiros e demais profissionais de saúde da Santa Casa de Juiz de Fora e do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, operaram um verdadeiro milagre, mantendo a minha vida, num momento em que jamais poderia esperar, mas que, graças a Deus, repito, foi superado. Com toda certeza, ele reservou algo para mim e para todos nós aqui no Brasil.

Esse primeiro contato meu, via live, deve-se ao respeito, à consideração e à confiança que tenho pelo povo brasileiro. Também só cheguei aqui, porque vocês, internautas, povo brasileiro, realmente, vocês acreditaram em mim.

Desde o começo há quatro anos, nessa mesa, quando decidi sozinho disputar a Presidência, sabia de todas as dificuldades que teria pela frente. Mas, com 59 de idade à época, não poderia pensar apenas em mim. Disputar mais um mandato de deputado de federal, com toda certeza sendo o mais votado do Rio, ou até mesmo me elegendo senador da República. Depois dos 60, essa vontade se fez cada vez mais presente. Não por obsessão, não por querer ocupar a cadeira presidencial por um motivo pessoal. Ocupá-la sim, para que juntamente com uma boa equipe, boas pessoas ao meu lado, nós pudéssemos ter, sim, mais que esperança, mas a certeza de mudar o destino do Brasil.

Fizemos uma campanha não diferente dos outros, mas como deveria ser feita. Afinal de contas, a nossa bandeira, o nosso slogan eu fui buscar naquilo que muitos chamam de caixa de ferramenta para consertar o homem e a mulher, que é a Bíblia Sagrada. Fomos em João 8:32 "e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará".

Nós temos que nos acostumar a conviver com a verdade. Não existe outro caminho, se quisermos a paz e a prosperidade. A verdade tem que começar a valer dentro dos lares. Até o ponto mais alto que é a Presidência da República.

O povo mais que o dever tem o direito de saber o que acontece no seu país. Graças a Deus, essa verdade o povo entendeu perfeitamente. Alguém sem um grande partido, sem fundo partidário, com a grande parte da grande mídia o tempo todo criticando, colocando-me numa situação muitas vezes próxima a uma situação vexatória.

Aquilo que falava a meu respeito e passou a acreditar na gente e passou a ser, sim, integrante de um grande exército, que sabia para onde o Brasil estava marchando, e clamava por mudanças. Não poderíamos mais continuar flertando com o socialismo, com o comunismo e com o populismo, e com o extremismo da esquerda. Todos nós sabíamos para onde o Brasil

estava... [corte]

Nós fomos declarados vencedores desse pleito. E o que eu mais quero é, seguindo ensinamentos de Deus, ao lado da Constituição brasileira, me inspirando em grandes líderes mundiais e com uma boa assessoria técnica e profissional ao seu lado, isenta de indicações políticas de praxe, começar a fazer um governo a partir do ano que vem que possa realmente colocar o nosso Brasil num lugar de destaque. Temos tudo, tudo, para sermos uma grande nação. E se essa for a vontade... [corte]

Temos condições de governabilidade, dado os contatos que fizemos ao longo dos últimos anos com parlamentares. Todos os compromissos assumidos serão cumpridos, com as mais variadas bancadas⁴, com o povo em cada local do Brasil em que estive presente. E, fazendo um pequeno aparte: nada mais gratificante do que quando estive em Manacapuru, no coração do Amazonas, conversando com pessoas simples, mas que tinham sede de conhecer a verdade e de conversar com alguém que realmente os tratava com o devido respeito e consideração.

Indo para o encerramento: meu muito obrigado a todos vocês, pelo apoio, pela consideração, pelas orações e pela confiança. Vamos juntos, juntos mudar o destino do Brasil. Sabíamos para onde estávamos indo, agora sabemos para onde queremos ir⁵. Meu querido povo brasileiro, meu muito obrigado pela confiança e, no momento, peço a Deus mais uma... [corte] mais uma vez coragem para bem decidir o futuro. [corte]

Estou muito feliz. Em missão não se escolhe, nem se discute, se cumpre. Nós, juntos, cumpriremos a missão de resgatar o nosso Brasil⁶. Um forte abraço a todos e fiquem com Deus.

Fonte: *Folha de São Paulo*

ANEXO C

Discurso III: Presidente Bolsonaro após vitória eleitoral (televisão) - 28 out. 2018

“Conhecereis a verdade e a verdade os libertará. Nunca estive sozinho, sempre senti a presença de Deus e a força do povo brasileiro, orações de homens, mulheres, crianças, famílias inteiras que, diante da ameaça de seguirmos por um caminho que não é o que os brasileiros desejam e merecem, colocaram o Brasil acima de tudo. Faço de vocês minhas testemunhas de que esse governo será um defensor da Constituição, da democracia e da liberdade. Isso é uma promessa não de um partido, não é a palavra de homem, é um juramento a Deus. A verdade vai liberar esse grande país e vai nos transformar em uma grande nação. A verdade foi o farol que nos guiou até aqui e vai seguir iluminando o nosso caminho.

O que ocorreu hoje nas urnas não foi a vitória de um partido, mas a celebração de um país pela liberdade. O compromisso que assumimos com os brasileiros foi de fazer um governo decente, comprometido exclusivamente com o país e o nosso povo e eu garanto que assim o será. Nosso governo será formado por pessoas que tenham o mesmo propósito de cada um que me ouviu nesse momento, o propósito de transformar o Brasil em uma grande, livre e próspera nação. Podem ter certeza de que nós trabalharemos dia e noite para isso.

Liberdade é um princípio fundamental. Liberdade de ir e vir, andar nas ruas em todos os lugares desse país, liberdade de empreender, liberdade política e religiosa, liberdade de fazer, formar e ter opinião, liberdade de escolhas e ser respeitado por elas. Esse é um país de todos nós, brasileiros natos ou de coração. Um Brasil de diversas opiniões, cores e orientações.

Como defensor da liberdade, vou guiar um governo que defenda, proteja os direitos do cidadão que cumpre seus deveres e respeita as leis. Elas são para todos, assim será o nosso governo constitucional e democrático: acredito na capacidade do povo brasileiro que trabalha de forma honesta, de que podemos juntos, governo e sociedade, construir um futuro melhor. Esse futuro de que falo e acredito passa por um governo que crie condições para que todos cresçam. Isso significa que o governo dará um passo atrás, reduzindo sua estrutura e a burocracia, cortando desperdícios e privilégios para que as pessoas possam dar muitos passos à frente. Nosso governo vai quebrar paradigmas, vamos confiar nas pessoas, vamos desburocratizar, simplificar e permitir que o cidadão, o empreendedor, tenha menos dificuldades para criar e construir o seu futuro. Vamos desamarrar o Brasil. Outro paradigma que vamos quebrar: o governo respeitará de verdade a federação. As pessoas vivem nos municípios, portanto os recursos irão para os estados e municípios. Colocaremos de pé a federação brasileira. Nesse sentido, repetimos que precisamos de mais Brasil e menos Brasília. Muito do que estamos fundando no presente trará conquistas no futuro. As sementes serão lançadas e regadas para que a prosperidade seja o desígnio dos brasileiros do presente e do futuro.

Esse não será um governo de resposta apenas às necessidades imediatas, as reformas que nos propomos são para criar um novo futuro para os brasileiros. E quando digo isso, falo com uma mão voltada ao seringueiro no coração da selva amazônica e a outra para o empreendedor suando para criar e desenvolver sua empresa. Porque não existem brasileiros do sul e do norte, somos todos um só país, uma só nação, uma nação democrática.

O Estado democrático de direito tem como um dos seus pilares o direito à propriedade. Reafirmamos aqui o respeito e a defesa desse princípio constitucional e fundador das principais nações democráticas do mundo. Emprego, renda e equilíbrio fiscal é o nosso compromisso para ficarmos mais próximos de oportunidades e trabalho para todos. Quebraremos o ciclo vicioso do crescimento da dívida, substituindo-o pelo ciclo virtuoso de menores déficits, dívida decrescente e juros mais baixos. Isso estimulará os investimentos, o crescimento e a consequente geração de empregos. O déficit público primário precisa ser eliminado o mais rápido possível e convertido em superávit, esse é o nosso propósito.

Aos jovens, palavra do fundo do meu coração: vocês têm vivido um período de incerteza e estagnação econômica, vocês foram e estão sendo testados a provar sua capacidade de resistir. Prometo que isso vai mudar, essa é a nossa missão. Governaremos com os olhos nas futuras gerações e não na próxima eleição.

Libertaremos o Brasil e o Itamaraty das relações internacionais com viés ideológico a que fomos submetidos nos últimos anos. O Brasil deixará de estar apartado das nações mais desenvolvidas, buscaremos relações bilaterais com países que possam agregar valor econômico e tecnológico aos produtos brasileiros. Recuperaremos o respeito internacional pelo nosso amado Brasil. Durante a nossa caminhada de quatro anos pelo Brasil, uma frase se repetiu muitas vezes: “Bolsonaro, você é a nossa esperança”. Cada abraço, cada aperto de mão, cada palavra ou manifestação de estímulo que recebemos nessa caminhada fortaleceram o nosso propósito de colocar o Brasil no lugar que merece. Nesse projeto que construímos, cabem todos aqueles que têm o mesmo objetivo que o nosso.

Mesmo no momento mais difícil dessa caminhada, quando, por obra de Deus e da equipe médica de Juiz de Fora e do Albert Einstein, ganhei uma nova certidão de nascimento. Não perdemos a convicção de que juntos poderíamos chegar à vitória. É com essa mesma convicção que afirmo: ofereceremos a vocês um governo decente, que trabalhará verdadeiramente por todos os brasileiros. Somos um grande país e agora vamos, juntos, transformar esse país em uma grande nação, uma nação livre, democrática e próspera. Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”.

Fonte: Revista *Exame*

ANEXO D

Discurso IV: Presidente Bolsonaro após vitória eleitoral (*Facebook*) - 28 out. 2018

“Boa noite pessoal, voltamos. O objetivo principal dessa breve live aqui é se comunicar com milhares de pessoas que estão na frente do meu condomínio, aqui na Barra da Tijuca, mas por questão de segurança eu não posso sair, mas vale pra todos que estão nas ruas, estão felizes com o resultado das eleições. Eu não posso negar que também estou muito feliz e muito confiante que possa realmente contribuir com o futuro da nossa nação.

Eu quero agradecer a todos vocês mais uma vez, internauta, você cidadão comum, você homem e mulher do povo que há muito me acompanham e nos ajudam e nos ajudaram na divulgação daquilo que nós pensamos para o nosso Brasil. Foram quase três anos de muito sacrifício, mas também muito, muito compensador, quando no final de tudo aquilo que plantamos ao longo desse tempo, vem a vitória e a vitória vem pra mostrar realmente que o eleitor brasileiro não é refém desse ou daquele partido.

O nosso partido é o Brasil e vocês votaram num candidato do Brasil, se bem que agora nos elegemos Presidente em assumindo o ano que vem seremos um presidente de todos (porque) eu vou buscar é seguindo o exemplo do patrono do exército brasileiro, Duque de Caxias, é buscar pacificar o nosso Brasil, e nós pacificados, sem eles contra nós ou nós contra eles, nós temos como fazer políticas que atendam ao interesse de todos. Queremos um ensino de qualidade, onde no final da linha tenhamos jovens realmente formados (como) bons profissionais, quer sejam bons patrões, bons empregados ou bons liberais, queremos é isso.

Queremos sim botar gente competente nos Ministérios, de modo que eles possam atender às necessidades da população e não de agremiações político-partidárias como foi feito ao longo dos últimos anos. Somente dessa forma nós podemos sim resgatar o nosso Brasil.

Acabei de receber ligação de alguns líderes, entre eles o Presidente dos Estados Unidos acabou de nos ligar, nos desejou boa sorte e obviamente foi um contato bastante amigável, e nós queremos sim nos aproximar de vários países do mundo, sem o viés ideológico, por isso, a necessidade de termos um bom ministro das relações exteriores, que converse com o mundo todo, pensando, então, num projeto de o Brasil fazer comércio, logicamente sem prejudicar o nosso, o nosso empresário, o nosso industrial aqui no Brasil, buscando então parcerias com esses países, de modo que a nossa economia comece realmente a andar.

No mais, também vamos aqui junto ao Ministério da Educação deixar de lado qualquer temática voltada para a ideologia ou voltada para o desgaste dos valores familiares. A família estará em primeiro lugar no Ministério da Educação e queremos que a garotada também se forme de acordo com o currículo, que ela venha a ser alguém produtivo para si e para o seu País.

Meu muito obrigada a todos vocês, se não fosse vocês, repito, não teria chegado a essa equação, estou muito feliz por um lado e muito preocupado pelo outro, pelos tamanhos dos desafios que nós teremos pela frente. Vamos unir a todos, não haverá distinção entre nós, seremos um só povo, um só País, sob uma só bandeira, um só hino, construiremos, então, o

futuro do nosso Brasil. Meu muito obrigada, mais uma vez a todos, em especial agora quem está na frente do meu condomínio, dizer que eu gostaria muito de ir pra aí e bater um papo com vocês, mas infelizmente, a questão de segurança, até por imagens que tivemos, não é possível a minha saída.

Brasileiros e Brasileiras, um grande abraço a todos vocês, meu muito obrigada pelo apoio, pela consideração, pelas orações e pela confiança. Realmente não tem preço o que vocês fizeram por mim e eu peço a Deus, eu peço a Deus que mais que inteligência, nos dê forças para bem conduzirmos o futuro do nosso Brasil. Meu muito obrigada a todos e até uma nova oportunidade se Deus quiser. Tamo juntos!”

Fonte: *Facebook* (transcrito pela autora)

ANEXO E

Discurso V: Ministro Araújo durante cerimônia de Posse no MRE – 2 jan. 2019

“Meu ilustre antecessor, Senador Aloysio Nunes Ferreira, senhora Gisele, excelentíssimo senhor ministro José Antonio Dias Toffoli, presidente do Supremo Tribunal Federal, excelentíssimo senhor presidente Fernando Collor de Mello, sua Alteza Imperial e Real Dom Bertrand de Orleans e Bragança, que juntamente com os presidentes Toffoli e Collor muito honram essa Casa e muito me honram pessoalmente, cuja presença muito agradeço, excelentíssimo Dom Giovanni d'Aniello, Núncio Apostólico, excelentíssimos demais chefes de missões diplomáticas acreditadas junto ao Governo do Brasil, excelentíssima senhora Tereza Cristina, ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, excelentíssimo senhor Ricardo de Aquino Salles, ministro de Estado do Meio Ambiente, excelentíssimo general Carlos Alberto dos Santos Cruz, ministro da Secretaria de Governo, excelentíssima senhora Raquel Elias Ferreira Dodge, procuradora-geral da República, excelentíssimo senhor Senador Flávio Bolsonaro, excelentíssimos demais senhores senadores e deputados, excelentíssimos senhores secretários executivos, excelentíssimas demais autoridades civis, militares, eclesiásticas, senhores embaixadores, minha mulher, Maria Eduarda, minha filha, Clarice, meus enteados, Joaquim e Pedro, minha mãe, Marylin, meu padastro Luís Carlos, minha irmã Lismary, meu sogro, embaixador Luis Felipe de Seixas Correa, grande chefe desta Casa, minha sogra, Marilu de Seixas Correa, meus queridos amigos, colegas,

Inicialmente, gostaria de agradecer muito vivamente as palavras tão amáveis do ministro e senador Aloysio Nunes a meu respeito. Agradeço, muito tocado, sua deferência e gostaria de dizer que a história sempre lembrará a sua condução sempre segura, serena, competente, dessa Casa, em momentos difíceis, e queria dizer que tive muito orgulho em trabalhar sob sua chefia em temas importantes desse Ministério. O senhor deixará um legado muito importante para o Itamaraty.

Gostaria de começar com uma frase que é absolutamente fundamental para entender o que está acontecendo no Brasil. Vou dizê-la de uma maneira diferente do que vocês estão acostumados a ouvir:

Gnosesthe ten aletheian kai he aletheia eleutherosei humas.

"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará".

Essa convicção íntima e profunda animou o presidente Jair Bolsonaro na luta extraordinária que ele travou e está travando para reconquistar o Brasil e devolver o Brasil aos brasileiros.

Nesse versículo de São João há três conceitos cruciais para o pensamento humano, para a vida humana e para o nosso momento histórico. Nós temos *Gnosis*, que é o conhecimento,

Aletheia, a verdade, e *Eleuthería*, a liberdade.

Aletheia. A tradução mais literal dessa palavra grega seria “desvelamento”, ou, melhor ainda, “desesquecimento”. *Lethe* é esquecimento. *Lethe* é o rio do esquecimento que, na tradição grega, os mortos cruzavam para ir para o outro lado. Então *Aletheia* é cruzar o rio de volta para cá. *Aletheia* é a superação do esquecimento. Algo que está esquecido e escondido e que de repente se recupera. *Aletheia* envolve uma experiência autêntica, individual, sentimental, de tal maneira que o nosso conceito atual de “verdade” é muito pobre diante desse conceito original. Nosso conceito de verdade normalmente se refere apenas à verdade factual, é um conceito um pouco técnico e frio, quando deveria ser algo orgânico e vivido.

A *Aletheia* nos faz desesquecer e reconectar-nos conosco mesmo, e nesse redescobrimento e reconexão conosco mesmos é que a verdade liberta. Pois onde estava preso aquele que se vê libertado pela verdade? Estava preso fora de si mesmo. Estava procurando ser o que não é. O Brasil estava preso fora de si mesmo. E eu arriscaria dizer que a política externa brasileira estava presa fora do Brasil.

Eleuthería, eleutherosei humas. *Eleuthería* é outra palavra genial criada pelos gregos. Eu não conheço nenhuma outra língua antiga, não conheço tantas, enfim, não conheço hitita, não conheço sânscrito, mas não conheço nenhuma outra língua antiga que possua esse conceito, exceto o latim *libertas*, mas que já é uma tradução tardia do grego. Então, mesmo assim, na Grécia antiga, *eleuthería* significava basicamente a liberdade civil, era um termo jurídico. Somente com a literatura cristã, e, especialmente com esse trecho de São João, *eleutheria* se tornou algo mais completo, mais profundo e mais elevado.

É um conceito que se desgastou também ao longo dos séculos, a palavra liberdade se desgastou ao longo dos séculos, mas preserva uma força incrível. A palavra liberdade ainda é uma palavra que acende o coração das pessoas. A pessoa pode estar lá, desanimada, no seu canto, mas quando escuta a palavra “liberdade”, não há quem não levante a cabeça, subitamente alerta, e pergunte: liberdade? Onde? Eu quero.

O presidente Bolsonaro está libertando o Brasil, por meio da verdade. Nós vamos também libertar a política externa brasileira, vamos libertar o Itamaraty, como o presidente Bolsonaro prometeu que faríamos, em seu discurso de vitória.

Bem, nós falamos da verdade e da liberdade, mas ainda não falamos do conhecimento, da *gnosis*. A verdade liberta, mas para chegar à verdade é preciso conhecê-la. E não se trata aqui de um conhecimento racional, pois a verdade não pode ser ensinada, a verdade nesse sentido profundo não pode ser ensinada por dedução analítica. *Gnosis* é o conhecimento no sentido de uma experiência mais íntima. A verdade é essencial, mas não pode ser ensinada nem aprendida. Mas se é assim, como é que nós vamos conhecer a verdade, que é a chave de isso tudo?

Para explicar isso eu queria apelar a um brasileiro ilustre, Renato Russo, quando ele diz: “é só o amor, é só o amor que conhece o que é verdade”.

Não são a cautela ou a prudência que conhecem o que é a verdade, mas o amor. A cautela, a prudência e o pragmatismo são bons instrumentos, quando sabemos para onde queremos ir,

mas eles não nos ensinam para onde ir, não nos mostram o que somos, não nos explicam a nós mesmos.

É só o amor que explica o Brasil. O amor, o amor e a coragem que do amor decorre, conduziram os nossos ancestrais a formarem esta nação imensa e complexa. Nós passamos anos na escola, quase todos nós, eu acho, escutando que foi a ganância ou o anseio de riqueza, ou pior ainda, o acaso, que formou o Brasil, mas não foi. Foram o amor, a coragem e a fé que trouxeram até aqui, através do oceano, através das florestas, pessoas que nos fundaram, pessoas que disseram coisas como esta que vou ler agora:

Anuê Jaci, etiniseмба-ê
Indê irú manunhê
Yara rekô embobeuká tupirá
Rekôku ya subí
Embobeuká tupirabê
Nge membyrá Tupã

Essa é a Ave Maria em tupi, na versão original do Padre José de Anchieta, onde ele traduz Maria por Jaci, a lua, *Anuê Jaci*, e Jesus por Tupã, o trovão.

E aqui precisamos da *Aletheia*. O desesquecimento. Precisamos libertar a nossa memória histórica da qual essa modesta oração faz parte.

Para libertar o Itamaraty através da verdade, precisamos recuperar o papel do Itamaraty como guardião da continuidade da memória brasileira.

Eu me lembro da emoção que eu senti pela primeira vez, quando era Terceiro Secretário, que subi as escadas para este terceiro andar, e vi, logo ao subir a escada, o quadro da Coroação de Dom Pedro I e o quadro do Grito do Ipiranga. Imediatamente, eu, que tinha 22 anos, me lembrei de quando tinha 5 anos e assisti maravilhado no cinema ao filme "Independência ou Morte", com Tarcísio Meira e Glória Menezes. E pensei: então tudo isso existe, né? Tudo isso existe... e tudo isso é aqui!

Eu me lembro desse momento muito marcadamente e eu percebi: olha, isso aqui não é simplesmente uma repartição pública, isso aqui é uma espécie de um santuário. É uma espécie de túnel do tempo, onde os heróis estão vivos, os heróis famosos e os heróis anônimos, onde nós convivemos com os descobridores, com Alexandre de Gusmão, José de Anchieta, com D. João VI, com os Imperadores e as princesas, com os bandeirantes e os abolicionistas, com os seringueiros e garimpeiros e tropeiros que construíram essa nação, e até mesmo com o estranho caso de um Barão monarquista que se tornou o grande ídolo da República.

Eu não sei se alguns de vocês já tenham assistido provavelmente a um seriado espanhol chamado *Ministerio del Tiempo*. Eu recomendo. E eu diria que o Itamaraty, em certo sentido, não é somente um Ministério das Relações Exteriores, é também um Ministério do Tempo. Como talvez nenhuma outra instituição no Brasil, nós temos a responsabilidade de proteger e regar esse tronco histórico multissecular por onde corre a seiva da nacionalidade.

O presidente Bolsonaro disse que nós estamos vivendo o momento de uma nova

Independência. É isso que os brasileiros profundamente sentimos. E deveríamos senti-lo e vivê-lo ainda mais aqui no Itamaraty, onde a história está tão presente. Deveríamos deixar fluir por estes salões e corredores a emoção deste novo nascimento da pátria.

Precisamos esquecer e lembrar de quem somos, de quem estamos voltando a ser.

Diz o lema do Barão: *Ubique Patriae Memor*. Normalmente se traduz como “em todos os lugares, lembrar-se da pátria.” Aqui, os senhores me perdoarão a um professor de latim frustrado, que nunca fui, antes de querer ser diplomata, para dizer que está errada essa tradução. *Memor* é uma primeira pessoa. Então, na verdade é: “em todos os lugares, eu me lembro da pátria.” É um compromisso de vida pessoal que cada um de nós assume, e não uma simples anotação na agenda. Onde quer que seja, eu me lembro da pátria. E “eu me lembro da pátria” aqui não significa simplesmente que, quando estamos no exterior, devemos pensar no Brasil. Significa, se nós pensarmos no conceito de *Aletheia*: eu sinto essa verdade profunda que é a pátria, eu sinto o que é ter uma pátria e lembrar-se da pátria, portanto, como uma verdade central, essa verdade que liberta e que só se pode conhecer pelo amor.

Lembrar-se da pátria. Não é lembrar-se da ordem liberal internacional, não é lembrar-se da ordem global, não é lembrar-se do que diz o último artigo da *Foreign Affairs* ou a última matéria do *New York Times*. É lembrar-se da pátria como uma realidade essencial.

Não estamos aqui para trabalhar pela ordem global. Aqui é o Brasil.

Não tenham medo de ser Brasil.

Não tenham medo.

Pensem, por exemplo, em Dom Sebastião. Quando preparava sua expedição à África, algum nobre da corte portuguesa perguntou a Dom Sebastião se ele não tinha medo. Dom Sebastião olhou e perguntou: “De que cor é o medo?”

Alguém objetará que Dom Sebastião morreu pouco depois no areal do *Alcácer Quibir*, que é verdade, mas nós estamos falando aqui dele, não é? Nós sabemos quem ele é. Dom Sebastião se tornou um mito, aquele que há de voltar das ondas do mar, num dia de muita névoa. Nós não nos lembramos das pessoas que ficaram em casa, daqueles que não foram ao *Alcácer Quibir*. A *Aletheia* que liberta está com os que foram, com os que seguiram a bandeira dos seus reis e dos seus santos, sem saber se iriam voltar, sem se importar se iriam voltar.

O mito ensina a não ter medo, e é curioso que o mito é o mito e no momento atual o mito é o apelido carinhoso que o povo brasileiro deu ao presidente Bolsonaro.

Marcel Proust dizia que os nossos sentimentos vão se atrofiando por medo, por medo de sofrer. E eu acho que a nossa política externa vem se atrofiando por medo de ser criticada. Então não tenham medo de sofrer e não tenham medo de ser criticados.

Por sua vez, Clarice Lispector dizia, falando do Brasil e do nacionalismo: “A nossa evidente tendência nacionalista não provém de nenhuma vontade de isolamento: ela é movimento sobretudo de autoconhecimento.” Autoconhecimento, a verdade. *Aletheia*, a verdade que

liberta.

Então, para não ter medo, vamos ler menos *Foreign Affairs*, e mais Clarice Lispector ou Cecília Meireles.

Vamos ler menos *The New York Times*, e mais José de Alencar e Gonçalves Dias.

Vamos escutar menos a CNN e mais Raul Seixas.

Por que Raul Seixas? "Não fiquemos no trono de um apartamento", ou de uma Embaixada, "com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar".

Vamos fazer alguma coisa pelas nossas vidas e pelo nosso país. Mergulhemos no oceano de sentimento e na esperança do nosso povo. Não mergulhemos nessa piscina sem água que é a ordem global.

O Itamaraty existe para o Brasil, não existe para a ordem global.

O Itamaraty existe para o Brasil, não existe para si mesmo. Nós somos uma casa de excelência? Somos, claro que sim. Mas para sê-lo precisamos mostrá-lo, e não ficar simplesmente repetindo isso uns para os outros. Nós vamos cuidar da nossa administração, do fluxo de carreira, vamos solucionar esse e muitos outros problemas, se Deus quiser, que legitimamente afligem a instituição, para que o Ministério possa melhor se capacitar para sua tarefa maior. Queria dizer que nós não precisamos e não vamos abrir os quadros do Itamaraty para pessoas de fora da carreira, além dos casos que já existem. O presidente Bolsonaro confia plenamente na capacidade dessa casa e dessa carreira de implementar a sua política. Nós simplesmente estamos tomando a medida de flexibilizar a ocupação de cargos no Itamaraty por funcionários da carreira em determinados níveis hierárquicos justamente para arejar o fluxo da carreira e inclusive estimular os nossos colegas a ocuparem esses cargos.

Nós temos tradições, é claro, mas precisamos empregá-las como estímulo para buscar a verdade e a liberdade, como serviço à pátria, como serviço a todos os brasileiros, tanto os mais humildes, quanto os mais afortunados do nosso povo, esse povo que uma ideologia perversa não mais divide.

Temos tradições, mas, como dizia o Embaixador Azeredo da Silveira, na frase famosa, "a maior tradição do Itamaraty é saber renovar-se".

Eu quando ingressei no Itamaraty, repetia-se essa frase a torto e a direito. Você não conseguia cruzar um corredor sem ouvir essa frase da tradição do Itamaraty sabendo renovar-se; mas há alguns anos, há muito tempo, eu pessoalmente já não tenho escutado essa frase. Não sei bem porquê. Talvez seja por um pouco desse ensimesmamento, de um certo comodismo que se criou.

Nós nos apegamos muito à nossa própria autoimagem e fizemos dela uma espécie de um ídolo, e ficamos nos olhando um pouco no espelho e dizendo que nós somos o máximo, e dizendo que os Governos não nos entendem, mas que o Itamaraty está acima dos Governos. Nós nos tornamos diplomatas que fazem coisas que só são importantes para outros

diplomatas. Isso precisa acabar. Deixemos de olhar no espelho e passemos a olhar pela janela. Ou melhor ainda, vamos sair à rua para o Brasil verdadeiro.

Não tenhamos medo do povo brasileiro. Somos parte do povo brasileiro.

Certa vez, ainda no Instituto Rio Branco, eu ouvi de um diplomata antigo o seguinte: que o Itamaraty não pode ser melhor do que o Brasil. Nessa época, eu tomei isso como um sinal de um grande pessimismo. Era um momento difícil na história do Brasil e eu achei que ele estava dizendo, olha, o Brasil está ruim, e o Itamaraty está igual. Mas hoje eu acho que finalmente eu compreendo o que ele queria dizer. O Itamaraty não pode achar que é melhor do que o Brasil. O Itamaraty não pode achar que não faz parte do Brasil. Fazemos parte, voltamos a fazer parte de uma aventura magnífica.

A partir de hoje, o Itamaraty regressa ao seio da pátria amada.

O Itamaraty voltou, porque o Brasil voltou.

Fernando Pessoa afirmava o seguinte: o poeta superior diz o que pensa. Ou melhor, o poeta superior diz o que sente. O que pensa, também. “O poeta superior diz o que sente. O poeta médio diz o que decide sentir. O poeta inferior diz o que acha que deve sentir.” O mesmo talvez se possa dizer do diplomata. E o mesmo se aplica ao um país na sua presença internacional.

Por muito tempo o Brasil dizia o que achava que devia dizer. Era um país que falava para agradar os administradores da ordem global. Queríamos ser um bom aluno na escola do globalismo, e achávamos que isso era tudo. Éramos um país inferior, aplicando a classificação de Fernando Pessoa.

Mas o Brasil volta a dizer o que sente, e a sentir o que é.

Vocês podem dizer que isso é “quixotesco”, talvez, e as pessoas nos chamam, às vezes, ou me chamam de tantas coisas bem piores, que então “quixotesco”, só para dizer que talvez já estaria bom, “quixotesco” já seria um bom adjetivo. Mas isso me lembra algo que escutei do Professor Olavo de Carvalho, um homem que, após o presidente Jair Bolsonaro, talvez seja o grande responsável pela imensa transformação que o Brasil está vivendo. Certa vez eu ouvi o Professor Olavo referir-se a um trecho do Dom Quixote de Cervantes, que é talvez o ponto central dessa obra. É quando Dom Quixote está caído à beira do caminho, em algum lugar de La Mancha, em espécie de delírio, e começa a conversar com os passantes como se fossem o marquês disso, o conde daquilo, ou algum herói de cavalaria, enquanto fala das suas próprias façanhas. Lá pelas tantas, ele se refere a um camponês que está passando como “Marquês de Mântua”. E o camponês pára e olha para ele e diz: “Peraí. Eu sei quem é o senhor. Eu não sou marquês de Mântua, eu sou seu vizinho, Pedro Alfonso. E o senhor não é Dom Quixote, o senhor é um bom homem, que conheço há muitos anos, o senhor é Alonso Quijano.” E Dom Quixote pára um segundo, pensa, e responde: “Yo sé quién soy.”

Algumas pessoas dirão que o Brasil não é isso tudo que o presidente Bolsonaro acredita e que eu também acredito, dirão que o Brasil não tem capacidade de influir nos destinos do mundo, de defender os valores maiores da humanidade, que devemos apenas exportar produtos e

atrair investimentos, pois afinal somos um bom país, quieto e pacífico, mas não temos poder para nada. Dirão que o Brasil é apenas Alonso Quijano. Mas o Brasil responderá: Eu sei quem eu sou.

Eu sei quem eu sou.

Somos um país universalista, é certo, e a partir desse universalismo queremos construir algo bom e produtivo com cada parceiro. Mas universalismo não significa não ter opiniões. Universalismo não significa uma geléia geral. Não significa querer agradar a todos. A vocação do Brasil não é ser um país que simplesmente existe para agradar. Queremos ser escutados, mas queremos ser escutados não por repetir alguns dogmas insignificantes e algumas frases assépticas, queremos ser escutados por ter algo a dizer.

Nós buscaremos as parcerias e as alianças que nos permitam chegar aonde queremos, não pediremos permissão à ordem global, o que quer que ela seja. Defenderemos a liberdade e a vida. Defenderemos o direito de cada povo de ser o que é, com liberdade e dignidade, com a dignidade que unicamente a liberdade proporciona.

Quem ama, luta pelo que ama. Então nós admiramos quem luta, admiramos aqueles que lutam pela sua pátria e aqueles que se amam como povo, por isso admiramos por exemplo Israel, que nunca deixou de ser uma nação ,mesmo quando não tinha solo – em contraste com algumas nações de hoje, que mesmo tendo seu solo, suas igrejas e seus castelos já não querem ser nação. Por isso admiramos os Estados Unidos da América, aqueles que hasteiam sua bandeira e cultuam seus heróis. Admiramos os países latino-americanos que se libertaram dos regimes do Foro de São Paulo. Admiramos nossos irmãos do outro lado do Atlântico que estão construindo uma África pujante e livre. Admiramos os que lutam contra a tirania na Venezuela e em outros lugares. Por isso admiramos a nova Itália, por isso admiramos a Hungria e a Polônia, admiramos aqueles que se afirmam e não aqueles que se negam. O problema do mundo não é a xenofobia, mas a oikofobia – de oikos, oikía, o lar. Oikofobia é odiar o próprio lar, o próprio povo, repudiar o próprio passado.

É mais fácil não amar, não lutar, porque amar e lutar também significam sofrer, significam muitas vezes não ser compreendido, significam suscitar o ódio, o desprezo, a inveja – então muitas nações, assim como muitas pessoas optam pelo conforto e pela facilidade de não amar e de não lutar. Nós aqui não optamos nem pelo conforto, nem pela facilidade.

Além da oikofobia, o ódio contra o próprio lar, deveria preocupar-nos, também, cada vez mais, a teofobia, o ódio contra Deus. Há uma teofobia horrenda, gritante, na nossa cultura. Não só no Brasil, em todo o mundo. Um ódio contra Deus, proveniente sabe-se lá de onde, canalizado por todos os códigos de pensamento e de não-pensamento que perfazem a agenda global.

Para destruir a humanidade é preciso acabar com as nações e afastar o homem de Deus, e é isso que estão tentando, e é contra isso que nos insurgimos.

O globalismo se constitui no ódio, através das suas várias ramificações ideológicas e seus instrumentos contrários à nação, contrários à natureza humana, e contrários ao próprio nascimento humano. Nação, natureza e nascimento, todos provém da mesma raiz etimológica

e isso se dá porque possuem entre si uma conexão profunda. Aqueles que dizem que não existem homens e mulheres são os mesmos que pregam que os países não têm direito a guardar suas fronteiras, são os mesmos que propalam que um feto humano é um amontoado de células descartável, são os mesmos que dizem que a espécie humana é uma doença e que deveria desaparecer para salvar o planeta. Por isso a luta pela nação é a mesma luta pela família e a mesma luta pela vida, a mesma luta pela humanidade em sua dignidade infinita de criatura.

Quando eu era criança, ouvia, e adolescente também, ouvia muita gente dizendo: “O mundo caminha inexoravelmente para o socialismo”. Mas não caminhou. Não caminhou porque alguém foi lá e não deixou.

Hoje escutamos que a marcha do globalismo é irreversível.

Mas não é irreversível.

Nós vamos lutar para reverter o globalismo e empurrá-lo de volta ao seu ponto de partida.

Nós queremos levar a toda parte o grito sagrado da liberdade, *eleuthería*. Esse foi o primeiro grito de guerra do Ocidente em seu nascimento, na batalha de Salamina, *Eleutheroûte Patrída*. Libertai a pátria.

Então temos aqui o Barão dizendo “eu me lembro da pátria”, eu trago a pátria de dentro do seu escondimento, eu vivo a pátria na verdade. E temos Ésquilo gritando pela liberdade, libertai a pátria, *Eleuthería*. Mas *Aletheia* e *Eleuthería* só são possíveis pelo conhecimento da pátria, que se dá pelo amor.

Um dos instrumentos do globalismo, para abafar aqueles que se insurgem contra ele, é espalhar que, para fazer comércio e negócios, não se pode ter ideias nem defender valores. Nós provaremos que isso é completamente falso. O Itamaraty terá, a partir de agora, o perfil mais elevado e mais engajado que jamais teve na promoção do agronegócio, do comércio, dos investimentos e da tecnologia. De fato, ao se distanciar do Brasil e do povo brasileiro, o Itamaraty havia se distanciado também do setor produtivo nacional. Pois agora estaremos junto com o setor produtivo nacional, como nunca estivemos. Nós não vamos mais apenas “acompanhar os temas”, como se diz no jargão antigo, o jargão daquele Itamaraty fechado ao povo. O Itamaraty não será mais um Ministério que só fica olhando. Vamos trabalhar sem descanso para promover o comércio agrícola, a indústria, o turismo, a inovação, a capacitação tecnológica, os investimentos em infraestrutura e energia, avançando ombro a ombro com os outros Ministérios – graças a essa extraordinária equipe ministerial que o presidente Bolsonaro criou com um espírito de harmonia e um sentido de missão sem precedentes.

Quando digo extraordinária me excetuo, porque não quero falar de mim mesmo. Estou falando dos outros 21 ministros.

Formularemos com cada parceiro internacional um programa de trabalho específico, para desenvolver o potencial de cada relação, de maneira criativa e dinâmica. Para isso contaremos, entre outros, com esse instrumento extraordinário que é a APEX, uma APEX renovada, redinamizada e integrada ao conjunto da nossa estratégia de política externa.

Contaremos também com um setor de Promoção Comercial dentro do Itamaraty que multiplicaremos por quatro, vamos desburocratizar os setores de promoção comercial nas Embaixadas no Exterior, transformando-os em verdadeiros escritórios comerciais capazes de gerar negócios e ocupar novos mercados para os nossos produtores.

Implementaremos uma política de negociações comerciais para os dias de hoje. Estivemos negociando acordos comerciais, alguns mais exitosamente, outros menos, mas em muitos casos no modelo dos anos 90. Em alguns casos também estamos negociando esses acordos desde os anos 90, e até agora, em alguns casos, vão involuindo com o passar do tempo. Nós negociamos esses instrumentos em abstrato, e não aquilo que deveríamos fazer, que são entendimentos efetivos direcionados às nossas potencialidades concretas. Nós negociamos muitas vezes a partir de uma posição de fraqueza, como se estivéssemos implorando acesso a mercados, quando na verdade deveríamos negociar a partir de uma posição de força, como um dos maiores e potencialmente o maior produtor de alimentos do mundo, por exemplo.

Nós orientaremos todas as relações bilaterais e multilaterais para a geração de resultados concretos para o emprego, a renda e para a segurança dos brasileiros. Ao mesmo tempo que as relações bilaterais, investiremos renovado esforço também nas negociações multilaterais, especialmente na OMC, que está construindo uma nova e promissora agenda da qual, hoje, o Brasil ainda está de fora, mas na qual entrará com todo o seu peso e toda sua criatividade.

No sistema multilateral político, especialmente na ONU, vamos reorientar a atuação do Brasil em favor daquilo que é importante para os brasileiros – não do que é importante para as ONGs. Defenderemos a soberania. Defenderemos a liberdade – a liberdade de expressão, a liberdade de crença, a liberdade na internet, a liberdade política. Defenderemos os direitos básicos da humanidade, o principal dos quais talvez seja, se me permitem usar o título de uma novela dos anos 60, o direito de nascer.

Abriremos o Itamaraty para a sociedade, seremos a casa de todos os brasileiros. Muito se escuta que o brasileiro não se interessa por política externa. Na verdade, o brasileiro não se interessava por política externa quando achava que política externa era simplesmente um exercício de estilo, infinitas variações para não dizer nada em um discurso da ONU. Desde a eleição do presidente Bolsonaro, o brasileiro está profundamente interessado e envolvido em política externa, mesmo porque o presidente dá uma atenção enorme a essa área, pois a considera algo profundamente integrado na vida nacional, e não alguma disciplina arcana à qual só teriam acesso alguns especialistas. O brasileiro sente que na frente externa se dá uma das principais, senão a principal batalha pelos seus ideais e valores mais profundos. O brasileiro entende que da frente externa depende em grande medida a sobrevivência e o êxito do projeto de redescoberta e libertação, esta aventura de *aletheia* e *eleuthería* que estamos vivendo com amor e com coragem.

Falar com a sociedade não é simplesmente falar, é principalmente ouvir. Vou dar um exemplo do que temos para ouvir. É o comentário de uma pessoa que segue a minha conta do *tweeter*, que diz o seguinte... li isso ontem: “Antes eu não entendia o amor do povo da Inglaterra pela rainha. Agora entendo. Quando temos alguém que ama seu país e seu povo e os defende, ganha amor e respeito. Não conhecíamos isso antes de Bolsonaro.”

A isso me proponho aqui. Fazer do Itamaraty um instrumento de amor pelo nosso país e pelo

nosso povo.

Estou certo de que podemos tornar o Brasil ao mesmo tempo mais competitivo e mais autêntico, ao mesmo tempo mais econômica e comercialmente dinâmico e mais verdadeiro, mais respeitado internacionalmente e mais fiel a si mesmo.

Não deixem o globalismo matar a sua alma em nome da competitividade. Não acreditem no que o globalismo diz quando diz que para ter eficiência econômica é preciso sufocar o coração da pátria e não amar a pátria. Não escutem o globalismo quando ele diz que paz significa não lutar.

Os senhores me perguntarão: e como faremos isso?

Pela palavra.

Acreditemos no poder infinito da palavra, que é o logos criador.

O presidente Jair Bolsonaro está aqui, chegou até aqui, e nós com ele, porque diz o que sente. Porque diz a verdade. E isso é o logos.

Eu vou terminar falando do princípio e citando novamente São João, a abertura do Evangelho de São João, quando diz “en archê ên ho logos”. O princípio era o logos. A palavra. O verbo. Archê, a última palavra em grego que eu vou dizer aqui hoje, significa princípio, tanto no sentido de início, quanto no sentido, principalmente, de força estruturante, princípio estruturante. A realidade, pelo menos a realidade humana, está estruturada em torno da linguagem, da palavra, do verbo, portanto do logos.

Tudo o que temos, tudo de que precisamos, é a palavra. Ela está aprisionada, mas com amor e com coragem havemos de libertá-la.

Que Deus abençoe a todos vocês, aos que crêem e aos que não crêem, aos que estão conosco e aos que ainda não estão conosco. Que Deus abençoe o presidente Jair Bolsonaro e que Deus abençoe o Brasil.

Anuê Jaci!

Muito obrigado”.

Fonte: Site do Ministério das Relações Exteriores.



Emitido em 22/09/2020

DISSERTAÇÃO Nº 3/2020 - PPGEL - CH (10.17.08.05.01.09.08.03)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 29/09/2020 15:15)

GIOVANA SANTOS DA SILVA

SECRETARIO EXECUTIVO

CAPPG - CH (10.17.08.05.01.09.08)

Matrícula: 1946406

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.uffs.edu.br/documentos/> informando seu número: **3**, ano: **2020**, tipo: **DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **29/09/2020** e o código de verificação: **f7dd091e2d**